RELATÓRIO TÉCNICO DO XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM ANO 2024



Organizadoras
Vania Malagutti Fialho e Adriana Bozzetto



XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

21 a 23 de novembro de 2024

Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc

Associação Brasileira de Educação Musical

Diretoria da ABEM (2024-2026)
Mário André Wanderley Oliveira, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Presidente)
Thaís Lobosque Aquino, Universidade Federal de Goiás (Vice-Presidente)
Tainá Maria Magalhães Façanha, Universidade do Estado do Pará (Primeira Tesoureira)
Fernando Stanzione Galizia, Universidade Federal de São Carlos (Segundo Tesoureiro)
Jéssica de Almeida, Universidade de Brasília (Primeira Secretária)
Ziliane Lima de Oliveira Teixeira, Universidade Federal de Alagoas (Segunda Secretária)

Coordenadora da ABEM na Região Sul (2024-2026)
Adriana Bozzetto, Universidade Federal do Pampa

COMISSÃO ORGANIZADORA
XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM 2024 – MARINGÁ (PR)

Coordenação geral:
Adriana Bozzetto (UNIPAMPA)
Vania Malagutti Fialho (UEM)

Presidência do Comitê Científico:
Cássia Virgínia Coelho de Souza (UEM)

Presidência do Comitê Pedagógico:
Solange Maranho (UNESPAR)

Coordenação Artística:
Simone Cit (UEM)

Coordenação do Fórum dos Coordenadores das Licenciaturas:
Sandra Mara da Cunha (UDESC)

Coordenação do Fórum de Estudantes:
Eduardo Pacheco (UERGS)
Matheus de Carvalho Leite (UNIPAMPA)

Suporte técnico e Infraestrutura:
Daisy Fragoso (UEM)
Larissa Dias (UEM/SESC)
Mariana Ferraz Simões Hammerer (UEM)
Natali Pardo (UEM)
Nicole Penteado (UEM)

Monitores/as

Bruno Nogueira
Bruno Shinji
Desirée de Jesus
Eliane Lança dos Santos Cabral
Enzo Gabriel da Silva André
Enzo Pereira de Queiroz
Fabiana da Luz Barbosa
Flavia Ribeiro dos Santos Felix
Gabriela Avila Nunes
Gabrielly Lyandra dos Santos
Hugo Souza Araujo
Isabel Oliveira
Ivana Portela Avila
João Paulo dos Santos da Silva
Lucas Simões Machado
Luiz Carlos Carbone Nunes
Maria Victória Pereira Okazaki
Milagros Isabel Figuera Rodriguez
Nathália Kodama Martins
Paola Pudmovcki da Silva
Pedro Augusto Schmidt
Rodrigo Jorge Jacomini
Sara Cristine Pereira Agostinho
Sara Davanso Marchi
Susana Costa
Suzana Pereira da Silva
Vinicius Bergamaschi
Vinícius Caetano de Souza

Revisão textual e diagramação do Relatório

Nicole Penteado

Sumário

APRESENTAÇÃO 5

Adriana Bozzetto
Vania Malagutti Fialho

MESA-REDONDA II: **"A** EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONSTRUÇÃO E SUSTENTAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA - BASES EPISTEMOLÓGICAS E AÇÕES **PRÁTICAS"** 11

Regina Finck Schambeck

A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONSTRUÇÃO E SUSTENTAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA: BASES EPISTEMOLÓGICAS E AÇÕES PRÁTICAS 27

Regina Stori

FÓRUM DAS LICENCIATURAS: RELATO DO XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM 41

Sandra Cunha

FÓRUM DOS ESTUDANTES: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS 50

Eduardo Pacheco
Matheus de Carvalho Leite

RELATÓRIO DOS CURSOS DA ABEM SUL 60

Solange Maranho Gomes

NOTAS SOBRE A PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA DO XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM 70

Simone Cit

ANEXOS 79

Apresentação

Esta produção trata-se de um relatório técnico do XXI Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), que registra parte dos bastidores do evento, seus objetivos, a programação e sua efetivação e seis textos decorrentes das atividades desenvolvidas. A proposta aqui é inaugurar uma modalidade de produção que possa guardar parte das memórias do evento, bem como suas proposições e desdobramentos.

O XXI Encontro Regional Sul da ABEM foi realizado entre os dias 21 e 23 de novembro de 2024, em Maringá - PR. O evento foi promovido a partir da parceria entre a ABEM, a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e o Serviço Social do Comércio de Maringá (SESC), com o tema "Educação Musical, mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática". A finalidade do evento foi congregar profissionais e estudantes de Música, de todos os níveis da educação, em prol de um projeto nacional de produção de conhecimento, formação de professores, inovação pedagógica e fortalecimento político da formação em música na Educação Básica do Brasil, além de integrar outros espaços e formatos de ações educativas em música. Nessa direção, abarcou de forma indissociável a produção de conhecimento, a formação profissional e a ação docente em diversos contextos sociais.

Dentre seus objetivos, esteve o fortalecimento da produção e a circulação do conhecimento sobre a formação em música nas diferentes esferas da sociedade. Assim, o Encontro contemplou discussões e reflexões referentes à inovação pedagógica, à formação de professores de música e às práticas educativo-musicais. Nessa direção, buscou incrementar e potencializar a produção acadêmica acerca da formação em música nos múltiplos contextos e espaços de atuação, fortalecendo a cooperação acadêmica e profissional no campo da música. Dessa forma, contribuiu com estudantes, pesquisadores e professores nos diferentes formatos e níveis de ensino em que atuam, visando a qualificação cada vez mais consistente de docentes em Música para a construção de saberes e metodologias contextualizadas com as demandas contemporâneas.

Para construção do evento, contamos com a participação de profissionais engajados com o campo da Educação Musical. A equipe organizadora, portanto, foi composta pela coordenação local, isto é, da Universidade Estadual de Maringá, e pelos representantes estaduais da Região Sul, além de colegas da UEM e do SESC, em diálogo com o presidente da

ABEM, Prof. Dr. Mário André Wanderley Oliveira. Foram desenvolvidas diversas reuniões online que consideraram aspectos diversos para a realização do evento. Dentre eles, o desafio do cenário rio grandense, que estava sofrendo os impactos da maior enchente da história do Rio Grande do Sul. Além disso, foram debatidos amplamente o formato e as discussões que o evento contemplaria diante das demandas específicas do Sul do país. As decisões e encaminhamentos para a realização do Encontro ocorreram de forma colaborativa, sempre a partir de uma escuta coletiva. Isso resultou em uma organização compartilhada e democrática, que se tornou uma das marcas do XXI Encontro Regional Sul da ABEM.

Assim, a escolha de cada convidado para o evento levou em consideração, dentre outras questões, o tema do Encontro, que envolveu discussões sobre a área da Educação Musical e o mundo do trabalho. Tivemos como foco pensar nos/nas estudantes e profissionais do campo, refletindo sobre seus desafios para viver de música e sobre as formas como podem se posicionar como educadores musicais no mundo do trabalho. Assim, a edição de 2024 contou com uma programação diversificada, com conferência de abertura, duas mesas redondas, minicursos, apresentações musicais, lançamentos de livros e dois fóruns de discussão – um relacionado às demandas das licenciaturas em Música do Sul do país e outro com o objetivo de ouvir os/as estudantes, os/as licenciandos/as. Segue, abaixo, o desenho que se efetivou na XXI edição da ABEM Sul, e seu detalhamento pode ser conferido no Anexo 1 deste documento.

21/11 – 5ª feira		**22/11 – 6ª feira**		**23/11 – Sábado**	
8:30h	Credenciamento	8h	Apresentações de trabalhos	8:30h	Fórum das licenciaturas Fórum dos estudantes
9:30h	Abertura do evento				
10h	Espetáculo de abertura	10h	Intervalo	10h	Intervalo

10:30h	Conferência de abertura	10:30h	Mesa redonda 2: "A Educação Musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática: bases epistemológicas e ações práticas"	10:30h	Apresentação das discussões dos Fóruns – 3º piso Cine
				11h	Apresentação Musical e encerramento (Teatro)
12:30h	Almoço		Almoço		Almoço
14h	6 cursos simultâneos	14h	5 cursos simultâneos		
16h	Intervalo	16h	Intervalo		
16:30h	Mesa redonda 1: "Educadores musicais no mundo do trabalho: aspectos formativos, possibilidades de atuações e sustentabilidade"	16:30h	Apresentações de trabalhos		
18:30h	Lançamento de livros/materiais diversos (Cine, 3º piso)	18:30h	Roda de conversa com estudantes sobre o ENADE		
19h	Apresentação Musical (Teatro)	19:30h	Apresentação Musical (Teatro)		

A conferência de abertura da Profa. Dra. Jusamara Souza (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), intitulada "Educação musical e o mundo do trabalho: entre a precariedade e a transformação digital", resultou em um artigo publicado pela Revista da ABEM. Nesse texto, a professora problematiza sobre o campo de atuação profissional dos educadores musicais, destacando o entendimento da área como campo científico para a compreensão das possibilidades de trabalho e suas especificidades na realidade atual que engloba as transformações do mundo digital.

Apoiada em Standing (2014), Jusamara Souza destaca alguns dos elementos que perpassam as relações profissionais estabelecidas na contemporaneidade, como informalidade, flexibilização do tempo, baixas remunerações, ausência de direitos trabalhistas,

desemprego e desigualdades sociais, entre outros, que caracterizam o que Standing denomina como "precariado". Em sua análise, a professora enfatiza como esses elementos trazem dificuldades para a formação e profissionalização de educadores musicais, como por exemplo a opção por empregos temporários nas plataformas de serviço, direitos parciais como trabalhadores autônomos e baixa identificação profissional com a área. Para a autora, refletir sobre as mudanças no mundo do trabalho nesse cenário, e reconhecer as inúmeras possibilidades de atuação no campo da Educação Musical e sua importância para a sociedade, pode colaborar com a defesa da profissão e dos seus direitos, como se faz em qualquer outra profissão.

A mesa redonda 1, intitulada "Educadores musicais no mundo do trabalho: aspectos formativos, possibilidades de atuações e sustentabilidade", teve como convidados o professor Marcos Vieira, de Londrina, profissional autônomo que tem se dedicado a produzir materiais didáticos e a promover cursos para professores de música e professores da Educação Básica, e a professora Cintya Soares, de São Paulo, empresária do campo da música que tem investido em ações que buscam promover o empreendedorismo musical. Essa mesa foi mediada pela Profa. Dra. Magali Kleber, que alinhou as discussões com as tendências nacionais do mundo do trabalho, oferecendo uma ampliação significativa do papel do educador musical na cadeia produtiva de música.

A mesa redonda 2, intitulada "A Educação Musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática: bases epistemológicas e ações práticas", contou com a participação dos professores Dr. Carlos Kater e Dra. Regina Stori, com a mediação da professora Dra. Regina Finck Schambeck. Essa mesa se desdobrou em três textos, dos quais dois constam nesta produção: um da professora Dra. Regina Stori, que discute o ensino de música na escola, problematizando o acesso a esse direito educacional, e um da professora Dra. Regina Finck Schambeck, que apresenta uma síntese dos conteúdos trazidos pelos participantes da mesa, bem como suas reflexões sobre os temas discutidos. O texto do professor Dr. Carlos Kater foi publicado na Revista Música na Educação Básica, devido ao seu caráter prático e propositivo. O registro em audiovisual dessa mesa está disponível no canal da ABEM no Youtube.

Os fóruns se desdobraram em dois relatórios distintos, produzidos pelos professores responsáveis. O texto "Fórum das Licenciaturas: relato do Encontro Regional Sul da ABEM, 2024", da professora Dra. Sandra Cunha, apresenta um registro da reunião online que preparou

a pauta do fórum, seguido do relato das discussões no evento e dos encaminhamentos que foram definidos nessa ação. O texto de autoria dos professores Dr. Matheus de Carvalho Leite e Dr. Eduardo Pacheco, “Fórum dos Estudantes: diálogos necessários”, trata de um relato reflexivo sobre a organização, realização e desdobramentos. Os professores desenvolveram um texto que, para além de um relatório, registra um momento importante do protagonismo estudantil e convida os leitores à reflexão sobre a formação inicial em Educação Musical.

A professora Dra. Solange Maranho Gomes, que coordenou o comitê pedagógico do evento, desenvolveu o texto “Relatório dos cursos da ABEM Sul”. A autora descreve qual foi sua função, o processo de chamada de cursos, os critérios usados na seleção dos cursos, suas ementas e ministrantes, até os resultados de suas avaliações. O relatório apresenta, portanto, indicativos importantes sobre a visão dos participantes, que pode contribuir sobremaneira para futuras ofertas de cursos no âmbito dos encontros regionais da ABEM.

A professora Dra. Simone Cit, que coordenou as apresentações musicais do evento, apresenta um texto intitulado “Notas sobre a programação artística do XXI Encontro Regional Sul da ABEM”, que registra não apenas os grupos que se apresentaram, mas também fotografias e depoimentos dos professores que estiveram à frente dessas apresentações. O texto oferece, portanto, um entendimento dos bastidores e dos objetivos músico-pedagógicos de cada apresentação musical da ABEM Sul 2024.

A professora Dra. Cássia Virgínia Coelho de Souza presidiu o comitê científico. O evento recebeu cinquenta e sete (57) submissões de trabalhos para serem avaliados. Desses, cinquenta (50) foram aprovados para os anais da ABEM Sul 2024, dois (2) foram transferidos para outros eventos regionais (porque foram submetidos à ABEM Sul equivocadamente), e cinco (5) não foram aceitos para apresentação e publicação. Para a avaliação dos textos, foi mobilizado um time de cinquenta e nove (59) professores doutores que participaram como pareceristas.

Dos Grupos de Trabalhos constantes na chamada de trabalhos (Anexo 2), o GT 16 (“Sociologia da Educação Musical”) foi o que recebeu mais submissões e o único que não teve trabalhos vinculados foi o GT 1 (“A pedagogia do piano em perspectiva: dimensões reflexivas e práticas"). As apresentações dos trabalhos ocorreram no 3º piso do SESC Maringá, com sete (7) sessões presenciais e duas (2) sessões online, conforme o Anexo 3 deste relatório, coordenadas/mediadas por professores de diferentes instituições de ensino do Sul do país. Os anais do evento estão disponíveis no site da ABEM.

No evento, também contamos com o lançamento de cinco livros. A autora Cristina Rolim Wolffenbüttel lançou o livro "Educação, Música, Folclore, Leitura e Interdisciplinaridade". Na sequência, Daniele Isabel Ertel lançou o livro "Motivações de estudantes para a aprendizagem musical escolar", e, ambas autoras, lançaram o livro "Propostas pedagógicas para o ensino de música na educação básica". Carlos Kater apresentou seu ebook "Encontros com Villa-Lobos", que conta com 18 entrevistas realizadas com personalidades que conviveram com o compositor, e Dulcimarta Lino apresentou "Tuco Tuco: Materiais Afro-pindorâmicos na Escola", escrito em parceria com Pilar Barcellos Sanchez.

No que se refere ao investimento no evento, cabe registrar que, infelizmente, o projeto submetido a edital de fomento não foi contemplado e que o Encontro foi subsidiado pelos recursos do Programa de Pós-Graduação em Música da UEM, que financiou as passagens, hospedagens e alimentações dos convidados e demais despesas.

Os textos a seguir são de responsabilidade de cada um(a) dos(as) autores(as), que, generosamente, registraram parte de suas ações junto ao evento. Cabe salientar que cada texto representa um pequeno fragmento do que foi empreendido ao longo de alguns meses de preparação e do evento em si. Finalizamos, portanto, agradecendo a cada membro da equipe organizadora (estudantes e professores), a cada convidado que aceitou o desafio de contribuir voluntariamente para que o Encontro acontecesse, e a cada participante que o tornou realidade. É nesta perspectiva da coletividade e dos encontros de ideias e ideais que contribuímos para que a Educação Musical Brasileira avance como campo de conhecimento e em práticas pedagógicas cotidianas situadas em múltiplos espaços e tempos. Gratidão a todos e uma ótima leitura.

Profa. Dra. Adriana Bozzetto (UNIPAMPA)
Profa. Dra. Vania Malagutti Fialho (UEM)

MESA-**REDONDA II: "A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONSTRUÇÃO** E SUSTENTAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA - BASES EPISTEMOLÓGICAS E AÇÕES **PRÁTICAS"**

Regina Finck Schambeck
Universidade do Estado de Santa Catarina

Começarei este texto apresentando um excerto do Manifesto por uma Educação Democrática e Humanizadora, publicado por Charlot e demais autores em 2021:

> A educação é um processo complexo que se realiza pelo que as gerações herdam e pelo que constroem. Cada geração recebe o que foi realizado, construído, sofrido, festejado, esperado, pensado e expresso pelas gerações anteriores, numa incessante aventura humana de reprodução e transformação. É assim que vão se constituindo os saberes, a arte, a literatura, a ciência, a filosofia, a tecnologia, conquistas que irrigam e alimentam a vida humana. Pela educação, cada sujeito humano se estrutura e constrói a si mesmo, amparado na sua família, nos seus grupos sociais e nas suas culturas. A educação é, também, o processo pelo qual o sujeito humano aprende a amar a si mesmo e aos outros, a respeitar as diferenças individuais, sociais e culturais, a recusar os preconceitos e as discriminações, e a reconhecer a dignidade de todo ser humano. A educação emancipa e humaniza, sem ela propagam-se o ódio e o ressentimento, abrindo se as fendas da barbárie. Reivindica-se, assim, o direito antropológico à educação exigindo-se do Estado a garantia a todos do acesso significativo, criativo e crítico ao conhecimento que possibilita a participação consciente na vida social, fundamento da democracia (Charlot *et al.,* 2021, p. 175).

Como nos orienta Saviani (2011, p. 13), a educação também tem uma função social: "[...] produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens". Nesse sentido, o objeto da discussão da Mesa II: "A educação musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática: bases epistemológicas e ações práticas", realizada no XXI Encontro Regional Sul da ABEM, na cidade de Maringá, estado do Paraná, entre os dias 21 a 23 de novembro de 2024, se ampara na proposta de uma educação musical que contribua na construção e sustentação de uma sociedade democrática, considerando, por um lado, a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos para que eles se tornem humanizados, e, por outro, os caminhos que possam conduzir à realização desse objetivo.

Ao propor um debate sobre como a Educação Musical pode contribuir para uma sociedade democrática a partir dos seus campos de atuação diversos da vida humana e social, acreditamos compreendê-la como campo do saber. Ou seja, isto significa pensar a Educação Musical e praticá-la conforme suas especificidades, considerando as múltiplas relações que são estabelecidas com os outros campos do saber. Acredito que uma aprendizagem que tenha por base empatia, cooperação, respeito e justiça tenha efeitos nas diferentes dimensões da vida em sociedade, entendendo que a cidadania está alicerçada nos principais valores da democracia, ou seja, a liberdade, a igualdade, a solidariedade, a tolerância e o bem-estar de todos os que convivem na sociedade, pois a democracia "constrói as possibilidades para que as jovens gerações criem, inventem, e até neguem certos aspectos do mundo que receberam e, assim, possam transmitir às gerações que lhes sucederão um mundo ao mesmo tempo herdado e novo" (Charlot, 2021, p. 8).

A educação musical como processo se dá em todos os espaços sociais e, para que seja democrática, humanizadora e emancipatória, deve, também, ser pensada como um bem comum. Então, talvez o primeiro trabalho do professor de música seja o conhecimento sobre quem são nossos alunos e quais são as particularidades históricas e sociais nas quais estão inseridos, de modo que as práticas musicais possam ensinar para além dos conteúdos e saberes musicais e que possam também tratar sobre respeito, humanidade e solidariedade nas relações sociais e individuais.

Os professores Regina Stori[1] e Carlos Kater[2] convidados para debater e ampliar as

[1] Professora Regina Stori atua no curso de Música da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. É doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em Educação pela mesma instituição (2011), especialista em Arte, Educação e Terapia (2010), possui graduação em Licenciatura em Música pela UNESPAR/FAP - Faculdade de Artes do Paraná (2007) e é professora no Departamento de Artes da UEPG. Atua na formação e capacitação de professores nas áreas de Educação Musical, Estágio Curricular em Música e Flauta Doce.

[2] Carlos Kater é musicólogo, compositor e educador musical. Doutor em História da Música e Musicologia pela Universidade de Paris IV-Sorbonne, com Pós-Doutorado pela mesma instituição, é membro da Academia Brasileira de Música (cadeira nº 16). É co-fundador da ABEM, foi o Diretor da Região Sudeste, seu Vice-Presidente por dois mandatos consecutivos (1996-1998 e 1998-2000), tendo também participado de sua Equipe Editorial e Conselho Científico. Criou e coordenou, em equipe, o projeto Música na Escola (Secretaria do Estado de Educação de MG, 1997-1999), que viabilizou a formação musical em escolas da rede pública para mais de 4.000 professores e 125.000 alunos. Atua como consultor científico junto a entidades representativas da área (Ad Hoc do CNPq, CAPES e FAPESP). É autor de muitos textos publicados, entre os quais, os livros: Musicalização através da Canção Popular Brasileira (SP: Atravez, 2001), Eunice Katunda, musicista brasileira (SP: M&K, 2020) e Música Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade (SP: Musa, 2001). O livro Por toda parte (coleção em vários volumes editada pela Ed. FTD). Mais recentemente, criou e coordenou o projeto A Música da Gente, que teve inúmeras edições e desdobramentos ao longo dos anos, em diversas regiões do Brasil, tendo alcançado mais de 20.000 alunos até o momento. Desde agosto de 2022, vem editando e publicando mensalmente o projeto Encontros com Villa-Lobos, que foi lançado no XXI

discussões decorrentes da temática proposta, apresentam uma longa trajetória no desenvolvimento de pesquisas e processos de ensino e aprendizagem em música. Ambos nos deram pistas de como podemos (re)conhecer quem são nossos alunos, em sua particularidade histórica e social, que músicas e quais práticas pode-se ensinar sobre respeito, humanidade e solidariedade nas relações sociais e individuais.

O componente curricular arte e a música na escola: alternativas possíveis cuja efetivação depende de ações individuais e coletivas

Stori organizou sua apresentação a partir de reflexões sobre o ensino de arte e da música no currículo escolar, os limites para o ensino de arte e da música na sociedade capitalista e as perspectivas para o ensino de arte e da música na Educação Básica. Iniciou sua apresentação fazendo um panorama da legislação brasileira que rege e orienta a formação do educador musical e, a partir desse marco histórico, esclareceu como se constituíram esses documentos, bem como sob quais diretrizes foram estruturados. Direcionou o público a refletir sobre a arte e a música como conquistas da sociedade civil, da luta das associações de arte e da música. Portanto, essas conquistas são decorrentes da imposição de membros da sociedade política, mobilizada por questionamentos sobre **que formação queremos para a educação básica; quais conhecimentos sobre arte e sobre música são importantes para os estudantes**.

Para Stori, o ensino de arte e de música no currículo escolar sempre esteve presente nas políticas públicas. O componente curricular Arte está presente na legislação brasileira a partir da Lei nº 5.692/1971, da Constituição de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, da Lei nº 11.769/2008, da Lei nº 13.278/2016 e da Base Nacional Comum Curricular (2017) e no Novo Ensino Médio (2017). Também está incluído nas Propostas curriculares: dos Parâmetros Curriculares nacionais (PCN, a partir de 1996); e no Paraná – mediante o Currículo Básico (1990) e das Diretrizes Curriculares Estaduais (2008). Embora esses documentos garantam a presença do componente Arte e da música nos projetos pedagógicos, Stori indicou que há limites para o ensino de arte e música na sociedade capitalista.

Para ela, é importante ter claro que formação nós queremos para a Educação Básica, e que conhecimentos são importantes para este momento histórico – partindo do pressuposto que se essa questão se constituiu como um dos fundamentos do evento da ABEM de 2024, entende-se que o conhecimento de arte, o conhecimento de música, de fato, é importante para

a formação de estudantes. Ressalta-se que os documentos e legislações apresentadas nos dão a garantia, contudo, não se deve esquecer que a "há uma organização social de ordem capitalista onde a 'acumulação' é mais importante do que a 'humanização' dos sujeitos. Portanto, se há humanização, há um pressuposto que há uma 'desumanização' e, por consequência, um embrutecimento dos sentidos" (Excerto da fala de Stori, ERAbemSul, 2024)

Stori esclarece que o materialismo histórico-dialético aprofunda a questão da desumanização, porque o objetivo da sociedade capitalista é a acumulação de capital, e, como consequência, os sujeitos "devem trabalhar mais, pelo menor custo, desenvolver atividades profissionais exaustivas e há a precarização no trabalho". Como exemplo, cita a "urbanização" e o "empreendedorismo", expressões bem conhecidas nos últimos anos para se referir ao indivíduo que é responsável pela "produção da sua renda individual", portanto, jornadas longas de 12 e até de 16 horas por dia serão necessárias para que o sujeito componha a "renda necessária para sua sobrevivência". Do mesmo modo, o contingente de desempregados numa sociedade capitalista é importante, pois uma pessoa desempregada "toparia qualquer coisa". A desumanização do trabalhador é resultado de um processo que combina a pressão por jornadas de trabalho exaustivo e a consequente desvalorização da mão de obra. Nas suas palavras:

> [...] a dignidade do ser humano, a possibilidade de um homem integral, então, lhe é roubada. Aí, a gente "tá" falando de homem omnilateral que seria o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano, ou seja, permitir diferentes oportunidades em diferentes áreas do conhecimento. É isso que tem sido negado a toda a classe trabalhadora (Excerto da fala de Stori, ERAbemSul, 2024).

Para exemplificar a necessidade de que os sentidos precisam ser desenvolvidos para se compreender a obra de arte, Stori faz referência ao conceito utilizado por Marx sobre o "embrutecimento dos sentidos do homem trabalhador":

> O sentido constrangido à carência prática rude também tem apenas um sentido tacanho. Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir muito bem na forma mais rudimentar, e não há como dizer em que essa atividade de se alimentar se distingue da atividade animal de alimentar-se. O homem carente de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral; ele não tem sentido mineralógico algum; portanto, a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer

> humanos os sentidos do homem quanto para criar sentido humano correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural (Marx, 2004, p. 110-1).

Desse modo, Stori compreende, a partir do materialismo histórico-dialético, que o desenvolvimento dos sentidos humanos é parte fundamental desse processo de humanização. "O homem rude que busca na natureza o necessário para garantir a sua subsistência não é capaz de desenvolver ações planejadas e organizadas, nem de contemplar os mais belos momentos que a vida pode lhe proporcionar, pois ele é movido apenas pelo instinto de sobrevivência". Stori destaca que precisamos possibilitar aos estudantes e a nós mesmos essa humanização como uma forma de "revitalização dos nossos sentidos, da sensibilidade humana nesse sistema social excludente, alienante entre o ser humano, que só vale enquanto produtor ou consumidor potencial". Então, a necessidade de humanizar os sentidos e criar a sensibilidade humana correspondente a toda a riqueza do ser humano uma vez que entende que somos de fato seres humanos ricos em nossa diversidade.

Stori deixa em evidência que é preciso "superar práticas e ensino de arte e de música na escola de simples reprodução", pois essas práticas dariam margem para disputas no ambiente escolar que a sociedade capitalista nos impõe:

> [...] a precariedade do trabalho do professor, condições inadequadas, falta de materiais, falta de estrutura, baixos salários, culpabilização do professor por índices, por notas, portanto, que haja mais recursos para o estado, no caso, a BNCC, como eu disse anteriormente, também pode vir a ser um entrave na medida em que a gente não tenha garantia de estabilidade e da permanência do componente curricular Arte e do conhecimento de música na escola (Excerto da fala de Stori, ERAbemSul, 2024).

Então, para mudar essa realidade, Stori propõe ações individuais e coletivas. Individuais seriam aquelas que estão no nosso contexto cotidiano, nos lugares de atuação de cada professor, com vista à humanização. Ela sugere que o professor se utilize de três eixos: **perceber, praticar e pensar** música. Conceitos que, segundo ela, não seriam novidade, pois já estão presentes em outras propostas metodológicas, mas "é necessário praticar a música, percebam esse valor mais amplamente, com vistas à sensibilização dos sentidos, aprender a ver, dançando uma música, sorrindo, muito integrado com outras áreas". Sair da obviedade dos objetos e das coisas é uma das indicações feitas por Stori.

> [...] eu queria tomar um exemplo do que foi feito pelo professor Marcus Vieira[3]. Ele mostrou o trabalho chamado "batucanetas". Uma caneta é um objeto que serve para escrever, a obviedade de uma caneta é escrever. Entretanto, o professor Marcos foi além da obviedade, ele transformou uma caneta em um instrumento percussivo. Então, oportuniza novas possibilidades. O conhecimento da arte possibilita ao ser humano "ir além da referência". Esse processo de humanização ajuda a pensar sobre o seu próprio mundo, sobre a história, problematizar a lógica social e econômica que a rege, é muito mais humana (Excerto da fala de Stori, ERAbemSul, 2024).

Stori finaliza sua fala argumentando sobre a importância do trabalho coletivo e da necessidade da adoção de algumas perspectivas para o ensino de arte e de música na Educação Básica que vão além de referências à simples "reprodução de práticas musicais". Ela nos instiga a pensar que tipo de democracia e de sociedade nos interessa. Para contextualizar, faz um paradoxo entre a democracia política, cuja ênfase está no indivíduo, e a democracia social, em que os direitos estão relacionados com o bem-estar e o interesse da população. Ela afirma que se torne praticável a organização de tempo para vivenciar experiências de arte e de música. Interessa-nos uma democracia que "garanta a possibilidade da humanização dos sujeitos, que se tenha um tempo para a arte e, para a música, e esse direito seja desenvolvido em toda a Educação Básica, que possibilite todas as potencialidades humanas em suas amplas dimensões, ou seja, a omnilitaralidade".

Portanto, na visão de Stori, devemos ambicionar uma democracia social que possibilite humanismo, que questione, que enfrente a realidade para mudá-la e, sobretudo, que construa um "futuro desejado". Para ela, não há outro meio de caminhar em direção à omnilitaralidade se o nosso trabalho não for feito na "cotidianidade e na coletividade". "É preciso estar atento, não vai acontecer assim, de repente, 'teremos aula de música como componente específico nas escolas' [...] se nós não fizermos uma luta cotidiana nessa direção, não só no individual, no nosso contexto local, mas, também, coletivamente" (Excerto da fala de Stori, ERAbemSul, 2024).

Stori esclarece que juntos, com as associações de área, sindicatos e redes como a ABEM, Anppom, ANPAP[4], ISME, Relem, Fladem, por exemplo, o trabalho extrapolaria o individual e

[3] O professor Marcus Vieira (BatucaTudo) participou como palestrante na Mesa-redonda I: "Educadores musicais no mundo do trabalho: aspectos formativos, possibilidades de atuações e sustentabilidade" e ministrou curso de percussão no Evento ERAbemSul, 2024/ Maringá/PR.
[4] ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

teria mais força, pois acredita que são "esses coletivos que estão segurando com unhas e dentes as artes na área escolar". Então, nesse sentido, Stori aponta para duas possibilidades: atuação individual dos professores nos espaços escolares e a atuação coletiva, com as representações de classe. Portanto, caberia a cada um e a cada uma construir cotidianamente em seus espaços de atuação a luta pela Educação Musical individualmente, mas também na coletividade, em uma sociedade democrática.

Como nos orienta Tonet (2005, p. 125), a emancipação humana nem é o resultado inevitável do processo histórico nem uma utopia impossível, "é uma alternativa possível cuja efetivação depende dos próprios homens". Assim, o autor nos ajuda a compreender que é em uma sociedade democrática que nos conscientizaremos de que humanizar-se é emancipar-se, é ter a liberdade de escolhas e, ao mesmo tempo, poder decidir os rumos da própria história, ser protagonista do seu destino, ter a liberdade de ir e vir, contemplar a natureza e poder registrar suas paisagens, ouvir e fazer música, usar da criatividade, exercer sua profissão e ser remunerado de forma justa para poder gozar de todos os direitos e deveres que a vida pode proporcionar. É, na verdade, apropriar-se das práticas e dos valores culturais e de todas as ferramentas necessárias ao pleno desenvolvimento humano.

Projéteis: a música como estágio de desenvolvimento da consciência humana

Kater, por sua vez, apresenta alguns questionamentos iniciais fazendo um recorte sobre o tema de educação musical e propõe ao público uma reflexão inicial sobre **qual é a música, de fato, que nós temos**? Essa música seria, certamente, diferente daquela que imaginamos. Ele parte da afirmação que "a educação musical transforma e impacta nas pessoas todas as vezes em que ela traz a música como fonte de informação em si, na sua riqueza e inventividade, especificidade própria" (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

Seria uma música que possibilita um "trabalho com um humano no estágio do desenvolvimento". Então, uma "educação musical transformadora, teria que possibilitar a transformação do estudante". Ao mesmo tempo, a educação musical deve permitir a atualização do conceito e entendimento do que seja "prática da música, de educação e da vida em sociedade". Kater afirma que isso poderá acontecer de muitas maneiras, se ela for desenvolvida por um educador ou educadora que esteja "sinceramente desejando uma transformação da realidade e ao mesmo tempo que se considerem não apenas uma referência

no processo educativo, mas também um laboratório, um processo transformador". Segue Kater:

> [...] eu penso que talvez seja a hora em que nós possamos, talvez, rever as nossas posições também como seres humanos, como indivíduos, ao lado das nossas ações enquanto profissionais, combatendo da melhor maneira possível um tipo de falta de clareza, de entendimento a respeito do que seja a música e do seu valor social sobretudo, do seu valor do ponto de vista do crescimento dos indivíduos (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

Kater chama atenção para a importância que a música tem na existência da pessoa e da sua transformação. Nesse sentido, entende que um trabalho com a música e com todos os processos, direta e/ou indiretamente envolvidos com ela, não seriam exatamente projetos, mas, sim, "projéteis". Ele faz essa afirmação ao lembrar dos 85 anos do Movimento Viva Música[5] – para ele "movimento música é vida, vida em movimento".

Ao fazer referência à importância da Educação Musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática, Kater esclarece que tem atuado ao longo da sua vida profissional com práticas que se valem dos princípios da democracia e humanização.

> [...] a ideia básica da democracia é o povo no poder, de alguma maneira de que a representação seja plural, ampla e majoritária, que também seja oportuno que a gente a coloque em questão. Entendendo a democracia como um cuidado que nós devemos ter para com aqueles que estejam no poder não usurparem o poder. Então, democracia não se encerra no ato da escolha e da votação, ou de uma atitude qualquer. A democracia se mantém, se eterniza ao longo do processo, sustentando que aqueles que estão no poder façam o melhor uso desse poder. A democracia, no meu entendimento, vai em direção a novas modalidades de qualidade em relação humanas [...], mas a ideia geral da democracia dentro de um trabalho educativo, que visa a igualdade e o desenvolvimento humano, requer igualdade e reciprocidade, princípio de igualdade do ser humano, o que é absolutamente necessário, justo e urgente. No entanto, a igualdade não pode simplificar o apagamento de diferenças, que são justamente essas diferenças as singularidades que nos estão unindo. Segundo a base da constituição das identidades, eu não entendo que seja possível se construir uma democracia efetiva, um trabalho coletivo, um trabalho includente, sem que as inclusões sejam saudáveis, desenvolvidas e suficientemente consistentes, a fim de poder sustentar esse convívio coletivo mais amplo (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

[5] **Grupo Música Viva** foi um grupo ou movimento musical brasileiro iniciado no Rio de Janeiro em 1939, sob liderança de Hans-Joachim Koellreutter. Para saber mais, consultar o livro: KATER, Carlos. H. J. Koellreutter e a Música Viva - movimentos em direção à modernidade (Tese defendida em concurso público para professor titular junto II Escola de Música da UFMG). Belo Horizonte: 1991. 22Sp. O professor Kater também tem artigo publicado na Revista da ABEM: "Aspectos educacionais do movimento Música Viva (2004).
Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed1/revista1_artigo3.pdf

Para exemplificar o seu modo de entender e de trabalhar coletivamente, respeitando as diferenças individuais, Kater faz menção ao Projeto A Música da Gente (AMDG)[6], desenvolvido desde 2013, o qual considera que pode ser "um exemplo dessa prática musical para que cada pessoa se conheça melhor na perspectiva que democracia não é um dado de quantidade, ou um dado abstrato de conceito apenas".

No texto "Encontro com Carlos Kater: vida em movimento e A Música da Gente" (Biazon, 2024), publicado na Revista Música na Educação Básica (MEB)[7], ele enfatiza a importância da realização de práticas coletivas de criação musical entre não-músicos, principal atividade do projeto, como parte do "conhecimento de si" e do "cuidado consigo mesmo", bem como elucida as estratégias de viabilização dessas práticas em localidades mais diversas, para além das capitais. Reflexões sobre uma formação de educador musical acolhedora de novos campos de atuação do professor também foi apresentada no artigo "O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social", publicado no volume 10 da Revista da ABEM (Kater, 2004, p. 43-51), em que propõe uma reflexão sobre a ampliação da definição, do espaço e da função do educador musical na perspectiva da atuação de profissional em projetos de ação social, com a finalidade de evidenciar novas possibilidades de formação humana, oferecidas pela Educação Musical.

Kater, ao longo da sua exposição no encontro da Regional da ABEM Sul, apresentou os vários projetos que desenvolve na perspectiva da Educação Musical que considera um "excelente meio de conscientização pessoal e do mundo". O maior privilégio do educador musical é "participar, de maneira decisiva do desenvolvimento do ser humano, na construção da possibilidade dessa transformação, buscando no hoje, tecer o futuro do aluno, cidadão de amanhã" (Kater, 2004, p. 46). Em sua apresentação, destaca o projeto de formação de educadores desenvolvido por ele na Rede Municipal de São Bernardo do Campo/SP, com a participação de 300 professores. Nessa formação foram desenvolvidas atividades de apreciação musical para promover o "contato consigo", "[...] é importante que as pessoas possam estar em contato com algo que nós atribuímos valor, e esse 'contato consigo' me parece fundamental" (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

[6] Para saber mais sobre o Projeto Música da Gente ver: Conferência "A Música da Gente" disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ILMTjgQFxBU

[7] https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/229

Outra referência que Kater fez na participação da Mesa II foi em relação a uma preocupação com a realização de capacidades individuais. Ele mencionou a atividade realizada com crianças 7 a 10 anos, por meio de um resgate da história do passado, vivencias do presente, avaliação de sensações, emoções e pensamentos, com partilhas em grupo, com o objetivo de "iluminar pela consciência, o que se esconde por trás do medo de ameaças veladas e de ameaças já sofridas e caladas por vários motivos":

> Acho que todos aqueles que entram em sala de aula compreendem um pouco que eu estou falando, a violência faz parte do cotidiano não apenas brasileiro, talvez maior em alguns locais no Brasil, mas certamente no mundo inteiro. E esse tipo de silêncio, de se estar calado, representa o aprisionamento de partes importantes de cada pessoa e determina, por consequência, atitudes involuntárias e reativas [...] essas decisões, muitas vezes involuntárias, atitudes reativas e não escolhidas. Consentimento é uma proposta, portanto de criação que integram esse silêncio, consciência e partilha pela criação musical. Aqui a peça que se chama "Medo, do que, medo de quem" – é uma partitura em processo de construção coletiva, dentro da classe, onde os medos individuais são convidados, a partilha daqueles que desejarem, é claro, de onde vem este medo, da casa, medos do gato, da violência, medos de diferentes grandezas. Para mim, é importante lembrar a interação mesmo que seja de um processo aparentemente difícil, que é levantar os medos que habitam cada uma das pessoas, que a gente possa estar de uma forma interativa, com alegria, com qualidade de presença, fazendo junto, experimentando junto, e sendo solidários. Porque eu considero que o conhecimento do drama de vida de cada pessoa, possa permitir que se construa o respeito, a compaixão, a empatia (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

Para Kater, o uso de "Prótons" surge de um trabalho educativo a partir da criação musical de jovens da EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Distrito Federal, juntamente com o SESC (Serviço Social do Comércio). Uma negociação dos estudantes para que a criação deles possa dar "um passo à frente, não necessariamente acima, mas além daquilo que está sendo proposto de uma forma direta". O trabalho realizado pelo professor nesse projeto é o de:

> [...] ser condutor da atividade que remanejo num "próton". Toda a proposta criando uma introdução quando ela falta, ou uma coda, uma codeta ou, que seja, ou um segundo plano, trabalhando porque a relação, justaposição, sobreposição, enfim, texturas, tudo aquilo que é próprio dos processos criativos [...]. Uma música para ser tratada, concebida, entendida e bem realizada e, a partir daqui, então, eles ouvem e assistem na tela. No "próton" é possível ter uma partitura, por assim dizer, do que é um material e, com isso, numa relação coletiva, a gente negocia qual é a forma final da música, democraticamente, inventivamente (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul,

2024).

A abordagem metodológica que Kater costuma utilizar no projeto AMDG é denominada de “5 ‘Ps'” – “p” de prazer, “p” de presença, “p” de participação, “p” de produção de conhecimento, e, o mais delicado deles, é o “p” da modificação de postura. Nesse sentido, a educação musical possibilita oportunidades de desenvolvimento humano, conduzida por um educador que “trilhe seu caminho sincero de busca, de autodesenvolvimento e conhecimento pessoal”. Para Biazon (2024), uma das maiores potências do projeto AMDG está em “fazer uso das tecnologias digitais para favorecer a presença de práticas musicais inventivas no ensino básico, a despeito de a presença de educadores musicais nas escolas estar dificultada pela legislação brasileira, que trata a música como linguagem ou conteúdo e não como disciplina específica” (Biazon, 2024 p. 25).

O papel do educador musical no contexto atual

Kater percebe que a realidade vivida no contexto da Educação Musical é urgente e demanda ações que estão sendo levadas a cabo por vários educadores que desenvolvem diversas iniciativas. Ele parte do princípio que o educador musical terá as suas funções ampliadas, não se restringindo mais a ser um professor que transmite informações, independentemente das condições dos estudantes, das suas características da formação, do local onde ele atua, mas sim:

> [...] um profissional agindo como alguém que reúne todos esses papéis de maneira equilibrada, integrada, tendo por função central promover a formação musical e o desenvolvimento pessoal dos estudantes, através da educação, da relação interpessoal equilibrada, portanto saudável, e da criação experiências vivas e inventivas, sendo capaz de avaliar o desempenho do estudante, bem como do seu próprio, enquanto formador que é [...]. Somos todos convidados a interpelarmos as competências técnicas e também as competências humanas (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

Kater aponta para três fatores que lhe parecem importantes quando se fala de competências do educador musical: o equilíbrio entre ser professor e ser profissional, o seu protagonismo e a competência técnica e humana. A primeira seria o reconhecimento da importância do papel de referência que exerce junto aos estudantes e, ao mesmo tempo, a sua responsabilidade na condução do processo educativo, e a necessidade de se “desvestir do personagem professor ou educador para descobrir e construir o profissional próprio”. Esse

profissional pode ser, por um lado, menos rígido, em uma relação menos verticalizada, e, por outro, mais real e consciente do papel de mediador responsável na condução do processo formador.

A segunda competência seria a de ser protagonista, ou seja, a autonomia do próprio professor em vista da condução dos processos relativos e pertinentes à sua profissão: necessidade de coerência, buscando tornar menos dissonante a diferença entre discursos profissionais bem construídos e aquilo que, de fato, é vivido na prática, na vida real, no exercício da profissão. Em geral, "nosso discurso está um pouco além em nossa prática". E a terceira competência mencionada por Kater seria a necessidade do **fazer** e também do **aprender a fazer**, **aprender a saber fazer**, **aprender a cuidar de si**, de se conhecer os mecanismos relacionados com a forma como nos vemos e aqueles mecanismos ou fenômenos exteriores que acabam determinando a nossa maneira de ser. O que poderia ser interessante neste momento, segundo Kater, seria "refletir sobre o amadurecimento das nossas relações com o mundo, agindo como protagonistas e nos tornando tanto o ator consciente que conta com um testemunho da sua própria vida do seu próprio trabalho".

> É importante que o conhecimento produzido se efetive realmente na prática, impactando a vida das pessoas. Tudo que pesquisamos e construímos de alguma maneira tem que modificar um pouco o nosso entendimento a respeito, não apenas do objeto específico estudado, mas também da nossa postura diante da realidade. A ideia é que a gente possa ter uma coerência entre o desenvolvimento pessoal e as atitudes e posicionamentos no mundo exterior. Aqui dentro a gente possa se aproximar, realmente, de um comportamento mais saudável e democrático. Agora, tudo isso passa por colocarmos um pouco mais de olhar voltado ao papel do educador e da educadora dentro do modelo de ensino e aprendizagem (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

Para Kater, o que poderia ser interessante neste momento, seria refletir sobre o amadurecimento das nossas relações com o mundo, agindo como protagonistas e nos tornando "o ator consciente, enquanto uma testemunha da sua própria vida, do seu próprio trabalho". Ele esclarece no trecho abaixo como compreende essa relação com o mundo:

> [...] eu e minha cidade, eu e minhas aulas, eu e o meu reflexo no educativo. Eu, proprietário do centro de todas as formulações dentro e fora da sala de aula. Eu e os problemas, eu nesse entendimento que as condições do trabalho e da vida me impõem, eu vitimizado. O outro é o responsável pelos meus problemas, eu e minhas e meus estudantes. Aulas, trabalhos, projetos, eu e um

> mundo como extensão do meu eu no centro, isso é um modelo binário de relação funcional [...]. A proposta seria talvez uma nova percepção com novas formulações configurações do 'eu e ele'. As realizações que promovam as minhas questões pessoais necessidades desejos, qualidades, limites e desejos [...]. Se recuo do que nós fazemos para que este eu, aqui, possa ser o eu observador, o eu que possa ser o ator imparcial, uma testemunha neutra daquilo que estão observando, nas ações que ele promove e nos seus comportamentos, nas suas necessidades, dos seus desejos pessoais. Portanto, romper um pouco essa funcionalidade, com isso seria possível a gente ter claro o que é um processo de identidade profissional, um processo de identificar as minhas realizações, as minhas questões pessoais, do que eu tenho que tratar, tudo isso se relaciona com um eu banhado pela construção do eu observador, do eu crítico, mas não do eu julgador. Não é como, você sabe, vermos o papel da crítica se transformar em um papel de julgamento moral. [...]o trabalho de um educador musical não apenas de um professor, um ensinante de música. O educador musical tem uma profissão assentada em dois pilares fundamentais a educação e a música [...] e que as realizações que eu promovo sejam a instância do fazer e saber fazer, do eu observador, a instância do ser, de transcender e visar mais alto, do ir além (Excerto da fala de Kater, ERAbemSul, 2024).

Kater finaliza sua fala apontando para a importância da relação desse educador musical com o coletivo, com a sociedade, com o seu tempo, com a comunidade, nas questões que são próprias a cada um de nós, como seres transitórios que somos, mas que ''nos contentamos profundamente vendo um pôr do sol, tomando banho na cachoeira, falando com as pessoas, sabendo que nossa vida é efêmera, que temos algo importante a fazer como parte desse sistema de vida, muito mais complexo do que, em geral, nós levamos em consideração no nosso trabalho". Então, no aqui e agora, da relação com o nosso tempo, com a nossa sociedade e também com essa dimensão mais ampla, talvez se possa pensar que acima desse "eu" existe uma "supermeta" que pode ser a democracia. "Eu ter no meu trabalho algo que não é o que eu estou fazendo, eu estou banhado do sentimento que tem a ética, e a igualdade, o social, a justiça, a democracia e outros valores de cada um, na sua própria maneira, a sua necessidade".

Para Kater, isso faz parte das metas de uma "Educação Musical Viva", cuja abordagem busca "integrar criação musical e formação humana, contribuindo para alimentar a força vital da cultura e de todos os participantes de seu tempo, hoje e, quem sabe, amanhã" (Kater *apud* Biazon, 2024, p. 26). Podemos deduzir que são essas inquietações que nos colocam em movimento, uma "intenção sincera e visceral", no olhar de "dentro e de fora de nossas ações", um entendimento lúcido das relações que alimentam as práticas do cotidiano e que se expressam a nível social.

Considerações finais

De acordo com a revisão da literatura e com os temas discutidos e apresentados na Mesa-redonda II: "A educação musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática: bases epistemológicas e ações práticas", foi possível verificar que ambos os professores, Stori e Kater, destacaram em suas exposições que existe uma preocupação emergente para que os temas referentes ao direito à educação musical sejam também considerados pelo Estado brasileiro para o estabelecimento de políticas educacionais e, ao mesmo tempo, do cumprimento daquelas que já estão aprovadas, mas nem sempre implementadas pelas instituições de ensino da Educação Básica. Com base em seu arcabouço legal e institucional, é dever do Estado garantir a todos os seus cidadãos um rol amplo de direitos fundamentais de participação civil e social, pressupostos da democracia, ou seja, o acesso crítico ao conhecimento, aos direitos humanos e à justiça. Nesse sentido, uma formação musical com base na educação democrática para a cidadania deveria, também, promover o desenvolvimento de competências necessárias para a participação efetiva das pessoas na vida pública e política.

Como nos esclarece Charlot e demais autores (2021), o direito antropológico político e ético reivindicado no texto do Manifesto por uma Educação Democrática e Humanizadora, é pela viabilização dessa escola pública que o sujeito aprende a amar a si mesmo e aos outros, a respeitar as diferenças individuais, sociais e culturais, e a defendê-la como promotora de igualdade, diversidade e democracia, reafirmando o compromisso com uma educação transformadora e emancipatória. Portanto, quando nos referimos à educação musical democrática, esse processo se dá, também, pela escola pública, mediante as atividades culturais e artísticas ali proporcionadas de modo a apropriar-se das práticas e dos valores culturais e de todas as ferramentas necessárias ao pleno desenvolvimento humano.

Como nos ensina Stori, ter democracia é ter o direito de exercer a profissão e ser remunerado de forma justa para poder gozar de todos os direitos e deveres que a vida pode proporcionar. E não poderia ser diferente na Educação Musical. Enquanto área de conhecimento, precisamos lutar individualmente, e com o apoio das entidades de classe, pela organização da Educação Musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática que garanta ao seu profissional formado pleno acesso às vagas de trabalho e com carga horária e remuneração justa. Por outro lado, devemos lutar também por uma democracia que garanta a

possibilidade da humanização dos sujeitos e as potencialidades humanas em todas as suas dimensões, ou seja, a omnilitaralidade. Que se tenha um tempo para a arte e para a música, e que esse direito seja desenvolvido em toda a Educação Básica.

Em complemento, Kater aponta para três fatores que lhe parecem importantes quando se fala de competências do educador musical: o equilíbrio entre ser professor e ser profissional, o seu protagonismo e a competência técnica e humana. Nesse sentido, a Educação Musical também contribuirá para a emancipação e humanização dos indivíduos. Uma educação musical baseada na construção e sustentação de uma sociedade democrática também diz respeito, por um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos e, por outro, aos caminhos que podem conduzi-los para atingir esse objetivo. Certamente, a falta de um ambiente democrático nas relações estabelecidas entre alunos e professores, direção e/ou família, trará consequências nessa formação, entre elas o descomprometimento com a educação pública.

Portanto, compreender o momento político educacional e as tendências atuais das forças de trabalho indica que o foco parte da formação de professores, pois cursos de formação inicial e continuada são meios de modificar uma realidade, que muitas vezes não agrada ao "ensinante de música", como nos disse Kater. Nesse sentido, teremos de buscar por uma formação que objetive formar seres humanizados, com empatia, e que possam transformar o contexto escolar e também outros múltiplos lugares, produtivos e atrativos para todos – um novo olhar para a profissão de educador musical, assentada em dois pilares fundamentais: a Educação e a Música. Educação e Música, pois, se constituem nos fundamentos para o estabelecimento da base epistemológica e das ações práticas para a formação e atuação profissional em Educação Musical em uma sociedade democrática.

Referências

BIAZON, Stênio. Encontro com Carlos Kater: vida em movimento e "A Música da Gente. **Revista Música na Educação Básica (MEB),** Londrina, v. 10, n. 12, p. 7-29, 2020.

CHARLOT, Bernard; VASCONCELLOS; Celso dos S.; LIBÂNEO, José Carlos; CAVALLET, Valdo José (Org.). Por uma educação democrática e humanizadora. Volume 1, Dados eletrônicos, São Paulo, **UniProsa,** 2021. ISBN: 978-65-00-30557-9 DOI: https://doi.org/10.47764/978-65-00-30557-9.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da Educação Musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 10, p. 43-51, 2004.

KATER, Carlos. **Mesa-redonda II - A educação musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática:** bases epistemológicas e ações práticas. ERAbemSul, 2024. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kK9K3mLGayM. Acesso em: 05 mai. 2025.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011 — (Coleção educação contemporânea). Disponível em: file:///C:/Users/Hp/Downloads/DermevalSaviani-Pedagogiahistrico-criticaprimeirasaproximaes11edrevisada1.pdf. Acesso em: 05 de abr. 2025.

STORI, Regina. **Mesa-redonda II - A educação musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática:** bases epistemológicas e ações práticas. ERAbemSul, 2024. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kK9K3mLGayM. Acesso em: 05 mai. 2025.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana.** Ijuí: Unijuí: 2005.

A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CONSTRUÇÃO E SUSTENTAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA: BASES EPISTEMOLÓGICAS E AÇÕES PRÁTICAS

Regina Stori
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Introdução

Pensar em bases epistemológicas e ações práticas para o ensino de música com vistas ao desenvolvimento e à sustentação da democracia brasileira não é tema simples. Há necessidade de se refletir sobre o modo como nos organizamos socialmente, como o ensino de música se desenvolveu historicamente, particularmente no currículo escolar, que fundamentos foram desenvolvidos por pesquisadores para pautar esse ensino, como esses fundamentos se desdobram no cotidiano de professores e professoras, que perspectivas temos para o futuro e como podemos moldá-lo de acordo com nosso projeto de ensino de música democratizado e acessível a todos e todas.

Apresentar algumas reflexões sobre esses temas é o objetivo desse artigo, que se fundamenta na base epistemológica do materialismo histórico e dialético. Parte-se da ideia de que estamos em uma organização social que impede o livre e democrático acesso ao ensino de música a todas as pessoas, sobretudo no espaço escolar. E esse acesso é o projeto que se defende aqui.

Assim, a estrutura deste artigo está dividida em três partes – a primeira apresentando reflexões sobre o ensino de arte e música no currículo escolar; a segunda discorrendo sobre alguns limites para o ensino de arte e música na sociedade capitalista e, por fim, algumas perspectivas para o ensino de arte e música na Educação Básica.

Reflexões sobre o ensino de arte e música no currículo escolar

Historicamente tivemos idas e vindas, ora com mais espaço, ora com menos espaço, à arte e à música no currículo escolar. Neste momento histórico passamos, mais uma vez, por uma retração da presença da Arte no currículo escolar. Contudo, relembrar como se deu a presença da música na escola, minimamente em termos legais, se faz necessário.

Como ponto de partida, observa-se o prescrito na Lei nº 5.692 de 1971 sobre o ensino de arte escolar. Cabe ressaltar que essa Lei alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 4.024 de 1961. Entretanto, em 1971, o país estava sob a ditadura cívico-militar iniciada em 1964, após o golpe. A tônica desse momento era ora de controle de "todas as forças que pudessem se opor à direção dada ao país, ora para se conduzir a política educacional de acordo com os interesses econômicos de geração de mão-de-obra para o pretendido desenvolvimento" (Stori, 2011, p. 25).

O artigo 7º da referida Lei instituiu a Educação Artística no ensino de 1º e 2º graus, que foi inserida na área de Comunicação e Expressão, juntamente com outros conhecimentos. Portanto, não era um componente curricular isolado. Documentos oficiais posteriores mencionavam que a música, as artes plásticas, o teatro e o desenho integravam essa área, assim, sua abordagem era polivalente, tal como a formação de professores e professoras.

O ensino de arte nesse momento pautava-se na livre expressão, no deixar fazer, com consequente escassez de conteúdos e esvaziamento da avaliação. Os documentos oficiais davam respaldo a essas práticas (Stori, 2011). Fonterrada (2005) aponta a contradição entre esse ensino de arte proposto e o momento histórico:

> Interessante observar que esse discurso libertário ocorria nas aulas de educação artística nas décadas de 1970 e 1980, justamente a época do governo militar. Parece que, nesse momento, a educação artística funcionava como válvula de escape, único espaço aberto, na escola, à liberdade de expressão, que, no entanto, não se constituía realmente – afinal, como fazê-lo -, mas como simulacro (Fonterrada, 2005, p. 203).

Com a redemocratização e com a Constituição de 1988, foi necessário um novo projeto educacional para o país proposto, portanto, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996. O parágrafo 2º do artigo 26 dessa Lei instituiu o componente curricular Arte nos diversos níveis da Educação Básica. Já o parágrafo 6º prescreveu, inicialmente, a obrigatoriedade do ensino de Música por meio da Lei nº 11.769/2008 e foi alterado em 2016, por meio da Lei nº 13.278, que incluiu, além da Música, o ensino das Artes Visuais, da Dança e do Teatro. Portanto, em termos legais, temos a garantia desse conhecimento na Educação Básica.

Não serão desenvolvidas neste trabalho as políticas curriculares propostas a partir dos documentos legais. Vale citar, no entanto, a presença dos Parâmetros Curriculares Nacionais

(PCN), a partir de 1996, para todo o Brasil. No Paraná, foi publicado o Currículo Básico em 1990 e, em 2008, foram instituídas as Diretrizes Curriculares Estaduais para as escolas públicas estaduais – documentos, esses, já pesquisados por Stori (2011).

A Constituição Federal (1988), bem como o caput do artigo 26 da LDB (1996), previam uma base nacional comum para o Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, com a alteração desse artigo em 2013, essa base incluiu também a Educação Infantil. A discussão em torno dessa base foi iniciada no governo de Dilma Roussef (2011-2016), assim como a publicação de sua primeira versão.

Em 2017 foi homologada a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (Brasil, 2017b). Posteriormente, foi publicada BNCC para a etapa do Ensino Médio (Brasil, 2017c), finalizando o documento. Cabe ressaltar que, ainda em 2016, a partir da Medida Provisória nº 746, expedida pelo então presidente, Michel Temer, foi instituído o Novo Ensino Médio, que alterou a configuração dessa etapa, "flexibilizando" os percursos formativos dos educandos. Essa Medida Provisória tornou-se a Lei nº 13.415/2017.

A Lei nº 13.415/2017 manteve o ensino de arte na Educação Básica, mas suprimiu a parte do texto em que esse ensino objetivava "promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (Brasil, 2017a). Além disso, estabeleceu que no Ensino Médio haja práticas e estudos de arte. Assim, apesar de ser um componente obrigatório, o ensino de arte, agora, deve constar nessa etapa da educação com práticas e estudos.

Um apontamento a ser feito é que instituições escolares que objetivam os processos seletivos ao Ensino Superior (especialmente privadas) não renunciarão uma formação mais ampla, tal qual estudantes devem apresentar em tais processos. Portanto, se determinados estudantes não tiverem contato com as diferentes áreas do conhecimento, estarão em defasagem em relação aos que foram preparados.

Outra observação necessária diz respeito à identificação de adolescentes e jovens com determinada(s) área(s) do conhecimento. Essa identificação ocorre na medida em que há contato e experiências com diferentes conhecimentos durante sua formação escolar. Se não se conhece, se não há acesso, as possibilidades são descartadas e perde-se a oportunidade de se despertar diferentes profissionais que poderiam contribuir sobremaneira com a sociedade em diferentes áreas.

Uma questão ainda mais profunda refere-se ao contato com a riqueza de

conhecimentos produzidos na história da humanidade, com conhecimentos elencados como importantes para esse momento histórico. Isto é, limita-se a visão de mundo de educandos.

Antes de ser abordado o ensino de Arte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante situar o documento em termos gerais. Esse documento é baseado (assim como os PCN da década de 1990) no conceito de competências, a partir de Philippe Perrenoud, embora seu nome não seja citado. Nas duas publicações (da Educação Infantil e Ensino Fundamental e do Ensino Médio) são apresentados dois conceitos de competências, não excludentes, mas, entende-se, adequados à faixa etária correspondente.

Para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental "os resultados das aprendizagens precisam se expressar e se apresentar como sendo a possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem aplicá-lo para tomar decisões pertinentes" (Brasil, 2017b, p. 15). Essa é a definição de competência assumida no documento. Já para o Ensino Médio, competência refere-se à "mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho" (Brasil, 2017c, p. 8).

Assim, foram elencadas dez competências gerais a serem atingidas durante a Educação Básica. No que diz respeito especificamente ao ensino de Arte, o documento propõe a competência geral número três, que prevê o reconhecimento, a valorização e a fruição das "diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural" (Brasil, 2017b, p. 18). Nas três etapas da Educação Básica há competências específicas e as experiências com a arte estão presentes.

Cabe observar que tais competências (gerais ou específicas) não são conteúdos. Para o trabalho com a BNCC, há necessidade de elencar conteúdos e estratégias metodológicas para o atingimento desses objetivos (competências). Por um lado, flexibiliza-se o conteúdo de acordo com as diferentes realidades escolares no país, algo extremamente válido. Por outro, sem o devido cuidado, a abordagem dos conteúdos escolhidos pode vir a ter um fim em si mesma, de modo pragmático, aplicável, desconsiderando os contextos das produções artísticas da humanidade e de como diferentes momentos da história das artes possibilitaram a construção das sociedades.

Na Educação Infantil há a descrição dos itens "Corpo, gestos e movimentos" e "Traços,

sons, cores e formas" enquanto campos de experiências. No primeiro, o objetivo das experiências é "descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo" (Brasil, 2017b, p. 37), por meio da música, dança e teatro, entre outros. No segundo, pretende-se "favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que elas se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas" (Ibidem) por meio do contato com diversas "manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais" (Ibidem).

No Ensino Fundamental (EF) a Arte é um componente curricular que integra a área de Linguagens, juntamente com a Língua Portuguesa, a Educação Física e a Língua Inglesa (nos Anos Finais do EF). No Ensino Médio os componentes curriculares da área se mantêm, mas essa passa a ser denominada Linguagens e Suas Tecnologias.

Na primeira etapa do Ensino Fundamental, os conhecimentos (como as artes) estão presentes objetivando a continuidade dos conhecimentos e práticas desenvolvidas na Educação Infantil, de modo integrado. Conforme o próprio texto, a língua portuguesa é o fio condutor: "durante os dois primeiros anos, a apropriação do sistema alfabético da escrita ocupa espaço de reflexão especial, sendo as demais linguagens ressignificadas pela alfabetização, inclusive a linguagem oral, corporal e artística (Brasil, 2017b, p. 61).

A segunda etapa do Ensino Fundamental (Anos Finais) já traz uma organização diferente, com um tópico exclusivo para a área de Linguagens. Intenta a ampliação das "práticas de linguagem conquistadas no Ensino Fundamental – Anos Iniciais" (Brasil, 2017b, p. 61). A competência específica de Linguagens número sete discorre como objetivo "usufruir do patrimônio linguístico, artístico e de práticas corporais nacionais e internacionais, com suas diferentes visões de mundo, pelo acesso ao acervo e possibilidades de construção de categorias de diferenciação, apreciação e criação" (Brasil, 2017b, p. 62). O texto apresenta, ainda, nove competências específicas para a Arte, que na área de Linguagens é integrada pela música, dança, teatro e artes visuais, entendidas como unidades temáticas. Não está excluída, porém, a possibilidade de abordagens de formas de arte híbridas, como o cinema.

No que diz respeito ao como trabalhar o ensino de arte, o documento propõe seis dimensões: criação (fazer artístico por meio da produção), crítica (estudo e pesquisa), estesia (experiência sensível; percepção), expressão (exteriorização por meio da arte), fruição

(apreciação) e reflexão (percepção, análise e interpretação). Essas dimensões não são estanques ou hierarquizáveis.

Por fim, na etapa do Ensino Médio, a BNCC objetiva integrar mais as áreas do conhecimento na área de Linguagens e suas Tecnologias. O componente Arte engloba, nessa etapa, as artes visuais, a música, o audiovisual, o teatro e a dança, possibilitando relações de mercado e consumo. Para essa integração, uma das estratégias sugeridas seria a criação de Núcleos de Criação Artística.

Conforme Cruvinel (2021),

> A ideia de núcleo de criação artística pode ser interessante de ser implementada nas escolas e se mostra atual, ao propor diferentes referenciais e linguagens artísticas a serem trabalhadas. Contudo, é dever da escola, dos estados e dos municípios zelarem pela qualidade da educação em Arte, o que só se dará, de forma majoritária, com a contratação de profissionais da área que consigam formular os núcleos de criação artística de maneira eficiente para todos(todas) os(as) estudantes que deles fizerem parte (Cruvinel, 2021, p. 20).

Isto é, o que vem sendo defendido há anos por professores e professoras de Arte: a formação específica, capacitada para o trabalho com o conhecimento artístico. Permanece, ainda, a problemática da polivalência, uma vez que desde o início dos anos 2000 a formação em arte tem sido específica, mas o componente continua geral. Isso poderia ser resolvido nos sistemas de educação, mas depende de vontade política para sua efetivação. Essa vontade política, decorrente de projetos de governo e de sociedade que têm sido desenvolvidos, não virá se o poder público não for incitado a isso.

Em termos de estratégias metodológicas, a BNCC do Ensino Médio não expõe ações de modo sistemático, mas observam-se alguns encaminhamentos, como a pesquisa, o fazer artístico, desenvolvimento de processos de criação a partir de referências estéticas, exercício crítico, apreciação e fruição. Para o Ensino Médio, "é fundamental que os estudantes possam assumir o papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo" (Brasil, 2017c, p. 475).

Algo que leva a uma reflexão e possível preocupação é o fato de que a BNCC tem como princípio a superação de um currículo disciplinar (Brasil, 2017b, p. 17). Se a realidade se dá de modo múltiplo, seria compreensível a proposição de um currículo que conseguisse articular conhecimentos de diferentes áreas para o entendimento dos contextos. Contudo, no caso da

arte, dadas as condições de trabalho presentes nas redes escolares, isso leva a uma instabilidade e insegurança da sua presença constante, podendo ocasionar a continuidade da reprodução de práticas artísticas esporádicas, vinculadas a situações ou eventos.

No Estado do Paraná, o Referencial Curricular, baseado na BNCC, é apresentado em dois documentos. O primeiro para o Ensino Fundamental e o segundo para o Ensino Médio. Para o Ensino Fundamental são apresentadas as mesmas seis dimensões de trabalho com a arte, já registradas na BNCC para a mesma etapa: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Já para o Ensino Médio, a opção foi de ofertar, na primeira série, a chamada Formação Geral Básica (FGB). Nessa série, a FGB contemplará competências (ou objetivos de aprendizagem – termo escolhido) das quatro Linguagens.

Importante ressaltar que na matriz curricular desse Referencial para o Ensino Médio, a arte aparece na FGB somente na 1ª série, com duas horas-aula. Estudantes da 2ª e 3ª séries somente terão esse componente se cursarem o itinerário formativo integrado de Linguagens e Ciências Humanas. Dessa maneira, terão duas horas-aula nas demais séries. De outra forma, os conhecimentos das artes estarão limitados ao primeiro ano (Paraná, 2021).

Cabe lembrar que a presença da arte no currículo não é algo dado. Muito foi feito pela sociedade civil, pelas associações de arte e por membros da classe política afetos às propostas para se ter essa garantia. Tal assertiva conduz este texto para uma reflexão sobre os limites para o ensino de arte/música no sistema capitalista.

Limites para o ensino de música no sistema capitalista

No âmbito do Estado, enquanto espaço de disputas, a arte/música no currículo da Educação Básica corresponde a um projeto de sociedade, isto é, que formação se quer para estudantes da Educação Básica neste momento histórico? Que conhecimentos são importantes para o "pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho"? (Brasil, 1996). Pode-se observar que, conforme o recorte exposto anteriormente, a arte tem estado presente nas políticas curriculares desde os anos 1970.

Contudo, tem-se que ter em mente que a organização social em que vivemos é de ordem capitalista. Nesse sistema a ênfase está na acumulação do capital em detrimento da humanização dos sujeitos. Por humanização entenda-se o desenvolvimento da sensibilidade dos sentidos, permitindo acesso à produção humana historicamente construída.

Assim, atingir a maior produtividade pelo menor custo é condição *sine qua non* para se chegar ao objetivo da acumulação de capital nesse sistema. Esse menor custo vale também para o pagamento de salários da classe trabalhadora, isto é, a maioria da população. Por isso, se questionam direitos trabalhistas, como o pagamento de 13º salário, 1/3 de férias, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e outros benefícios.

Não somente isso, mas, também, a jornada de trabalho. No sistema capitalista, o contingente de desempregados (relação entre a oferta e a procura) possibilita o pagamento de menores salários, fazendo com que os trabalhadores e trabalhadoras precisem assumir uma carga de trabalho exaustiva que lhes garanta a sobrevivência ou sejam seus próprios empregadores (empreendedorismo) e renunciem a todos os direitos trabalhistas, sem garantir, no entanto, melhor renda ou melhores condições de vida.

Dessa maneira,

> o trabalho, de sua característica original como processo de construção do mundo e de autoconstrução do homem, transforma-se no processo de sua alienação. Ao ser rompida a unidade do trabalho, criar-planejar-executar-destinar, rompeu-se irremediavelmente a unidade do ser humano, foi-lhe roubada a dignidade de homem integral (Peixoto, 2003, p. 14).

Portanto, a organização social em que vivemos impede ou impõe barreiras para que homens e mulheres possam desenvolver-se de modo omnilateral. A omnilateralidade, na perspectiva assumida neste trabalho, refere-se ao desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano (Roggenkamp; Masson, 2023, p. 3). Permitir diferentes experiências com o conhecimento, com a ciência, com as artes. É exatamente isso que tem sido negado, sobretudo, à classe trabalhadora.

Desde o século XIX, Marx já apontava para o embrutecimento dos sentidos das pessoas da classe trabalhadora, que precisam se dedicar ao atendimento de suas necessidades mais básicas de existência em detrimento de outras necessidades e experiências como, por exemplo, a arte. Para Marx (2008, p. 110),

> A *formação* dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. O *sentido* constrangido à carência prática rude também tem apenas um sentido *tacanho*. Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir muito bem na forma mais rudimentar, e não há como dizer em que esta atividade de se alimentar se distingue da atividade *animal* de

> alimentar-se. O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum *sentido* para o mais belo espetáculo [...]; portanto, a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer *humanos* os *sentidos* do homem quanto para criar *sentido humano* correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural (Marx, 2008, p. 110).

Conforme exposto, a vida humana em sua riqueza implica no desenvolvimento omnilateral, pressupõe que a vida seja preenchida também com a arte e a música. Mas onde os filhos e filhas da classe trabalhadora poderão desenvolver a potencialidade artística que é inerente a todo ser humano?

Penna (2012) assertivamente registra que o "espaço educacional para a atividade artística de maior alcance – portanto mais democrático, em princípio – é dado pelas parcas horas destinadas à Arte no currículo da educação básica" (p. 39). Essas parcas horas, como visto acima, são objeto de disputa não só em relação à presença (ou não) da arte no currículo escolar, mas, também, entre componentes curriculares, como se houvesse justificativa cabível para considerar uma área de conhecimento superior à outra.

Assim, a realidade não permite um olhar muito otimista quando se vê, por exemplo, que o Ensino Médio tem o maior índice de repetência e evasão, conforme dados do Censo Escolar de 2023 (Ensino, 2024). Na mesma notícia consta, ainda, que a população mais vulnerável é aquela na qual ocorre o maior índice de repetência e evasão, conforme dados de 2020 e 2021.

Desse modo, se por um lado o espaço escolar é o mais democrático para o acesso à arte e à música, esse é um espaço excludente também, não somente pela necessidade de adolescentes e jovens evadirem, assumindo responsabilidades da vida adulta, mas o currículo escolar atual não permite, seguramente, o contato com a amplitude de conhecimentos artísticos pois, conforme analisam Roggenkamp e Masson (2023, p. 6), "em uma sociedade onde vigoram a desigualdade social e a limitação do acesso à educação plena, inclusive em todos os âmbitos do sensível, para parte considerável dos seus integrantes, é possível inferir que os processos de desumanização tendem a ser persistentes".

Diante do exposto, do breve histórico do ensino de arte na legislação brasileira, das condições e disputas em torno do espaço curricular destinado às práticas artísticas e dos limites encontrados na sociedade, como superar as práticas de ensino de arte e de música ainda presentes historicamente nas escolas brasileiras? Como transcender o prescrito nos documentos oficiais norteadores da educação?

Perspectivas para o ensino de arte e música na Educação Básica

O ensino de arte sofre as mesmas mazelas por todo o país. As escolas públicas são precárias, na matriz curricular são privilegiados outros conhecimentos em detrimento da arte, há falta de recursos humanos, materiais e de estrutura, as cobranças por índices nas avaliações em larga escala estão presentes, a desvalorização do trabalho das professoras e professores está disseminada e as perspectivas futuras, a partir da BNCC e do Novo Ensino Médio (por exemplo), não são as melhores (Stori, 2022).

Entretanto, se se pretende um ensino de arte e música humanizador, é preciso pensar em atuações que convirjam com esse objetivo. Há diferentes propostas ou abordagens metodológicas para esse ensino, contudo, como exemplos, serão apresentadas brevemente as propostas das professoras Ana Mae Barbosa e Violeta de Gainza e do professor Keith Swanwick.

A primeira exposição refere-se à abordagem triangular, sintetizada pela professora Ana Mae Barbosa. Nessa abordagem são contemplados três eixos no ensino de arte: leitura da obra de arte, fazer artístico e contextualização. Essa proposta, baseada nas "Escuelas al Aire Libre mexicanas, [n]o Critical Estudies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano" (Barbosa, 1998, p. 33), foi utilizada na década de 1990 para embasar os Parâmetros Curriculares Nacionais. Tal perspectiva, no entanto, não foi assumidamente declarada no documento.

À época, Penna (2001) problematizou a transposição de uma proposta de ensino de arte, advinda das artes visuais, para as demais áreas (música, teatro e dança) sem considerar suas particularidades. Entretanto, essa continua sendo uma abordagem utilizada por professores e professoras de arte nas escolas paranaenses (Stori, 2022).

A professora Violeta de Gainza elencou quatro elementos para a formação do intérprete musical. Entende-se que tais elementos são passíveis de transposição para uma educação musical mais ampla. São eles: a educação do ouvido, a compreensão mental, o enfoque na técnica e a criatividade (Gainza, 1988, p. 117).

Por fim, o professor Keith Swanwick apresentou cinco atividades possíveis para a educação musical. "Essas atividades são *composição, estudos de literatura* (lidar com as informações *sobre* música), *apreciação* ou "*audição*" (de outros alunos, do professor ou de uma gravação), aquisição de *técnica* e *performance*" (Swanwick, 2003, p. 70, grifos no original). Esse sistema foi traduzido no Brasil para a sigla TECLA.

Essas três proposições têm pontos em comum. Todas mencionam apreciação, compreensão da obra de arte ou da música e a prática artística, seja por meio da reprodução seja a partir da composição. Entretanto, fundamentam-se em bases epistemológicas que não o materialismo histórico e dialético.

Um ensino de arte e música baseado nessa perspectiva teórica objetivará a humanização dos sentidos em direção ao desenvolvimento humano omnilateral e à atuação dos sujeitos na sociedade. Portanto, defende-se um ensino de arte e de música que contemple (minimamente) tais eixos: perceber, praticar e pensar. Os nomes propostos podem ser alterados, mas seus desdobramentos, não.

De que desdobramentos se está falando? Um ensino de arte e de música fundamentado no materialismo histórico e dialético possibilita às pessoas

> [...] desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de *pré-conceitos*, mas repleto de atenção (Canton, 2009, p. 12, grifo da autora).

Essa superação das obviedades pode ser vista, por exemplo, no trabalho Batucaneta, do professor Marcus Vieira. Nessa proposta, o professor produz (e ensina a produzir) sons, ritmos e música por meio da percussão com canetas. Isto é, um objeto cuja obviedade é escrever, tornou-se instrumento musical para a experimentação e composição a partir de um olhar livre que permitiu sua exploração. O conhecimento da arte possibilita ao ser humano, portanto, ir além das aparências, pensar sobre si, sobre seu próprio mundo, sobre sua história e problematizar sobre a lógica social e econômica que o rege. A arte humaniza as pessoas e um sujeito mais humano é mais questionador, menos obediente (Stori, 2022).

Aqui se chega à democracia enquanto tema. Nossa democracia poderia ser configurada como o que Nicos Poulantzas (1936 - 1979), filósofo e sociólogo grego, chamou de democracia política. Nessa democracia, o Estado atua e se organiza em relação ao seu papel econômico, em defesa dos capitalistas. Desse modo, reforça-se a individualização no sentido de que todos os sujeitos são iguais (pobres e ricos, por exemplo), pois têm o mesmo direito ao voto para manter ou mudar a sociedade (um indivíduo é igual a um voto). Entretanto, se distancia da

> democracia social, em que os direitos garantidos se relacionam com o bem-estar e interesse da população. [...] Esse aspecto individualizado reforça o

> domínio de classe, uma vez que o indivíduo livre não estaria associado como classe, inclusive, porque o Estado parte da noção de igualdade para justificar a democracia política (Stori, 2020, p. 8).

Diante do exposto, cabe perguntar: que democracia é de interesse da classe trabalhadora? Sem dúvida, uma que defenda sua existência digna, mas, não somente, que possibilite que as pessoas se desenvolvam na multiplicidade das potencialidades humanas; que construam a sociedade com seu trabalho, mas que esse permita-lhes o acesso a diferentes oportunidades e experiências, particularmente com a arte e com a música; que se humanizem por meio da arte, que pensem sobre seu mundo, que questionem, que enfrentem a realidade posta para mudá-la; que construam o futuro desejado.

Portanto, não há outro meio de caminhar nessa direção se não for feito na coletividade e na cotidianidade. O ensino de arte e de música, assim como o futuro que se deseja, não virão naturalmente. Devem ser construídos hoje, pois, conforme propõe Stetsenko (2022, p. 13): “a atuação humana é contingente em indivíduos se comprometendo com uma determinada versão do futuro e, o mais importante, “sempre já” criando gradualmente esse futuro por meio de ações no presente”.

O conhecimento artístico é um direito humano, para que as pessoas possam se apropriar da produção humana nesse campo. É devido para que possam se desenvolver como seres humanos. Para que possam humanizar-se e, ainda, para que possam atuar na sociedade em direção a uma construção social mais democrática e justa.

Nesse sentido, uma nova realidade democrática, em que a arte e a música façam parte da vida das pessoas de modo significativo, é possível. Cabe a cada um e a cada uma construir cotidianamente em seus espaços de atuação, suas salas de aula, comunidade escolar, audiências públicas, movimentos sociais, entre outros. Mas, não somente, essa nova realidade será construída também na coletividade, no conjunto de ações de indivíduos nos diferentes agrupamentos possíveis, inclusive nas associações de arte, como a Associação Brasileira de Educação Musical.

Resistir, portanto, é preciso. É preciso caminhar em direção a uma sociedade democrática, plural, inclusiva, com arte, com música e com dignidade para todos e todas.

Referências

BARBOSA, A. M. **Tópicos utópicos.** 2ª Reimp. 2007. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis n º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, 16 fev. 2017a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a Base. Brasília, 2017b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a Base. Ensino Médio, Brasília, 2017c.

CANTON, K. **Tempo e memória.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea).

CRUVINEL, T. Qual o futuro da disciplina Arte a partir da BNCC do Ensino Médio? **Urdimento,** Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021. DOI 10.5965/1414573101402021e0206

ENSINO Médio tem maior taxa de evasão da educação básica. 22 fev 2024. Disponível em: https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202402/ensino-medio-tem-maior-taxa-de-evasao-da-educacao-basica. Acesso em: 28 out. 2024.

FONTERRADA, M. T. de O. **De tramas e fios:** um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

GAINZA, V. H. **Estudos de Psicopedagogia Musical.** Trad. Beatriz A. Cannabrava. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção Novas Buscas em Educação, v. 31)

MARINHO, V. M. Arte na escola: origens e aplicações da metodologia triangular. *In:* PEREGRINO, Y. R. (coord.). **Da camiseta ao museu:** o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: CCHLA /UFPB, 1995. v. 1.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-filosóficos.** 1 ed. 2. reimp. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. **Instrução Normativa Conjunta n.º 008/2021 – DEDUC/DPGE/SEED – Retificada.** Dispõe sobre a Matriz Curricular do novo modelo de oferta para o Ensino Médio na rede pública estadual de ensino do Paraná a partir do ano

letivo de 2022. Curitiba, 21 dez. 2021.

PEIXOTO, M. I. H. **Arte e grande público:** a distância a ser extinta. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, n. 84)

PENNA, M., ALVES, E. Emoção/Expressão versus Linguagem/Conhecimento: os impasses da fundamentação dos PCN-Arte. *In:* PENNA, M. (coord.) **Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as concepções de Arte.** 2 ed. revisada. João Pessoa/PB: CCHLA/UFPB, 1999.

PENNA, M. A orientação geral para a área de Arte e sua viabilidade. *In:* PENNA, M. (Coord.). **É este o Ensino de Arte que queremos?:** Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa/PB: Editora Universitária, CCHLA/PPGE, 2001.

PENNA, M. **Música(s) e seu ensino.** 2 ed. rev e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2012.

POULANTZAS, N. **O Estado, o poder, o socialismo.** 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ROGGENKAMP, C., MASSON, G. Educação Estética e Educação para as Artes na Sociedade Contemporânea. **Debates em Educação.** Vol. 15, N. 37. 2023. DOI 10.28998/2175-6600.2023v15n37pe14135

STETSENKO, A. O desafio da individualidade na Teoria da Atividade Histórico-Cultural: dialética "coletividual" a partir de um posicionamento ativista transformador. Trad. Janete Bridon. **Práxis Educativa,** Ponta Grossa, v. 17, e2219943, p. 1-21, 2022. DOI: https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19943.014.

STORI, R. **As Diretrizes Curriculares de Arte do Estado do Paraná:** uma análise dos fundamentos e da gestão do ensino de música em Ponta Grossa/PR (2003 – 2010). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

STORI, R. O Estado, o estatismo autoritário e as políticas públicas na concepção de Poulantzas. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa,** Ponta Grossa, v. 5, e2017052, p. 1-17, 2020. DOI: https://doi.org/10.5212/retepe.v.5.17052.023.

STORI, R. **O ensino de Arte no Ensino Médio em escolas no Paraná:** políticas, concepções e práticas (2008-2019). 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022.

SWANWICK, K. **Ensinando Música Musicalmente.** Trad.: Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

FÓRUM DAS LICENCIATURAS: RELATO DO XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM

Sandra Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Na preparação do XXI Encontro Regional Sul da ABEM, de 2024, fiquei encarregada de organizar e mediar o Fórum das Licenciaturas.

1º momento: reunião prévia com coordenadoras(es)

Como medida inicial, junto às colegas organizadoras do evento, julgamos importante promover um encontro prévio online. A ideia era a de que, com a participação de coordenadoras(es) dos cursos de Licenciatura em Música da região, pudéssemos levantar questões a serem debatidas no Encontro Regional Sul da ABEM, a ser realizado no mês seguinte.

O primeiro passo para a organização dessa reunião foi a atualização da lista de contatos, tendo como ponto de partida os dados disponibilizamos pela própria ABEM. Com a listagem atualizada, contatei coordenadoras e coordenadores. Os convites foram enviados, mas as confirmações foram poucas.

Conforme combinado, o encontro prévio online aconteceu no dia 10 de outubro de 2024, das 19h às 20:30h. Estiveram presentes coordenadoras(es) das seguintes instituições: Vania Malagutti e John de Castro, da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR); Luiz Fiammenghi, da Universidade do Estado de Santa Catariana (UDESC/SC), Isabel Ceron, da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC/SC), Helena Loureiro, da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR); Monia Kothe, do Instituto Superior de Educação Ivoti, RS; e Carla Lopardo, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/RS). Também participaram dessa reunião os professores Eduardo Pacheco, da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UERGS/RS), e Matheus Leite, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/RS).

Após a acolhida aos participantes, apresentações pessoais e institucionais, informei a pauta do encontro, proposta com base nas demandas dos cursos dos quais as organizadoras do Encontro Sul da ABEM são docentes, em reunião realizada com essa finalidade. Foram elas:

1) Número alto de estudantes que desistem dos cursos no decorrer deles;
2) Currículos defasados, que dialogam pouco com a realidade de estudantes ingressantes na atualidade;
3) Abordagens de ensino nas diferentes disciplinas do curso que desconhecem metodologias e modos outros de pensar o ensino de música;
4) Número elevado de professores substitutos;
5) Perspectivas de trabalho no campo da Educação Musical e da Música: as licenciaturas têm pensado sobre esse tema?

Após a apresentação desses pontos, as(os) participantes contribuíram com mais duas questões, que foram incluídas na pauta:

6) A entrada de estudantes sem conhecimento de leitura e escrita da música ocidental, e dificuldades na leitura e na escrita da língua portuguesa, além de falta de conhecimentos gerais;
7) Concursos docentes para a área de conhecimento Artes e não para Música e seus consequentes desafios. Estes acontecem tanto nas provas de seleção como na organização dos cursos para a avaliação prática do ENADE, dada a possibilidade de estudantes de Música serem avaliados por professores de outra área artística.

A partir da colocação dos novos pontos, começamos a conversar sobre eles, tendo em vista a realidade de cada uma das instituições representadas na reunião. Na UEM, por exemplo, foi dito que docentes que atuam na licenciatura pararam de discutir a questão do ingresso de estudantes sem conhecimento de leitura e escrita da notação musical convencional, como se isso fora um problema, e passaram a pensar em soluções, tornando-se o corpo docente protagonista ao propor disciplinas de “alfabetização” na Licenciatura. Estas, ainda de acordo com relatos, seriam implementadas também no Bacharelado, com a duração de pelo menos um ano, mas que talvez pudesse durar mais tempo.

Outra decisão tomada foi a de colocar o curso em um só turno, para possibilitar que os estudantes pudessem também trabalhar – uma reivindicação antiga. Além dessas mudanças, houve investimento em cursos de extensão, com um programa permanente que oferece esse tipo de formação inicial para pessoas da comunidade, com a expectativa de que 30% delas venham para o vestibular dos cursos de Música da instituição. Esses foram modos que encontraram tanto para aumentar a quantidade de estudantes nos cursos, como para resolver a concepção de que a falta de domínio da leitura e escrita de partituras fosse considerada como um despreparo de estudantes.

Conversamos sobre a questão dos currículos, por serem em sua maioria centrados em um único tipo de conhecimento – o da música da cultura letrada de origem europeia, e da não

consideração por outros saberes. Falamos sobre discussões da área acerca de currículos decoloniais. Houve também a defesa de um tipo de conhecimento que vem da linguagem da música de concerto. Por outro lado, foi lembrada a importância da contribuição de estudos em Etnomusicologia para a Musicologia, tal como o reconhecimento da existência de outros modos de registrar a música, sem a necessidade do uso do pentagrama, por exemplo.

Os professores encarregados de organizar e mediar o Fórum dos Estudantes, Eduardo Pacheco e Matheus Leite, lembraram da reunião que seria feita com estudantes, planejando fazer com esses uma conversa no formato da que estávamos fazendo com coordenadoras(es). A partir de minha fala sobre a necessidade de ouvirmos mais o que estudantes têm a dizer, Eduardo e Matheus combinaram que a conversa com estudantes poderia ser realizada com temática livre. Falamos tanto sobre escuta musical em nossa área, mas considero que não temos ouvido tanto os(as) estudantes. Por isso, a pertinência de pensar em uma pauta mais aberta para conhecer suas perspectivas sobre os cursos e quais são as demandas desses sujeitos.

Ao caminharmos para o final da reunião, propus que o documento a ser resultante do Fórum de Coordenadores(as) pudesse ser ampliado para pensarmos o que a ABEM pode assumir enquanto associação de classe trabalhadora e de divulgação de conhecimento da área da Educação Musical – por exemplo, como a associação poderia atuar na formulação de políticas públicas com ações específicas para pautar concursos e aulas de Música em todos os âmbitos governamentais. Poderia ser um documento que nos levasse a discutir, também, quais pautas ficariam a cargo dos cursos de licenciatura, quais delas seriam de responsabilidade das coordenações e quais poderiam ser assumidas por docentes.

Nesse encontro, houve uma boa troca de ideias e compartilhamento de caminhos para pensarmos a área da Educação Musical. Ao final, saímos da reunião com a intenção de dar continuidade aos debates no Fórum de Coordenadoras(es) que viria logo a seguir, mais especificamente no dia 23 de novembro.

Após o encontro, enviei cartas-convite para coordenadores participarem do Fórum no Encontro Regional Sul da ABEM, em Maringá. Na preparação para o evento regional, dado o tempo exíguo que teríamos, planejei centrar os debates na questão que mais gerou discussão dentre as seis elencadas previamente: a forma de ingresso nos cursos, com ou sem prova de habilidades musicais específicas.

2º Momento, Maringá: de fórum de coordenadores para fórum de professoras(es)

Em Maringá, como parte da programação do Encontro Regional Sul da ABEM, no dia 23 de novembro de 2024, fizemos o Fórum de Coordenadoras(es). Em razão da baixa presença de docentes que ocupavam essa função naquele momento, decidimos estender o convite a professoras(es) de ensino superior presentes no evento. Com a forte adesão de colegas docentes dos cursos de licenciatura, o fórum passou a ser nomeado Fórum das Licenciaturas. Marcaram presença as professoras Vania Malagutti Fialho, Cássia Virgínia Coelho de Souza e Mariana Hammerer, da UEM; Isabel Ceron, da UNIPLAC; Jusamara Souza, da UFRGS; Adriana Bozzetto e Lucia Teixeira, da Unipampa; Solange Maranho, Andreia Veber, Clara Barros e Rossana Cavallini, da UNESPAR (FAP/Campus Curitiba II); Dulcimarta Lino (FACED/UFRGS); e Regina Fink e eu, da UDESC. É importante dizer também que pudemos contar com a presença do Professor Mário André Wanderley, presidente da ABEM, que gravou todo o encontro.

Segundo Solange Maranho, a adesão ao SiSU (Sistema de Seleção Unificada) na universidade em que atua trouxe muita riqueza musical para o curso, com outros saberes de estudantes que passaram a compor a agenda da Licenciatura. Não ter o teste específico da linguagem musical faz pensar sobre qual música estamos falando. Ainda segundo a professora, o teste é uma grande acomodação na história, pois é preciso lembrar que não temos cursos de música na Educação Básica do país. Solange finalizou sua fala se dizendo a favor de continuar sem testes.

Adriana Bozzetto relatou que o Curso de Música recebe estudantes através do SiSU, com ingresso por notas do ENEM e demais formas complementares (como, por exemplo, de portador de diploma), e não realiza prova de habilitação específica. Desde o ano de 2012, o corpo docente tem seguido com essa perspectiva por saber da diversidade de estudantes que ali ingressam, muitos vindos de outros estados do Brasil. No entendimento do Curso, testes de habilidades específicas não contemplam a diversidade cultural de licenciandos ingressantes. Segundo a docente, diversos currículos, por outro lado, estão na contramão de uma compreensão dessa diversidade. O Curso de Música é uma Licenciatura, com um grupo que trabalha de modo ativo no Núcleo Docente Estruturante (NDE) e lá, por exemplo, contam com o componente curricular “Músicas, Histórias e Sociedades”, que busca desconstruir o paradigma eurocentrado e ampliar as perspectivas abordadas pela “História da Música”. Na Licenciatura da instituição, existe o entendimento de que os(as) discentes têm o direito de

estudar música e, também por isso, aprendem a ler e escrever música. Para tanto, não basta abolir o currículo, mas mudá-lo, considerando suas marcas pelo colonialismo; para isso, é necessário repensar o impacto dos componentes curriculares, desde os seus nomes até as ementas. No entanto, ainda com essas decisões, o curso nem sempre consegue preencher a totalidade das vagas.

Regina Finck mencionou sua experiência de ter trabalhado na instituição (UDESC) não apenas como docente, mas atuando em várias instâncias administrativas, da coordenação de curso à direção geral de ensino de graduação, no Centro de Artes, Design e Moda. Em suas palavras, os currículos estão inchados, com muitas disciplinas eletivas que poderiam ser colocadas como obrigatórias. Seria necessário "enxugar e deixar o currículo mais adequado ao contexto pós-pandemia", que trouxe muitos desafios. Finck lembrou ainda da importância de serem repensados currículos com disciplinas que são resultantes de desejos individuais de professores, sem nunca terem sido oferecidas.

Nesse momento, mencionei os bacharelados e o tipo de pensamento que permeia e até mesmo funda alguns desses cursos, muitas vezes mais voltados para a formação de instrumentistas. Nesse momento, Dulcimarta Lino (UFRGS) afirmou a relevância de pensarmos em formas coletivas de alfabetização musical e de revermos metodologias e modos de pensar percursos de aprendizagem.

Cássia Virgínia Coelho de Souza (UEM) informou sobre uma proposta curricular realizada na instituição em 2024, já adaptada para atender à Resolução CNE 4/2024, que alinha a formação docente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse documento, a área de Educação Musical aproveitou para atualizar o currículo para uma abordagem mais condizente com a realidade do campo e do contexto da região, mas a proposta não foi aprovada pelo NDE (Núcleo Docente Estruturante), em razão de discordâncias de concepções docentes sobre ensino de música. Essa questão foi ressaltada como o maior desafio da área de Educação Musical na Universidade, desde que há entendimentos diferentes a respeito de manter uma tradição conservatorial de ensino de música ou de transformá-lo e atualizá-lo para o momento social presente. Segundo afirmou, a grande questão, que entende extrapolar o caso específico da UEM, é pensar quem somos nós, educadoras(es) musicais, e como podemos conviver de forma harmoniosa num mesmo contexto musical universitário mediante a necessidade de mudanças nas bases epistemológicas da área de Música, que impactam a

formação docente e não são aceitas por uma maioria de professores com vínculos tradicionais. Outra demanda de reflexão apontada pela professora, que em seu modo de ver tem a mesma raiz, é a necessidade de manter, por tradição, uma prova de habilidade específica no vestibular, já que ainda se luta pela existência/permanência do ensino de música nas escolas de Educação Básica; e os candidatos aos cursos de Licenciatura, na maioria dos casos, não trazem essa bagagem para o curso superior.

Vania Malagutti Fialho mencionou a situação sensível em que se encontravam na UEM naquela ocasião, com a mudança do curso do período integral para o funcionamento apenas no turno matutino, em razão do atendimento à realidade dos estudantes que precisavam trabalhar. O esforço da equipe docente era de contemplar o "estudante real", que não consegue mais dedicar o dia todo aos estudos. A organização do curso para um único turno aumentou o quantitativo de estudantes entrantes, além do retorno de estudantes que haviam trancado o curso para trabalhar. A mudança também foi apoiada pelos graduandos e pela gestão central da universidade, que está empenhada em políticas de entrada e de permanência estudantil. Ela relatou ainda que a mudança de curso não foi unânime entre o corpo docente, dado que colegas do bacharelado foram contrários ao encaminhamento. Isso, portanto, gerou tensões no curso. Em sua fala, também lembrou da importância de termos um mapeamento do funcionamento dos cursos de licenciatura, para que possamos ter mais força política, inclusive nas discussões nos próprios cursos. Mencionou que a área da Educação Musical desconhece muitos dados relativos às licenciaturas no país, como por exemplo o quantitativo de professores que atuam nela. Na UEM, por exemplo, são apenas três professoras efetivas. Como é a situação em outras universidades?

Em relação à crescente preocupação com o fechamento dos cursos de licenciatura em música no Brasil, a egressa Daniele Isabel Ertel, da UERGS, falou da importância de os cursos de licenciatura em Música aproximarem os estudantes das práticas pedagógicas. Uma das possibilidades seria firmar parcerias entre as universidades e os espaços culturais e educacionais presentes nos diferentes municípios do país. Esse cenário poderia incentivar e qualificar a formação dos estudantes para atuar com educação musical, objeto de estudo dos cursos. Infelizmente, muitos cursos de Música, inclusive as licenciaturas, têm se voltado mais para os estudos das práticas instrumentais, não dando ênfase para o estudo de metodologias diferenciadas. A inserção dos profissionais, enquanto professores, na educação precisaria, em

sua concepção, acontecer para além dos estágios.

Solange Maranho falou sobre currículos e sobre o curso da instituição, que acontece no turno da tarde, e que se está dando conta de que parece não ser o melhor. Segundo afirmou, o currículo é importante, mas precisamos pensar em outras causas, como, por exemplo, quem nós somos? Para respirar, pensar melhor quem somos. Sobre os egressos, afirmou que de 250, apenas 60 deles estavam na escola, sendo que 0% estavam na educação pública, pois trabalhavam como professores e músicos, e como professores particulares.

Isabel Ceron nos relatou que na instituição em que atua, situada em Lages-SC, trabalham apenas 5 docentes. O curso de Música tem 20 anos, funciona no turno da noite, só tem a licenciatura, e não realiza prova de habilidade específica para o ingresso de estudantes. Dulcimarta Lino propôs que pudéssemos pensar em outras epistemologias e nas metodologias, com uma pesquisa para mapear situações e proposições para a área. Adriana Bozzetto, por sua vez, também lançou o questionamento: *Quem somos nós?*

Como nosso tempo de reunião estava acabando, encaminhei as discussões para um fechamento, propondo, naquele momento, que pudéssemos nos pensar enquanto coletivo de profissionais docentes. Em seguida, Mário André Vanderley, em seu papel enquanto presidente da ABEM, nos solicitou uma pauta para um encontro de organizadoras(es) dos fóruns regionais de coordenadoras(es) e docentes, antes do congresso nacional, para que pudéssemos pensar encaminhamentos dos pontos discutidos em cada um deles.

Encaminhamentos

Ao final do Fórum das Licenciaturas, ficou acordado entre as pessoas presentes que faríamos um encontro na ABEM Nacional para falarmos sobre as licenciaturas e propormos não uma denúncia, mas sim uma pronúncia, instigados por Noguera (2019):

- Como nós nos pensamos enquanto coletivo? O que nos cabe enquanto educadoras e educadores musicais, e o que nos cabe na complexidade da contemporaneidade de um país marcado pela diversidade e diferença? Qual é o lugar da música na realidade brasileira de desigualdades, com estudantes que chegam às universidades com demandas advindas do viver essa nova realidade?
- Como pensar, juntas e juntos, outras epistemologias e metodologias de aprender e ensinar música que sejam mais alinhadas a estudantes de hoje?
- É preciso recuperar a ética, com seu necessário lugar nas práticas e nas pesquisas da área.
- Precisamos chegar ao encontro nacional com pesquisas sobre perfis de universidades sobre os cursos. As licenciaturas brasileiras realizam provas de habilidades musicais

específicas, ou não?

- Quantas(os) são as(os) professoras(es) que atuam nas licenciaturas?

Finalizamos, então, com o encaminhamento de uma pesquisa a ser realizada sob a liderança da Profa. Dra. Jusamara Souza, junto aos cursos de licenciatura em Música da região Sul do país, com o apoio da ABEM.

Nota final:

Em decorrência deste encaminhamento, foi realizada a referida pesquisa, liderada pela Profa. Dra. Jusamara Souza (UFRGS), intitulada "Cursos de Licenciatura em Música: rumo a uma pesquisa nacional e à constituição de um observatório da ABEM". Os resultados foram apresentados em formato de painel no dia 6 de novembro de 2025, no XXVII Congresso Nacional da ABEM. O painel contou com a participação da Profa. Dra. Adriana Bozzetto (UNIPAMPA), Profa. Dra. Cássia Virgínia Coelho de Souza (UEM), Prof. Dr. Matheus de Carvalho Leite (UNIPAMPA), Profa. Dra. Sandra Mara da Cunha (UDESC), Profa. Dra. Solange Maranho Gomes (UNESPAR - Campus II) e Profa. Dra. Vania Malagutti Fialho (UEM) além dos professores Dra. Jusamara Souza (UFRGS) e Mário André Wanderley Oliveira (UFRN/ABEM).

Professores e professoras participantes do Fórum de Professores do Encontro Regional Sul da Abem



Referência

NOGUERA, Renato. Denúncias e pronúncias: estudos afroperspectivistas sobre infâncias e educação das relações étnico-raciais. **Childhood & philosophy**, v. 17, p. 01-22, 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/article/view/48335/34764. Acesso em: 25 abr. 2025.

FÓRUM DOS ESTUDANTES: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

Eduardo Pacheco
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Matheus de Carvalho Leite
Universidade Federal do Pampa

O XVII Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) aconteceu entre os dias 21 e 23 de novembro de 2024, nas dependências do SESC Maringá (Serviço Social do Comércio), em parceria com a Universidade Estadual de Maringá (UEM). Com o tema "Educação musical, o mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática", o evento reuniu docentes, discentes e profissionais da área da Música para refletir sobre a formação docente e os desafios contemporâneos da Educação Musical.

Dentro da programação, destacou-se a realização do Fórum dos Estudantes, ocorrido no sábado, 23 de novembro, momento importante de escuta e debate a partir das vozes dos discentes. O Fórum se configurou como parte fundamental do evento, valorizando a participação estudantil e ampliando o alcance das discussões em torno da formação em Música. A proposta está alinhada com a missão da ABEM, que busca promover o fortalecimento político e pedagógico da Educação Musical no Brasil, por meio de ações que articulem diferentes sujeitos e instituições em torno de um projeto nacional comprometido com a formação crítica e transformadora de professores.

Ainda que não se trate de uma iniciativa absolutamente inédita — já que em outros encontros regionais da ABEM, realizados ao longo de 2024 nas outras regiões do país, houve também espaços de diálogo com estudantes —, o Fórum dos Estudantes do Encontro Sul representou um marco importante ao consolidar esse espaço dentro da programação oficial do evento. A criação deste fórum se deu a partir do entendimento de que os estudantes dos cursos de licenciatura em Música são protagonistas fundamentais na construção dos cursos, das práticas pedagógicas e dos projetos institucionais. Considerar as vozes discentes é reconhecer o valor do material humano que movimenta a universidade, junto aos professores, técnicos e demais agentes da comunidade acadêmica. Por isso, proporcionar um espaço formal de escuta e debate representa um gesto político e pedagógico de grande relevância, reforçando o compromisso da ABEM com uma educação musical democrática, plural e sensível às

realidades vividas por seus estudantes.

A coordenação do Fórum dos Estudantes foi realizada pelos professores Eduardo Guedes Pacheco e Matheus de Carvalho Leite. Eduardo Guedes Pacheco é doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2012) na linha de Pesquisa Filosofias da Diferença e da Educação e atua como docente na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), com trabalho voltado à formação de professores, em especial no que tange às questões étnico-raciais, com ênfase na negritude, integrando sua prática como educador ao trabalho como instrumentista de percussão. Já Matheus de Carvalho Leite, possui doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS – área de concentração Educação Musical e atua como docente na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. Ele desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão com foco em estudos socioculturais e teorias do cotidiano, além de integrar o Grupo de Pesquisa Educação Musical e Cotidiano (da UFRGS). Matheus Leite é representante da ABEM no estado do Rio Grande do Sul e atua como instrumentista de percussão. Ambos os professores foram convidados a integrar a programação do evento e se engajaram na organização do Fórum com o intuito de qualificar o diálogo e garantir um espaço efetivo de escuta ativa das demandas estudantis.

Como estratégia de mobilização e construção coletiva da pauta, foi organizada uma comunicação prévia com os estudantes. Para isso, foi elaborada uma carta-convite endereçada aos Diretórios Acadêmicos e coordenadores de cursos de licenciatura em Música das universidades da Região Sul, convidando os discentes a participarem ativamente do Fórum dos Estudantes. A carta expressou o desejo de que os cursos incentivassem a participação, reconhecendo a relevância de se pensar, a partir da perspectiva discente, questões emergentes nos cursos, a fim de construir reflexões e proposições sobre os desafios vividos no presente e aqueles que se desenham no futuro próximo. Essa mobilização antecipada teve como objetivo garantir maior representatividade nas discussões e contribuir para um encontro mais produtivo e representativo.

Essa articulação prévia culminou na realização de uma live, no dia 23 de outubro de 2024, um mês antes do evento, promovida via Google Meet. Esse encontro remoto teve como principal objetivo iniciar os debates, identificar temas sensíveis e pertinentes às experiências estudantis e construir colaborativamente a pauta que seria levada ao fórum presencial em

Maringá. Além de ser um momento de escuta e preparação, a *live* também serviu como mecanismo de engajamento, promovendo o envolvimento dos Diretórios Acadêmicos e estreitando laços entre os discentes das diferentes instituições participantes. A ação buscou ativar o senso de pertencimento e protagonismo dos estudantes frente às pautas educacionais que os atravessam.

Durante o evento, se buscou realizar reforços constantes à importância de participação no Fórum dos Estudantes. Ao longo da programação — em falas entre mesas, oficinas e apresentações —, coordenadores, membros da ABEM e participantes buscaram divulgar e mobilizar os estudantes presentes para participarem. Essa mobilização também se deu nos espaços informais, nos corredores, cafés e em momentos de confraternização, aproveitando a presença de estudantes de diversos lugares da Região Sul do país. Tais ações foram essenciais para alcançar aqueles que não haviam sido acessados previamente pela carta ou pela *live,* reafirmando o evento como espaço vivo de articulação política e pedagógica, consolidando-se como uma instância significativa para a escuta, o diálogo e a proposição de caminhos coletivos para a formação docente em Música.

Temas e reflexões: espaço de troca e partilha

O Encontro Regional Sul da ABEM, teve, entre outros aspectos, a intenção de incentivar a criação de atividades dedicadas ao diálogo, na perspectiva de aumentar as possibilidades de discussão, por sua vez, de problematizações referentes à área da Educação Musical. Para isso, no contexto das atividades do Encontro Regional, aconteceu o Fórum dos Estudantes, ação dedicada a possibilitar um espaço para que discentes dos cursos de graduação e pós-graduação da área da Educação Musical pudessem falar, ouvir, discutir, problematizar e apresentar entendimentos, críticas, sugestões e propostas, em especial, sobre o contexto dos cursos de formação.

Possibilitar que dentro da programação dos Encontros da Associação Brasileira de Educação Musical seja incentivada a criação de possibilidades de escuta discente diz respeito a uma concepção de Educação. Um dos compromissos do Encontro Regional, assim como da ABEM, é considerar todos os atores da cena educacional como protagonistas. O espaço dedicado às discussões apresentadas pelos alunos/as/es dos cursos de formação de professores de Música, assim como dos cursos de pós-graduação (lato sensu e stricto sensu), passa a ser

uma obrigação.

A criação e manutenção de espaços de diálogos referentes à área da Educação Musical, ao problematizar sobre Educação como um todo, e discutir sobre a música neste contexto, também é uma forma de abordarmos questões que envolvem a vida social de modo geral. As questões apresentadas pelos discentes no Fórum, se voltadas para a discussão específica dos cursos de formação, alcançaram também aspectos da vida cotidiana fora dos muros acadêmicos. No caso específico deste fórum, quando os discentes discutem sobre inclusão social, ao abordar esse tema, estão evocando temas como políticas públicas, arquitetura social, capacitismo, entre outros. Quando a forma de organização dos cursos é debatida, quando a disposição dos horários é questionada, o mundo do trabalho também é provocado. Se um curso de formação é realizado em tempo integral, qual é o tempo disponível para o trabalho, atividade essencial para a manutenção da vida cotidiana?

Dialogar sobre a prova específica de conhecimentos musicais como quesito para o ingresso nos cursos de nível superior, além de conversar sobre acesso a cursos de graduação, é debater sobre a Educação Básica e a presença da Música na Educação Infantil, nos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Tratar sobre inclusão é não só abordar a vida escolar e acadêmica, mas acolher um desafio cotidiano e social no qual a escola e a universidade se inserem. A partir destas colocações, é possível perceber que os espaços de diálogo, em que a escuta é um dos elementos mais importantes, nos revela sobre a urgência e a necessidade de que todas as vozes possam ser ouvidas e consideradas para buscarmos situações desejáveis para o território da Educação Musical. Por sua vez, ao debatermos essa área, estamos tratando de temas que interessam não só ao mundo escolar e/ou acadêmico, estamos tratando juntamente de concepções de vida, as quais, a partir de entendimentos referentes a gênero, sexualidade, questões étnico-raciais, capacitismo e etarismo alimentam as discussões que envolvem concepções de Educação, entendimentos sobre currículos, processos avaliativos, concepções de pesquisa e todos os temas que compõem o cenário escolar e acadêmico.

É importante ressaltar que as discussões no Encontro Regional Sul da ABEM têm na sua composição o recorte referente ao tempo e espaço no qual foram realizadas. Desse modo, todos os temas que têm a perspectiva dos discentes que estavam presentes, por sua vez, estão diretamente relacionados aos contextos dos quais fazem parte. Tal condição inviabiliza

qualquer possibilidade de universalização do debate. Por outro lado, alimenta o diálogo referente aos cursos de formação de professores de Música a partir do compartilhamento de uma realidade específica. Cabe à Associação Brasileira de Educação Musical multiplicar esses lugares de conversa, aumentando as possibilidades de acesso, a partir da voz dos discentes, a entendimentos, concepções, relatos, questionamentos e problematizações apresentadas a partir do olhar e da sensibilidade de um grupo protagonista dos espaços acadêmicos e escolares – os alunos, alunas e alunes dos cursos de formação de professores de Música das Instituições de Ensino Superior do Brasil.

Organização do Fórum de Discentes:

- Os discentes participaram de uma roda de conversa na qual, a partir das suas escolhas, foram debatidos temas por eles entendidos como importantes.
- A roda teve como modo de funcionamento um debate, com tempo de duração pré-determinado pelos presentes. As ideias e proposições foram apresentadas a partir das inscrições dos participantes. Todos, todas e todes tiveram tempo de fala e escuta garantidos.
- Após o debate, dois redatores foram escolhidos para apresentar as discussões realizadas pelo grupo de discentes.
- Os relatores foram responsáveis pela apresentação das discussões realizadas pelos discentes. A apresentação foi feita numa reunião que reuniu o Fórum de Discentes e o Fórum de Docentes, encontro esse que acolheu, também, o relato sobre os debates realizados pelo grupo de professores de música.

Temas abordados no Fórum de Discentes:

1. Prova específica de conhecimentos para o ingresso nos cursos de graduação em Música-Licenciatura.
2. Organização do currículo dos cursos de formação de professores de Música, com especial atenção para a problematização referente aos cursos de tempo integral.
3. Educação Inclusiva.
4. Desvalorização docente, a diminuição da procura pelos cursos de licenciatura, em especial, os cursos de formação de professores de Música.

5. a) Maior atenção ao compartilhamento sobre informações que dizem respeito às possibilidades de fomento dos cursos de formação de professores de Música; b) Inclusão de temas nos processos de produção intelectual – entre eles, a adolescência no contexto das aulas de música.
6. Atenção a como as secretarias de Educação entendem e fazem valer a lei sobre a presença da música nos espaços escolares.

Relato dos debates realizados no Fórum de Discentes do Encontro Regional Sul da ABEM

1) Prova específica de conhecimentos para o ingresso nos cursos de graduação em Música-Licenciatura

O primeiro tema a ser abordado diz respeito à prova específica de conhecimentos em música para o ingresso nos cursos de graduação em Música. Essa discussão é guiada pelas seguintes perguntas: qual é a necessidade de prova específica para o ingresso num curso de Música numa Instituição de Nível Superior? Se essa prova é inclusiva, a qual concepção de Educação Musical ela está servindo? Os relatos referentes à presença ou não da prova específica na UDESC são alimentados pelo recorrente embate entre professores e estudantes, em especial, debates realizados entre discentes e professores que ministram disciplinas teóricas.

A problematização que trata da prova específica de conhecimentos conduz a atenção para as condições de permanência dos estudantes nos cursos de graduação. Aqueles que não tiveram acesso ao conhecimento formal de música conseguem permanecer nos cursos? Tal discussão gera o seguinte embate: retirar a prova específica garante que os cursos se tornem mais inclusivos? Nas palavras dos relatores, “os alunos sentem muito forte sobre a cobrança de conhecimentos específicos para entrar na universidade, sendo que isso não é ofertado na Educação Básica. Já tem a prova do vestibular como um grande desafio. Realidades de muita dificuldade com ditados e práticas musicais. Uma elitização para quem quer entrar na Música”.

Outro aspecto apontado foi a centralidade do pensamento europeu, desconsiderando outros modos de ser, fazer e pensar as formas de produção de conhecimento. Os relatores enfatizam sobre a necessidade de que culturas diferentes recebam o mesmo tratamento no que diz respeito ao reconhecimento de suas importâncias. Nesse sentido, os discentes

perguntam: qual é a relação desses conhecimentos com os contextos de formação e atuação profissional de professores de Música? A partir dessa pergunta, eles apresentam a seguinte discussão: “muitas universidades que têm professores que ministram disciplinas teóricas, o fazem de forma desatrelada da Educação Musical ou da prática e isso pode afetar a permanência dos alunos. Uma educação musical de certa forma abstrata e difícil.

Os estudantes acabam por vezes estudando uma teoria musical que não fornece subsídios para a atuação de futuros professores de música licenciados, ou seja, não foca em estratégias de ensino e aprendizado de música. Quem está ofertando essas matérias? São professores da Educação Musical? Complexidades que estão gerando reprovação de estudantes, os quais acabam desistindo do curso. O quanto os currículos estão ajustados? É preciso falar sobre formação humana, com trocas, debates para repensar o currículo, que a realidade dos estudantes seja levada em conta, as realidades de atuação profissional dos futuros professores de música. De que forma estão sendo pautadas essas questões?”.

2) Organização do currículo dos cursos de formação de professores de Música, com especial atenção para a problematização referente aos cursos de tempo integral

A organização em tempo integral dos cursos de formação de professores foi outro tema importante apresentado pelo Fórum de Discentes. Foi chamada a atenção para o descompasso com o contexto dos alunos, alunas e alunes dos cursos de Música-Licenciatura, já que tal escolha, a do tempo integral, desconsidera que a necessidade de trabalhar, como forma de garantir o sustento, faz parte da realidade da maioria daqueles que ingressam num curso de nível superior.

3) Educação Musical inclusiva

Os relatores chamam a atenção para a seguinte situação: "pouco se debate sobre as questões de Inclusão no Encontro Regional Sul da ABEM”. Também problematizam sobre as formas como as universidades abordam esse assunto, já que em muitas delas a inclusão é tratada a partir de uma disciplina optativa. Em outras instituições de Nível Superior o assunto é tratado de forma mais abrangente, ou seja, a partir de uma curricularização que permite o espalhamento do tema no contexto de diversos componentes curriculares. Afirmam os relatores: “a inclusão deveria estar atravessada em todas as formas de ensinar, tal necessidade perpassa todo o currículo”. Eles compartilham que muitos estudantes dizem que não se sentem

preparados para trabalhar com a inclusão, uma realidade que precisa ser enfrentada. Por fim, sugere-se que aconteçam mais oficinas e cursos dentro nos encontros da ABEM. Afirmam sobre a necessidade de que sejam criados espaços de troca e debates sobre essa questão. O relato sobre esse assunto se encerra com a seguinte afirmação: inclusão é sobre transformar.

4) Desvalorização docente, a diminuição da procura pelos cursos de licenciatura, em especial, os cursos de formação de professores de Música

O relato tem início a partir da seguinte colocação: "a nova geração sente falta de apoio, incentivo público e social para ser professor. Isso implica na diminuição do número de alunos, alunas e alunes interessados em cursar as licenciaturas". É lembrada a desmotivação para ser professor. A partir de frases como "amor não paga conta", sugere-se que a busca por formas de incentivo à profissão docente tenha início nos cursos de graduação, por exemplo, através de remuneração para determinados tipos de estágio. Os discentes presentes no Fórum entendem que o reconhecimento através de uma remuneração financeira em determinados tipos de estágio seria uma forma de iniciar um movimento de reconhecimento público e social da profissão docente.

No mesmo ponto de relato, chama-se a atenção para a seguinte situação: "os estudantes conhecem pouco sobre como acessar as verbas institucionais, têm pouco entendimento de como viabilizar a participação em eventos, necessitam de mais informações sobre o acesso a formas de auxílio, como, por exemplo, o auxílio permanência. Além de reivindicar mais contato e trânsito com os processos que envolvem a elaboração e execução do orçamento dos cursos. Faltam esses parâmetros para os discentes nos cursos de graduação e pós-graduação em Música agirem com mais autonomia".

5) a) Maior atenção ao compartilhamento sobre informações que dizem respeito às possibilidades de fomento dos cursos de formação de professores de Música; b) Inclusão de temas nos processos de produção intelectual, entre eles, a adolescência no contexto das aulas de música

a) Os relatores informam que os discentes solicitam mais ações que possibilitem o aumento de entendimento sobre os processos que envolvem os financiamentos e fomentos dedicados aos cursos de Música-Licenciatura. Como funcionam os fluxos de acesso a verbas de financiamentos no contexto dos cursos de Música?

b) De forma bem direta, os relatores falam sobre a necessidade de que a

adolescência, enquanto etapa de vida, possa ser abordada de forma mais intensa nos cursos de formação de professores de Música. Os argumentos apresentados defendem que professores de música atuam com pessoas dessa faixa etária. Nesse sentido, é necessário que a formação entregue atenção para esse contexto, assim como o faz com a Educação Musical na Educação Infantil e com a Educação Musical de Idosos.

6) Atenção a como as Secretarias de Educação entendem e fazem valer a lei sobre a presença da música nos espaços escolares

Como último relato, os discentes discutem sobre como as Secretarias de Educação têm elaborado seus editais de concurso e/ou contratação, desconsiderando a legislação brasileira atual, a qual prevê a formação específica para cada expressão artística. Criticam a insistência de algumas secretarias em enfatizar a polivalência nos seus processos de contratação de professores, por eles chamados de Professores de Artes, e não de Professores de Artes Visuais, Professores Dança, Professores de Música e Professores de Teatro. Ainda, chamam atenção para a necessidade de a ABEM agir nas políticas públicas, como, por exemplo, em Florianópolis, onde a Associação conseguiu intervir em defesa da manutenção da legislação que prevê formação separada para cada linguagem artística – um exemplo de como a ABEM, em parceria com as Instituições de Ensino Superior, pode atuar na mudança de determinadas realidades. Por fim, enfatizam a necessidade de debater esse tema junto aos estudantes de graduação e grifam a necessidade de que os estudantes possam batalhar por seu espaço de atuação profissional, assim como a importância da força e da presença da universidade para tal.

Considerações finais

A importância das problematizações apresentadas entrega para as discussões que envolvem a formação de professores de Música a percepção e sensibilidade de quem experimenta, de forma direta e intensa, todas as tomadas de decisão que orientam a elaboração de entendimentos e concepções que ajudam a forjar o contexto geral dos cursos de graduação em Música-Licenciatura. O debate apresentado tratou de questões que envolvem o acesso e a permanência nos cursos de Nível Superior, discutiu sobre a escolha de quais conhecimentos são abordados nos processos de formação, assim como problematizou sobre como essa escolha conversa com a realidade dos licenciandos em Música, seja no que diz respeito à relação dos conhecimentos propostos com a realidade de atuação de professores de

Música, em especial no contexto da Educação Básica, seja na desvalorização de outras formas de conhecimento que não aqueles produzidos no contexto europeu.

No mesmo contexto que envolve a abertura para o tema da diversidade, no que diz respeito ao acesso ao conhecimento produzido, o relato problematizou sobre a inclusão, tratando desse tema a partir do contexto mais convencional, ou seja, aquele que envolve os campos de estudo que discutem sobre pessoas divergentes da normalidade majoritária, mas também da inclusão que envolve acesso a entendimentos que permitem mais autonomia para os discentes nos seus processos formativos – entre eles, informações sobre financiamento e fomentos dos cursos de graduação em Música-Licenciatura. Por fim, o Fórum de Discentes problematiza o reconhecimento social e público da profissão docente, e afirma a importância de as Secretarias de Educação aplicarem a lei, em especial na elaboração de editais de concurso e contratação de professores. No que diz respeito a considerar que, atualmente, a legislação brasileira indica que não temos professores polivalentes, mas sim, professores formados em cursos distintos e que titulam de forma independente – professores de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Todos esses temas encontram ecos nos mais diversos contextos de discussão que envolvem a formação de professores de Música. A proposta do Encontro Regional Sul atua no sentido de ampliar as possibilidades de diálogo. O aumento de participantes dos campos de discussão influencia diretamente não só na quantidade de olhares que contribuem com esses movimentos, como também colabora com a busca por maior qualidade na elaboração de entendimentos, sugestões, propostas e soluções para o campo da formação de professores de Educação Musical. Ouvir os discentes é efetivar o seu protagonismo nessa discussão, assim como solidificar os seus modos de participação dentro da Associação Brasileira de Educação Musical, fazendo com que a ABEM, cada vez mais, se torne um território que se constitui a partir da diversidade. Nesse sentido, a fala dos discentes é ingrediente fundamental e indispensável não só para a Associação, mas para a luta pelo aumento de qualidade, acesso e permanência de um maior número de pessoas no campo das Licenciaturas, em especial, nos cursos de formação de professores de Música.

RELATÓRIO DOS CURSOS DA ABEM SUL

Solange Maranho Gomes
Universidade Estadual do Paraná - Campus II

Em 2024, a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) promoveu encontros em cada região do país com o tema “Educação musical, mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática”.

O encontro da região Sul, o “XXI Encontro Regional Sul da ABEM”, foi realizado em Maringá, Paraná, de 21 a 23 de novembro, tendo como instituição promotora parceira a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e como local de execução as dependências do SESC Maringá. O tema do encontro norteou a programação do evento e, entre as atividades, foram ofertados cursos com a carga horária de 4 horas.

Nesta ação, “Cursos da ABEM SUL”, assumi a função de coordenadora dos cursos. Coube a mim acompanhá-los desde a chamada até a sua realização no encontro regional. Fez parte desta função renovar o convite aos docentes selecionados e a solicitação de dados como a ementa, o número de vagas, tamanho de sala adequado e instrumentos/equipamentos necessários. Durante o evento, auxiliada por colegas da equipe organizadora, verificamos as salas dos cursos, instrumentos/equipamentos necessários à sua realização e atendemos às solicitações que os docentes fizeram para o bom funcionamento das ações.

Para a inscrição de propostas de cursos foi encaminhada uma chamada pública cujo processo de recebimento e avaliação esteve a cargo de um Comitê Didático-Pedagógico, coordenado por mim e assessorado pelas professoras coordenadoras do evento. Os seguintes critérios foram estabelecidos para a seleção: importância do curso, conteúdo do curso, estrutura do curso e adequação às normas estabelecidas do evento. Além disso, a seleção levou em conta a viabilidade da proposta pela instituição promotora do evento.

Para o Encontro da Regional Sul foram selecionados seis cursos de natureza teórica, prática e teórico-prática, a saber:

1. **Educação musical criativa: práticas e desafios contemporâneos,** ministrado pelo Prof. Carlos Kater: “nesse minicurso serão apresentadas algumas das questões centrais características de uma Educação Musical Criativa hoje. Serão ilustrados os principais tópicos de desafio a serem enfrentados pelo educador e pela educadora musical que pretenda atuar

numa realidade social viva, complexa e em movimento. Propostas de atividades musicais lúdicas de diversas naturezas servirão como estímulo tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para a criação de experiências musicais significativas, gerando respostas coletivas originais. O foco educativo escolhido visa provocar expressões pessoais inventivas e originais dos participantes, integrando-as em construções coletivas musicais próprias e inéditas".

2. **Batucatudo: prática de percussão de baixo custo em grupo,** ministrado pelo Prof. Marcus Vieira: "Neste curso, os participantes terão a oportunidade de tocar arranjos em grupo utilizando instrumentos musicais de baixo custo, como copos, baldes, canetas, tubos de PVC afinados, garrafas PET afinadas e outros. Não é necessário ser percussionista para participar. Além da prática musical, serão apresentadas estratégias de ensino que utilizam objetos do cotidiano, auxiliando na motivação dos alunos em sala de aula e ampliando o tempo de contato com a música, permitindo que os alunos possam tocar também fora do ambiente escolar".
3. **Orquestra de pandeiros,** cujos professores foram o Prof. Eduardo Pacheco e a Profª. Maria Carolina Thomé: "a oficina Orquestra de Pandeiros visa trabalhar a música e seus elementos através de vivências rítmico-musicais diversas e acessíveis a um público sem necessidade de formação musical anterior, ou seja, sem necessariamente saber tocar pandeiro. As práticas propostas serão organizadas nos seguintes módulos: Atividades rítmicas com exploração corporal e jogos musicais; Prática Instrumental e Criação coletiva através de ritmos populares brasileiros".
4. **A humanização dos sentidos na educação musical,** ministrado pela Profa. Regina Stori: "'A humanização dos sentidos na educação musical' abordará os eixos perceber, praticar e pensar música no âmbito da educação musical como possibilidade de humanização dos sentidos. A humanização dos sentidos pode viabilizar a ampliação do conhecimento do mundo atual e de sua historicidade, com vistas à atuação dos indivíduos na construção de uma sociedade democrática, tema do evento. Essa proposta será abordada de modo teórico e prático a partir de três eixos acima mencionados".
5. **Revisão de literatura: caminhos organizativos e práticos docentes,** cujas docentes foram a Profª. Klesia Garcia Andrade, a Profª. Valdiene Carneiro Pereira e a Profª. Anaide Maria Alves da Paz: "O curso tem como objetivo compreender as características centrais da revisão de literatura e a sua importância em processos de construção do conhecimento acadêmico-

científico. Mediante discussões e atividades práticas serão trabalhadas as bases elementares da revisão de literatura, caminhos para análise e apresentação dos achados. De maneira dinâmica e colaborativa serão propostos os seguintes conteúdos: a revisão e a sua finalidade na pesquisa acadêmica; seleção de fontes bibliográficas; delineamento de descritores; análise do material bibliográfico; categorias de análise; organização e visualização do material levantado; critérios de inclusão e/ou exclusão de bibliografia e apresentação dos resultados".

6. **Metodologia de aulas e negócios para a educação musical,** ministrado por Cintya Soares: "Esse curso tem como objetivo capacitar professores, donos de Escolas e gestores para o planejamento e execução de aulas, aliando uma sólida metodologia pedagógica com estratégias de gestão de negócios aplicadas ao contexto da educação musical. Abordaremos temáticas como: Metodologias ativas, Gestão de negócios, Empreendedorismo e Inovação, Ética e Responsabilidades com a Educação Musical. Os participantes serão inseridos em discussões e desenvolvimento de estratégias pedagógicas e de modelo de negócios aplicadas à educação musical".

Os cursos receberam excelente adesão dos(as) participantes do evento, estudantes de graduação, docentes da cidade de Maringá e região, Curitiba e outras cidades do Sul do país. Ao final dos cursos foi solicitada uma avaliação, cujo formulário foi organizado em três partes. A primeira parte estava relacionada à identificação dos(as) participantes, e todos os itens listados eram opcionais para as respostas: nome, idade, cidade/estado e tipo de vínculo, com as seguintes opções: acadêmico de graduação em Música; professor(a) de música em escola particular; professor(a) de música em escola pública; e, em ambas, o(a) respondente deveria assinalar a etapa do nível de ensino em que atuava. Outra opção de escolha era a de professor(a) de música em escola de música, e o(a) respondente explicitava se atuava como professor(a) de instrumento ou de musicalização. E, por fim, a opção de o(a) participante atuar como professor(a) de Música no ensino superior, com espaço para indicação da instituição.

A segunda parte do formulário se referia à avaliação do curso com duas questões fechadas e uma aberta. As perguntas fechadas: "como você avalia o conteúdo ministrado no curso?" e "como você avalia a abordagem metodológica escolhida para o curso?", sendo a escolha a partir dos seguintes itens: excelente, bom, regular e a desejar. A pergunta aberta: "você teria alguma sugestão sobre o curso?". E na terceira parte os participantes respondiam

fazendo uma autoavaliação com a seguinte questão: "como você avalia seu conhecimento sobre o tema abordado antes da oficina e após a oficina?".

Cabe mencionar que a proposta de avaliação dos cursos não tinha sido prevista anteriormente. Contudo, no decorrer do evento, percebemos (eu e a equipe coordenadora) a importância de se efetuar uma avaliação dos cursos, de ouvir a voz de estudantes e docentes. Assim, elaboramos um formulário com as perguntas e o lançamos durante o evento. Isso fez com que entregássemos os formulários para os participantes no 2º dia do evento, e, por essa razão, não conseguimos alcançar todos e todas que participaram dos cursos, logo que nem todas as pessoas estiveram presentes em todos os dias de evento. Assim, um dos cursos que foi realizado somente em um dos dias não foi avaliado. Na realidade, essa foi uma falha operacional, porém, acredito que as respostas, embora em número modesto em sua quantidade, podem servir de base para pensarmos os cursos nos próximos encontros, e as sugestões e opiniões dos(as) participantes nos é muito valiosa.

Apresentação dos dados das avaliações:

Na Tabela 1 abaixo são apresentados os números de vagas, de inscritos e de participantes/respondentes de cada curso que responderam a avaliação.

Tabela 1: Número de vagas dos cursos, de participantes e de respondentes da avaliação

Cursos	Número de vagas	Número de respondentes
Curso 1	30	9
Curso 2	40	18
Curso 3	30	16
Curso 4	20	4
Curso 5	20	4
Total		51

Em relação à idade, na Tabela 2 estão demonstrados os números de participantes por cada curso. Observa-se que dos 51 participantes, 49 (96,07%) indicaram sua idade.

Tabela 2: Faixa etária dos participantes por curso

Minicursos/oficinas	18 a 20	21 a 25	26 a 30	31 a 35	36 a 40	41 a 45	46 a 50	51 a 55	56 a 65	Total
Curso 1	3			1		1	1	2	1	**9**
Curso 2	3	6	1	2	2		1	1		**16**
Curso 3	8	5	2						1	**16**
Curso 4		1	2			1				**4**
Curso 5		1		1		2				**4**
TOTAL	**14**	**13**	**5**	**4**	**2**	**4**	**2**	**3**	**2**	**49**

Ainda em relação à idade, os 49 participantes dos cursos estão distribuídos em uma faixa etária entre 18 e 65 anos. Mais da metade (65,31%) tem até 30 anos, o que indica predominância de participantes jovens, conforme Tabela 3.

Tabela 3: Faixa etária do total dos participantes

Faixa etária	N	Percentual (%)
18 a 20	14	28,57
21 a 25	13	26,53
26 a 30	5	10,21
31 a 35	4	8,16
36 a 40	2	4,08
41 a 45	4	8,16
46 a 50	2	4,08
51 a 55	3	6,13
56 a 65	2	4,08
Total	**49**	**100,00**

Sobre as cidades assinaladas pelos participantes, dos(as) 51 respondentes, 48 (94,11%), anotaram sua cidade/estado. Desses(as), 39 (81,3%) são do estado do Paraná, com 35,90% de Maringá (sede do evento), 18 (46,15%) de Curitiba e 7 (17,05%) das demais cidades, conforme a Tabela 4.

Tabela 4: Participantes das cidades do Paraná

Minicursos /oficinas	Maringá	Sarandi	Marialva	Curitiba	Colombo	São Jose dos Pinhais	Laranjeiras do Sul	Paraná	Total
Curso 1	5	2						1	8
Curso 2	3			7			1		11
Curso 3	4		1	8	1	1			15
Curso 4	1			2					3

Curso 5	1			1					2
TOTAL	**14**	**2**	**1**	**18**	**1**	**1**	**1**	**1**	**39**

Outros 9 participantes (18,75%) são de cidades das regiões Sul e Sudeste, como demonstra a Tabela 5.

Tabela 5: Participantes de cidades de outros estados

Minicursos/oficinas	Florianópolis (SC)	Bagé (RS)	Santa Maria (RS)	Pelotas (RS)	São Paulo (SP)	Total
Curso 1				1		1
Curso 2	2	2				4
Curso 3		1				1
Curso 4			1			1
Curso 5		1			1	2
TOTAL	**2**	**4**	**1**	**1**	**1**	**9**

A respeito da escolha do vínculo, dos 51 participantes, 34 (66,67%) apontaram vínculo como estudantes de graduação em Música. Na atividade como docente, "professor(a) da rede pública de ensino" foi apontado por 6 (11,54%) participantes. Além disso, foram 4 para (7,84%) professor de música em escola particular, 5 (9,62%) para a atuação como professor(a) de música em escola de música e 2 (3,84%), para atuação como professor(a) de Música no ensino superior, somando a participação de 17 (33,33%) docentes, conforme Tabela 6.

Tabela 6: Vínculo acadêmico dos(as) participantes

Minicursos /oficinas	Acadêmico graduação em Música	de Professor(a) música em escola particular	de Professor(a) música em escola pública l	de Professor(a) música em escola de música	de Professor(a) Música no ensino superior	de Total
Curso 1	5		1	1	1	**8**
Curso 2	10	3	5	1		**19**
Curso 3	14			2		**16**
Curso 4	3	1		1		**5**
Curso 5	2				1	**3**
Total	**34**	**4**	**6**	**5**	**2**	**51**

Ao assinalar a etapa de ensino em que atuam, 1 professor(a) da rede pública e 3 da rede privada de ensino indicaram o Ensino Fundamental, e, na escola de música, 5 professores(as) indicaram trabalhar com musicalização. Ainda foi indicada a atuação como coordenadora pedagógica da escola.

Na segunda parte do formulário os(as) respondentes avaliaram o curso que realizaram. Para as questões "**como você avalia o conteúdo ministrado no curso",** e **"como você avalia a**

abordagem metodológica escolhida para o curso?", os cursos 1, 2, 3 e 5 tiveram 100% de escolha de "excelente ". Para o curso 4, 50% dos respondentes apontou como "bom" e 50% como "excelente".

A próxima questão se refere a sugestões para o curso: "**você teria alguma sugestão sobre o curso?":**

Sugestões para o Curso 1: dos 9 respondentes, 4 (44,44%) opinaram que o curso deveria ter mais tempo; 2 (22,22%) que o curso deveria ser ofertado como curso de pós-graduação; 1 (11,11%) sugeriu que o curso deveria ser ofertado como curso de extensão para professores da rede pública; 1 (11,11%) destacou o horário do curso como excelente; e 1 (11,11%) não deu sugestões para o curso.

Sugestões para o Curso 2: dos 18 participantes, 5 (27,77%) indicaram que deveria haver mais tempo de curso e 13 participantes (72,22%) não emitiram sugestões.

Sugestões para o Curso 3: dos 16 participantes, 3 (18,75%) apontaram que deveria haver mais tempo de curso; 1 (6,25%) sugeriu que deveria usar mais músicas de gêneros trabalhados, como samba e choro; 1 (6,25%) participante deu sugestões da metodologia empregada – "pensar nas atividades mais complexas de forma fragmentada por etapas, talvez falando os ritmos antes de passar para o instrumento"; e 11 (68,75%) não deram sugestões.

Sugestões para o Curso 4: de 4 participantes do curso, 2 (50%) sugeriram uma continuidade do curso para o aprofundamento do tema, pelo estudo da bibliografia e discussões sobre o conceito de humanização, e 2 (50%) não deram sugestões.

Sugestões para o Curso 5: de 4 participantes, 2 (50%) sugeriram que o curso deveria ser ofertado de forma online para outros estudantes de graduação e 2 (50%) não deram sugestões.

E, a última parte do formulário: "**Como você avalia seu conhecimento sore o tema abordado antes da oficina e após a oficina?"**:

Respostas do Curso 1: dos 9 respondentes, 7 (77,77%) fizeram a autoavaliação. As avaliações são muito positivas, com muitos elogios ao professor e revelando novas aprendizagens, mesmo em um breve tempo de curso. Transcrevo as respostas:

1. "Conhecia o trabalho e a proposta do Prof. Carlos Kater de forma muito superficial. Foi inspirador ouvi-lo e muito enriquecedor participar das atividades lúdico musicais propostas no curso".

2. "Algumas atividades eu já desenvolvo, mas objetivar estas atividades sob um novo prisma foi fundamental. PROF. CARLOS É EXCEPCIONAL!!".

3. “Curso pertinente para ampliar as possibilidades de trabalho com partituras alternativas, notações analógicas junto às crianças (forma coletiva)”.

4. “Aprendemos/conhecemos várias opções de partituras diferenciadas/alternativas, foi muito interessante”.

5. “Ampliou minha visão de como trabalhar com partitura alternativa”.

6. “Na verdade, fiz um workshop com o prof. Kater há mais ou menos 2 anos e os temas abordados foram bem parecidos. Foi ótimo revê-lo e ouvi-lo novamente. Sempre dá para aprender mais”.

7. “Antes eu tinha um conhecimento bem vago na questão de aprendizado coletivo, na teoria sabia, mas não como colocar em prática. Nesse curso do Kater, virou uma chave de ideias e criatividade”.

Respostas do Curso 2: dos 16 participantes, 14 (87,5%) efetuaram a autoavaliação. O curso foi muito elogiado pelos participantes e muitos observaram o conhecimento que adquiriram na utilização de materiais diferentes e alternativos nas aulas de música. Abaixo seguem algumas das respostas:

1. “Adquiri muitos conhecimentos e ideias para desenvolver com meus alunos”.

2. “Eu já conhecia o trabalho do Marcus, mas saio com ideias triplicadas para aplicar com minhas turmas”.

3. “O curso foi muito proveitoso para pensar em possibilidades não convencionais para tocar e ensinar. Não tenho muito conhecimento sobre materiais de baixo custo, e o curso foi ótimo para conhecer. Já tenho algum conhecimento de rítmica, e foi muito interessante ver outras aplicações disso, como as técnicas com as canetas e copos.

4. “Sinto que antes tinha dificuldade em utilizar materiais diferentes para as aulas. Após o curso me senti mais motivada a experimentar estes materiais”.

5. “Um curso maravilhoso. Não tinha muito conhecimento sobre a temática. Com certeza levarei para a sala de aula”.

6. “Tenho conhecimento básico sobre, pois já tinha trabalhado o assunto, porém foi bem aprofundado e bem ministrado”.

7. “Já havia experenciado os ostinatos apresentados, mas nunca da forma como fizemos, vendo novos instrumentos que podemos produzir com baixo curso, saí com diversas atividades excelentes”.

Respostas do Curso 3: dos (as) 16 participantes, 100% escreveram sua autoavaliação. Foram muitos elogios ao curso, dos novos aprendizados sobre o pandeiro, sobre a metodologia empregada, o repertório escolhido e a utilização do pandeiro como instrumento no ensino de música. Transcrevo abaixo algumas das respostas que ilustram as demais.

1. “Os conteúdos abordados foram certeiros, montando um arsenal incrível de atividades com o pandeiro”.

2. “Sou educadora musical e percussionista e a oficina me ajudou a ver o pandeiro de uma forma diferente e me instigou a pensar diversas possibilidades com o instrumento”.

3. “Na oficina adquiri muitos conhecimentos que eu não tinha sobre o pandeiro, não só na forma de tocar, mas de como utilizar um instrumento de ensinar”.

4. “Meu conhecimento era básico, especialmente na área de atividades e metodologias para aulas com pandeiros, e fico feliz em dizer que a aula abriu muitas portas para criação e reprodução de atividades”.

5. “Muito interessante as contextualizações sobre o instrumento, abordagem de inclusão, metodologia e didática apresentada, encorajadora!! Parabéns pelo trabalho!”.

6. “Antes da oficina eu não tinha muitos recursos metodológicos para trabalhar com o pandeiro, apenas conhecimento técnico/prático. Agora tenho ideias e estratégias para o uso/ensino do pandeiro”.

Respostas do Curso 4: dos 4 participantes do curso, 100% efetuaram sua autoavaliação. O curso recebeu muitos elogios e os(as) participantes apontaram que, após o curso, pensam em educação musical humanizadora de forma mais ampliada e que é possível levar este conceito também para uma vivência em sala de aula.

1. “A escolha do curso se deu pelo meu interesse em pesquisar dentro do tema de uma educação musical humanizadora. Após o curso, saio com diversas ideias, possibilidades, para fomentar minha pesquisa e prática pedagógica”.

2. “Não havia pensado assim antes da oficina, foi de grande valia alguns questionamentos e com certeza levarei para a minha sala de aula, propostas que pensem em transformação da realidade”.

3. “Percebi que meu conhecimento sobre o tema era vago e desalinhado e após o curso a oficina fez sentido em abordar o assunto de maneira simples”.

4. “O conteúdo e o tema muito me interessam, antes da oficina eu vinha me debruçando sobre uma perspectiva de humanização em educação musical, agora ela já se amplia para outras faces”.

Respostas do Curso 5: de 4 participantes, 3 (75%) fizeram sua autoavaliação. O curso foi muito elogiado, pois foram apresentados novos caminhos para o entendimento da revisão de literatura.

1. “Gostei, pois abriu mais possibilidades para sistematizar meus estudos”.

2. “Apesar de já ter feito uma revisão durante o mestrado, reconheço a dificuldade que tive para relacionar os dados com a minha pesquisa. Excelentes planilhas”.

3. “Este é um tema que gera alguns conflitos, principalmente aos estudantes de graduação. A questão é como fazer? Durante os dois dias de curso foi nos apresentado caminhos e maneiras de como realizar uma revisão de ‘peso’, o que me leva a revisitar e olhar mais atentamente para minha, a qual está em meu TCC”.

Algumas considerações:

Este relatório ilustra parte da realização dos cursos durante o evento da ABEM Sul, pois o planejamento se iniciou muito antes de sua realização em Maringá. Fiquei muito honrada por esta tarefa e queria elogiar muito as coordenadoras do evento, a professora Vania e a professora Adriana, pela disposição, competência e comprometimento com o evento, mas sem perder uma visão democrática, inclusiva. Agradeço também aos colegas Sandra, Mateus e Cássia, bem como a toda a equipe da UEM, docentes e discentes, ao presidente da ABEM, sendo que, juntos, numa parceria ímpar, conseguimos realizar um evento maravilhoso.

Quanto aos cursos, acredito que o encontro conseguiu o envolvimento dos(as) estudantes, pois dos 51 respondentes da avaliação, 34 (66,67%) apontaram serem graduandos(as) em Música.

Os cursos foram excelentes, como vimos nas avaliações dos(as) participantes, e podemos, a partir deste relatório, pensar em melhorar o instrumento, porém, acredito que este possibilitou que os participantes se manifestassem, o que muda a nossa percepção dos acertos e falhas e permite uma verdadeira presença dos que lá estiveram, pela sua fala e opinião.

NOTAS SOBRE A PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA DO XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM

Simone Cit
Universidade Estadual de Maringá

A escolha das atividades que integraram a programação artística do XXI Encontro Regional Sul da ABEM procurou levar em conta a representação da dinâmica artística e pedagógica que estava ocorrendo, naquele momento, no Departamento de Música e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá, anfitriã do evento. Com base nessa ideia, foram elencados para participar das apresentações alguns trabalhos resultantes de processos pedagógicos e/ou artísticos recentes ou cultivados regularmente no âmbito do curso de Música. Abrir o evento[8] com um grupo de alunos e alunas, conduzidas pela Prof. Dra. Daisy Fragoso do curso de Licenciatura em Educação Musical da UEM, foi uma forma de "dar o tom", enfatizando o caráter predominantemente pedagógico do Encontro.

> Como parte dos conteúdos da disciplina "Laboratório de práticas coletivas em Educação Musical II", realizada em 2024, foi proposto ao grupo de estudantes a construção de um trabalho de criação que consistiu em compor coletivamente canções que contassem a história do livro "E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas", do Emicida (2020). A partir da leitura atenta dessa narrativa e de uma releitura criativa, os/as estudantes cantaram – e contaram! –, por meio de canções e roteiro originais criados coletivamente, os medos e coragens da menina luz – a Luzia – e da menina escuridão – a Luana – e o caminho que encontraram para serem amigas. Tal proposta, então, apresenta, nos versos cantados, a menina Luzia como aquela que "tinha o dia", que habitava a luz "do farol, da estrela, do sol" e que surgia quando nossos olhos se abriam, e, em oposição, Luana, a menina que "tinha a noite" e que se escondia "no fundo do mar, na caverna, na toca do lobo, no final da trilha". A proposta incluía também, em termos musicais, que a maior parte das composições fossem construídas a partir de ritmos afrobrasileiros. Assim, as angústias, incertezas e aventuras de Luzia e Luana soaram por meio do samba, do ijexá, do funk e de outros ritmos que compõem a música popular brasileira. Os palcos que receberam essa história cantada foram os da FLIM – a Festa Literária Internacional de Maringá – e do Encontro Regional Sul da ABEM, em 2024; e foram 20 as vozes dos/das estudantes-artistas que, a partir do que nos contou Emicida, fizeram soar que "Pra todo sim, existe um não. [Mas] todo B.O. tem solução" (Fragoso, 2025).

[8] Disponível aos 45 minutos do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=00rojpCPE_g

Divulgação da atividade realizada por alunos e alunas da Prof. Dra. Daisy Fragoso



Alunas e alunos realizando a apresentação de *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*



Reforçando o viés pedagógico da programação, a turma de professoras em formação do PARFOR[9] esteve presente na tarde do primeiro dia do evento. Conduzido pela professora Ma. Mariana Hammerer, o grupo se encarregou de dar visibilidade às práticas curriculares realizadas nessa modalidade de graduação em Licenciatura em Educação Musical, também desenvolvida do Departamento de Música e Artes Cênicas da UEM.

[9] Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

Professora Ma. Mariana Hammerer e alunas do PARFOR



Atividade desenvolvida pelas alunas do PARFOR



A experiência em realizar uma apresentação na ABEM com as alunas da disciplina Práticas Musicais Coletivas e Culturais na Educação Musical Escolar II do Parfor Música foi muito significativa. Duas apresentações foram realizadas: a) História Sonorizada “Joãozinho e o Caminhão”; b) Canário do Reino, de Tim Maia. As propostas foram trabalhadas em sala com as alunas durante o andamento da disciplina, foram pensadas possibilidades de práticas musicais com crianças em ambiente escolar, discutidas e fundamentadas (Hammerer, 2025).

Uma programação duplamente especial marcou a primeira noite do Encontro. Primeiramente, o Grupo de cordas do módulo Educação Musical do Centro de Difusão Musical

do SESC Maringá, dirigido por Larissa Dias, Eliel Joaquim e Marcelo Souza, sonorizou a parceria UEM/SESC – Maringá na viabilização do Encontro que foi, integralmente, realizado na sede do SESC.

Grupo de cordas do módulo Educação Musical do Centro de Difusão Musical do Sesc Maringá



A participação do grupo de cordas do Projeto Social em Música do Centro de Difusão Musical do Sesc Maringá no Congresso Regional Sul da ABEM, realizado em novembro de 2024, foi um momento de grande significado para os nossos alunos e para a valorização da educação musical em contextos sociais. Apresentar um repertório composto por músicas brasileiras diante de um público formado por educadores, pesquisadores e artistas foi uma experiência enriquecedora, tanto artística quanto formativa. Para muitos desses adolescentes, foi a primeira vez em um evento acadêmico desse porte, o que gerou um forte sentimento de pertencimento e reconhecimento pelo caminho que vêm trilhando na música. A apresentação foi recebida com muito carinho e admiração, e tivemos a honra de contar com a presença do professor Carlos Kater na plateia, que nos parabenizou pessoalmente ao final e gravou um vídeo de depoimento carinhoso direcionado aos nossos alunos. Esse gesto reforçou ainda mais a potência da arte como instrumento de transformação social e como elo entre projeto social, comunidade e universidade. Agradeço imensamente à organização pelo espaço e pela escuta sensível dedicada a esses jovens artistas (Dias, 2025).

A Opereta Forrobodó (UEM), conduzida pelo Prof. Dr. John Kennedy Pereira de Castro, da graduação em Música da UEM, deu prosseguimento à programação noturna. De maneira

festiva e marcante, a apresentação trouxe para a cena a importante parte da obra musical da maestrina brasileira Chiquinha Gonzaga.

> A apresentação do Espetáculo Opereta Forrobodó (Burleta de Costumes Cariocas em 3 Atos), com música de Chiquinha Gonzaga (1847- 1935) e texto de Luiz Peixoto (1889-1973) e Carlos Bettencourt (1890 – 1941), coroou todo um primoroso trabalho realizado a partir da interação das disciplinas Laboratório de Canto I, II, III e IV, da habilitação Bacharelado em Canto/Curso de Graduação em Música da UEM, com ações de extensão por meio do Projeto Institucional "Técnica e Interpretação para o Canto Lírico. Este espetáculo foi desenvolvido e performado durante os anos letivos de 2023 e 2024, contando uma equipe de três docentes e um técnico na direção geral, direção musical, direção cênica, pianista e orientação de técnica vocal. O grupo contou, em sua formação, com a participação de 21 discentes matriculados dos Cursos de Graduação da UEM de Música (Bacharelado em Canto, Bacharelado em Composição e Licenciatura Plena em Educação Musical), de Artes Cênicas (Licenciatura em Teatro) de Medicina, tanto de forma obrigatória quanto optativa, nas disciplinas supracitadas e cinco participantes cantores da Comunidade Externa inscritos integrados pelo projeto de extensão. O Projeto realizou ao todo 09 apresentações artísticas, sendo 06 em Maringá, 02 em Curitiba PR e 01 em Umuarama PR. O projeto possibilitou uma rica e exitosa vivência acadêmico formativo de cunho artístico pedagógico aos acadêmicos e participantes da comunidade externa envolvidas, corroborando decisivamente à formação profissional destes e suas futuras carreiras (Castro, 2025).

Opereta Forrobodó, de Chiquinha Gonzaga



Abrindo os trabalhos, na manhã do segundo dia de evento, subiram ao palco os alunos integrantes do Coro do Curso de Graduação, sob a regência da professora Ma. Andréia Anhezini (UEM). A professora é responsável por um amplo e sólido trabalho de canto coral, desenvolvido no Departamento de Música e Artes Cênicas, voltado para discentes e demais interessados da comunidade acadêmica.

Coro do Curso de graduação em Música da UEM



O grupo, formado, em sua grande maioria, por acadêmicos da primeira e da segunda séries dos cursos de Bacharelado em Instrumentos, Regência, Composição, Canto e Licenciatura em Educação Musical da UEM, apresentou um repertório que incluiu arranjo coral de Liliana Cangiano da música popular argentina “Serenata para la Tierra de Uno” de Maria Elena Walsh, arranjo de John Leavitt da música medieval “Psalitte”, a composição coral da compositora estadunidense Mary Lynn Lightfoot “Clap your Hands and Sing” e a composição coral de Daisy Fragoso, “Ciranda da Lua”. A regência foi da professora Andréia Anhezini com participação da pianista professora Daisy Fragoso. A apresentação pública foi importante oportunidade para que o grupo de acadêmicos participantes pudessem vivenciar a performance coral no palco e em um evento onde o fazer e o ensinar musical estavam no centro das discussões e apreciações. O ponto alto da apresentação aconteceu ao final quando o público, aliás bastante receptivo e caloroso, solicitou que cantássemos mais uma canção. Atendemos ao pedido, encerrando a performance com uma sessão longa de aplausos. O coro saiu satisfeito, foi um grande incentivo ao grupo. O Coro atua dentro das ações curriculares (disciplinas de Canto Coral) do Curso de Graduação em Música e tem como principais objetivos oferecer aos alunos de música uma vivência artística por meio da atividade do canto coral, proporcionando a aprendizagem e o

> aprofundamento dos conceitos musicais e aperfeiçoamento do canto através de um repertório que contempla os diversos gêneros e estilos musicais, assim como o estudo da música coral dos diversos períodos da história da música (Anhezini, 2025).

A segunda noite do evento teve como atração o projeto de extensão Orquestra Latino Americana – OLA[10], coordenado pela professora Dra. Simone Cit (UEM). O projeto expôs uma ideia alternativa de agrupamento orquestral, sugerindo uma formação instrumental e vocal flexível e inclusiva para interpretar o cancioneiro latino-americano. Foram interpretadas canções de Silvio Rodríguez, Pablo Milanés, Dura Tierra, Los fabulosos Cadillacs e Paulo Cesar Pinheiro. Na apresentação houve um momento pedagógico-musical, conduzido por participantes da orquestra: um exercício sobre o gênero musical chacarera, utilizando a canção *Latinoamérica*, do Grupo Calle 13, com a participação do público.

Orquestra Latino-Americana - OLA



No terceiro e último dia, o Encontro foi encerrado pela Orquestra de Câmara da UEM, sob a coordenação do Prof. Dr. José Roberto Imperatore Vianna (UEM), Prof. Dr. Paulo Egídio Lückman (UEM) e Prof. Dr. Pedro Ludwig (UEM).

> O programa apresentado pela Orquestra de Câmara da UEM buscou privilegiar a música brasileira com uma peça da vizinha Argentina. Iniciou homenageando o compositor, regente e professor teuto-brasileiro Ernst Mahle, ainda vivo no dia da apresentação, falecido em 12 de maio de 2025. Dele, o conjunto apresentou o *Divertimento Hexatonal*, obra de 1983, que explora diferentes conjuntos de seis notas em cada um dos seus três movimentos, explorando

[10] Transmissão da apresentação no canal da ABEM: https://www.youtube.com/watch?v=hGqr0dPu-xw

sonoridades não-diatônicas. A segunda peça foi *Gosto de Brasil*, da compositora, pianista e professora da Escola de Música de Brasília, Francisca Aquino. Originalmente escrita para contrabaixo e piano, aqui a orquestra estreou um arranjo do próprio solista, prof. Dr. José Roberto Vianna, para contrabaixo e orquestra de cordas. Dando sequência ao programa, a orquestra interpretou a já consagrada obra *Quatro Momentos Nº 3*, de Ernani Aguiar, professor da UFRJ. Encerrando o programa, a orquestra apresentou o universo do tango nuevo com *La Muerte del Ángel*, do icônico compositor argentino Astor Piazzolla. Esta peça faz parte da série do "Anjo", um ciclo de obras que retratam a vida, a morte e a ressurreição de um anjo que desce à Terra.

Como coordenador institucional da Orquestra de Câmara da UEM, apresentar-se no encerramento do Encontro Regional Sul da ABEM foi um misto de sentimentos: uma grande responsabilidade e uma honra, pela plateia formada por importantes acadêmicos da área de Educação Musical e estudantes de graduação e pós-graduação; uma celebração de alegria em compartilhar parte do nosso repertório com colegas, alguns amigos de longa data, de outras instituições da região sul, especialmente num ano marcado pelas enchentes históricas no Rio Grande do Sul. Foi uma feliz coincidência que neste ano havíamos preparado o Divertimento Hexatonal, de Mahle. Quando recebemos o convite, logo pensei no significado de tocar esta peça, de um músico estrangeiro que adotou o Brasil e sua cultura, e se dedicou tanto ao ensino de música, juntamente com sua esposa, Maria Aparecida Mahle, fundando a Escola de Música de Piracicaba, compondo e arranjando peças e material didático para estudantes de diversos níveis diferentes de aprendizado (Ludwig, 2025).

Orquestra de Câmara da UEM



Para além de contemplar as ações pedagógicas e artísticas em curso na graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá e de representar a parceria UEM/SESC, ideias essas que pautaram a concepção da programação artística, acreditamos que o palco do XXI

Encontro Regional Sul da ABEM cumpriu com a importante função de provocar momentos relevantes e prazerosos de escuta aos participantes. Bem à altura do conhecimento musical pulsante que circulou nas demais atividades que preencheram os três dias de evento.

Referências

ANHEZINI, Andréia: depoimento [jul. 2025]. Entrevistadora: CIT, Simone.

CASTRO, John K. P.: depoimento [jul. 2025]. Entrevistadora: CIT, Simone.

DIAS, Larissa: depoimento [jul. 2025]. Entrevistadora: CIT, Simone.

FRAGOSO, Daisy: depoimento [jul. 2025]. Entrevistadora: CIT, Simone. HAMMERER, Mariana: depoimento [jul. 2025]. Entrevistadora: CIT, Simone. LUDWIG, Pedro: depoimento [jul.2025]. Entrevistadora: CIT, Simone.

ANEXOS

Anexo I - Programação do Evento



XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA

ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

21 a 23 de novembro de 2024

Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

abem
Associação Brasileira
de Educação Musical

www.abemeducacaomusical.com.br

XXI Encontro Regional Sul da ABEM

O XXI Encontro Regional Sul da ABEM é um evento realizado a partir da parceria entre a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e a Universidade Estadual de Maringá com o SESC de Maringá, PR. O Evento abordará o tema "Educação Musical, mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática" e tem como finalidade congregar profissionais e estudantes de música, de todos os níveis da educação, em prol de um projeto nacional de produção de conhecimento, formação de professores, inovação pedagógica e fortalecimento político da formação em música na educação básica do Brasil. O Evento integrará, de forma indissociável, produção de conhecimento, formação profissional e ação docente para os diferentes contextos educacionais.

Data:
21 a 23 de novembro de 2024

Local:
SESC Maringá - Av. Duque de Caxias, 1.517 - Zona 7

Realização:

Apoio:

Inscrições: https://abem.mus.br/encontros-regionais/xxi-enc-reg-sul-inscricoes/
Link de cursos: https://abem.mus.br/encontros-regionais/xxi-enc-reg-sul-cursos/

PROGRAMAÇÃO GERAL **(Horário de Brasília)**	**QUINTA-FEIRA | 21/11/2024**	**(Horário de Brasília)**	**SEXTA-FEIRA | 22/11/2024**	**(Horário de Brasília)**	**SÁBADO | 23/11/2024**
8:30	**CREDENCIAMENTO** **Local:** Entrada do teatro do SESC	**08:00**	**Apresentações de Trabalhos** Programação dos GTEs **Local:** 3° Piso (SESC)	**08:30**	**Sorteio de Livro** Dr. Matheus Leite **Local:** Cine - 3° Piso
09:30	**ABERTURA DO EVENTO**			08:35	**Fórum dos Coordenadores** **Coordenação:** Dra. Sandra Cunha (UDESC) **Fórum dos Estudantes** **Coordenação:** Dr. Matheus Leite (UNIPAMPA) e Dr. Eduardo Pacheco (UERGS) **Local:** Cine - 3° Piso (SESC)
10:00	**Espetáculo de abertura** **Emicida - E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas.** **Direção Musical:** Profa. Dra. Daisy Fragoso **Local:** Teatro do SESC				
10:30	**Conferência de abertura:** Dra. Jusamara Souza (UFRGS) **Mediação:** Dra. Adriana Bozzetto (UNIPAMPA) **Local:** Teatro do SESC	**10:00**	**Apresentação musical** **CORO do CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UEM** **Regência:** Prof. Ms. Andreia Anhezini (UEM) **Local:** Cine - 3° Piso	**10:00**	**Intervalo**
		10:25	**Sorteio de livro** Dr. Matheus Leite **Local:** Teatro do SESC	**10:25**	**Sorteio de Livro** Dr. Matheus Leite **Local:** Cine - 3° Piso
				10:30	**Apresentação dos Encaminhamentos Fóruns dos Coordenadores e dos Estudantes** **Coordenação:** Dra. Sandra Cunha (UDESC), Dr. Matheus Leite (UNIPAMPA) e Dr. Eduardo Pacheco (UERGS) **Local:** Cine - 3° Piso

		10:30	**Mesa-redonda II:** “A educação musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática: bases epistemológicas e ações práticas” Dr. Carlos Kater Dra. Regina Stori (UEPG**)** **Mediação:** Dra. Regina Finck (UDESC) **Local:** Teatro do SESC	**11:00**	**Apresentação Musical e encerramento** **Orquestra de Cordas (UEM)** **Coordenação:** Prof. Dr. José Roberto Imperatore Vianna (UEM), Prof. Dr. Paulo Egídio Lückman (UEM) e Prof. Dr. Pedro Ludwig (UEM) **Local:** Teatro do SESC
12:00	**ALMOÇO**				
14:00	**6 CURSOS SIMULTÂNEOS** **Local:** 3° Piso (SESC)	**14:00**	**5 CURSOS SIMULTÂNEOS** **Local** 3° Piso (SESC)		
16:00	**Intervalo/Apresentação musical** **PRÁTICAS MUSICAIS COM ALUNAS DO PARFOR E DA GRADUAÇÃO** **Coordenação:** Prof. Ms. Mariana Hammerer (UEM) **Local:** 3° Piso (SESC)	**16:00**	**Intervalo/Apresentação musical** **Local:** 3° Piso (SESC)		
16:25	**Sorteio de Livro** Dr. Matheus Leite **Local**: Teatro do SESC	**16:30**	**Apresentações de Trabalhos** Programação dos GTs **Local:** 3° Piso		
16:30	**Mesa-redonda I:** “Educadores musicais no mundo do trabalho: aspectos formativos, possibilidades de atuações e sustentabilidade” Marcus Vieira (BatucaTudo) Cintya Soares (Mentora de gestões de Escolas de Música) **Mediação:** Dra. Magali Kleber **Local:** Teatro do SESC				
18:00	**Lançamento de livros/materiais diversos** **Coordenação:** Dra. Adriana Bozzetto (UNIPAMPA) **Local:** Cine - 3° piso	**18:30**	**Sorteio de Livro** Dr. Matheus Leite **Local:** Cine - 3° Piso		
		18:35	**Roda de Conversa sobre ENADE** **Coordenação:** Dra. Solange Maranho e Dra. Andréia Veber (UNESPAR) **Local:** Cine - 3° piso		

19:00	**Apresentação Musical** **Grupo de cordas do módulo educação musical do Centro de Difusão Musical do Sesc Maringá** **Direção Musical:** Larissa Dias, Eliel Joaquim e Marcelo Souza **Opereta Forrobodó (UEM)** **Direção Musical:** Dr. John Kennedy Pereira de Castro **Local:** Teatro do SESC	**19:30**	**Apresentação Musical** **OLA! - Orquestra Latino Americana (UEM)** **Direção Musical:** Dra. Simone Cit (UEM) **Local:** Teatro do SESC		

PROGRAMAÇÃO DETALHADA

QUINTA-FEIRA | 21/11/2024

CREDENCIAMENTO	
08:30	Credenciamento **Local:** Térreo do SESC
ABERTURA	
09:30	**Local:** Teatro do SESC
Espetáculo de abertura	
10h	**Emicida - E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas.** **Direção:** Dra. Daisy Fragoso Programa **Local:** Teatro do SESC **Transmissão:** Canal da ABEM no Youtube
CONFERÊNCIA DE ABERTURA	

10:30	**Conferência de abertura** Dra. Jusamara Souza (UFRGS) **Mediação:** Dra. Adriana Bozzetto (UNIPAMPA) **Local:** Teatro do SESC **Transmissão:** Canal da ABEM no Youtube
ALMOÇO	
12h	Sugestões de restaurantes para o público
2ª sessão	
14h	**6 CURSOS SIMULTÂNEOS** Educação musical criativa: práticas e desafios contemporâneos: Prof. Dr. Carlos Kater **Local:** Teatro Batucatudo: prática de percussão de baixo custo em grupo: prof. Marcus Vieira **Local:** Sala A - 3° Piso A humanização dos sentidos na educação musical: Profa. Regina Stori **Local:** Hall do Teatro - 3° Piso Metodologia de aulas e negócios para a educação musical: Cintya Soares **Local:** Sala C - 3° Piso Oficina de pandeiros: professores Eduardo Pacheco e Maria Carolina Thomé **Local:** Sala de Dança - 2° Piso Revisão de literatura: caminhos organizativos e práticos”: Klesia Garcia Andrade, Valdiene Carneiro Pereira, Anaide Maria Alves da Paz. **Local:** Sala Conexão **Coordenadora:** Dra. Solange Maranho (UNESPAR)
Apresentação Musical	

PRÁTICAS MUSICAIS COM ALUNAS DO PARFOR E DA GRADUAÇÃO
Coordenação: Me. Mariana Hammerer (UEM)

16h Programa

Local: 3° Piso

Sorteio de Livro

Dr. Matheus Leite

16:25

Local: Teatro do SESC

Mesa redonda I: "Educadores musicais no mundo do trabalho: aspectos formativos, possibilidades de atuações e sustentabilidade"

Marcus Vieira (Batucatudo)
Cintya Soares (Mentora de gestões de Escolas de Música)

16:30 **Mediação:** Dra. Magali Kleber

Local: Teatro SESC
Transmissão: Canal da ABEM no Youtube

Lançamento de livros/materiais diversos

18h Cine, 3° piso

APRESENTAÇÃO MUSICAL

GRUPO DE CORDAS DO MÓDULO EDUCAÇÃO MUSICAL DO CENTRO DE DIFUSÃO MUSICAL DO SESC MARINGÁ
Programa
Coordenação: Larissa Dias (SESC), Eliel Joaquim (SESC) e Marcelo Souza (SESC)

19h

FORROBODÓ (Chiquinha Gonzaga)
Programa
Coordenação: Prof. Dr. John Kennedy Pereira de Castro (UEM)

Local: Teatro do SESC

SEXTA-FEIRA | 22/11/2024

Apresentações de Trabalhos

Coordenação: Dra. Cássia Virgínia Coelho de Souza (UEM)
8h Programação dos GTEs
Local: 3° Piso

Intervalo/Apresentação musical

CORO do CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UEM
10h **Coordenadora:** Me. Andreia Anhezini (UEM)
Programa
Local: 3° Piso

Sorteio de livro no teatro

10:25 Dr. Matheus Leite
Local: Teatro do SESC

Mesa-redonda II: "A educação musical na construção e sustentação de uma sociedade democrática: bases epistemológicas e ações práticas"

Dr. Carlos Kater
Dra. Regina Stori (UEPG)
10:30 **Mediação:** Dra. Regina Finck (UDESC)
Local: Teatro do SESC
Transmissão: Canal da ABEM no Youtube

ALMOÇO

12h Sugestões de restaurantes para o público

5 CURSOS SIMULTÂNEOS

Educação musical criativa: práticas e desafios contemporâneos: Prof. Dr. Carlos Kater
Local: Teatro

Batucatudo: prática de percussão de baixo custo em grupo: prof. Marcus Vieira
Local: Sala C - 3° Piso

14h A humanização dos sentidos na educação musical: Profa. Regina Stori
Local: Sala conexão

Oficina de pandeiros: professores Eduardo Pacheco e Maria Carolina Thomé
Local: Sala B - 3° Piso

Revisão de literatura: caminhos organizativos e práticos": Klesia Garcia Andrade, Valdiene Carneiro Pereira, Anaide Maria Alves da Paz.
Local: Sala A 3° Piso

16h	**Intervalo**

Apresentações de Trabalhos

16:30

Coordenação do Comitê: Dra. Cássia Virgínia Coelho de Souza (UEM)
Programação dos GTEs

Local: 3° Piso

Sorteio de Livro

Dr. Matheus Leite

18:30

Local: Cine - 3° Piso

Roda de Conversa sobre ENADE

18:30 **Coordenação:** Dra. Solange Maranho (UNESPAR

Apresentação Musical

19:30

ORQUESTRA LATINO-AMERICANA – OLA
Coordenação: Dra. Simone Cit (UEM)
Programa
Local: Teatro

SÁBADO | 23/11/2024

Sorteio de Livro

Dr. Matheus Leite

08:30

Local: Cine - 3° Piso

Fórum dos coordenadores/Fórum dos Estudantes

Fórum dos coordenadores
Coordenação: Dra. Sandra Mara da Cunha (UDESC)

08:35 **Fórum dos Estudantes**
Coordenação: Dr. Matheus Leite (UNIPAMPA) e Dr. Eduardo Pacheco (UERGS)

Local: 3° Piso

10:00 **Intervalo**

Sorteio de Livro

10:25 Dr. Matheus Leite
Local: Cine - 3° Piso

Apresentação dos Encaminhamentos Fóruns dos Coordenadores e dos Estudantes Cine

Fórum dos coordenadores
Coordenação: Dra. Sandra Mara da Cunha (UDESC)

10:30

Fórum dos Estudantes
Coordenação: Dr. Matheus Leite (UNIPAMPA) e Dr. Eduardo Pacheco (UERGS)
Local: Cine - 3° Piso

Apresentação Musical e Encerramento

11h

ORQUESTRA DE CÂMARA DA UEM

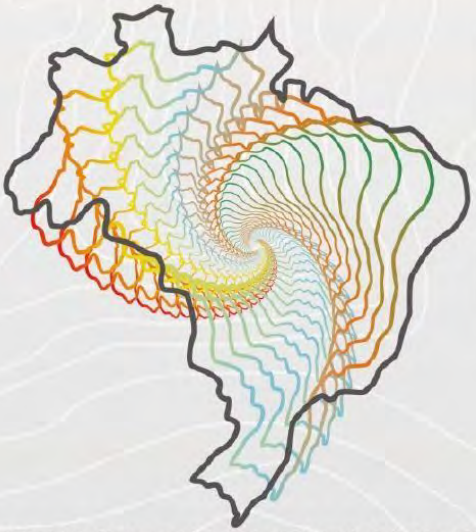
Coordenação: Prof. Dr. José Roberto Imperatore Vianna (UEM), Prof. Dr. Paulo Egídio Lückman (UEM) e Prof. Dr. Pedro Ludwig (UEM)

Local: Teatro

Transmissão: Canal da ABEM no Youtube

Lista de Hotéis e acomodações para o Encontro Regional Sul da ABEM: acesse aqui

Anexo II - Chamada de Trabalhos



ENCONTROS REGIONAIS DA

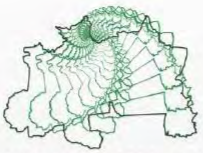
ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

CHAMADA DE TRABALHOS

abem
Associação Brasileira
de Educação Musical

www.abem.mus.br



XIII ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

02 a 05 de dezembro de 2024
Boa Vista - Roraima | Universidade Federal de Roraima



XVII ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



XVIII ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

27 a 29 de novembro de 2024
Goiânia-Goiás | Instituto Federal de Goiás



XV ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

11 a 14 de novembro de 2024
Vitória - Espírito Santo | Universidade Federal do Espírito Santo



XXI ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / SESC

CHAMADA UNIFICADA DE TRABALHOS

A Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) convida pesquisadores/as, professores/as, profissionais e estudantes da área de Educação Musical para submeterem propostas de trabalhos – em formato de comunicação e simpósio – para os Encontros Regionais da ABEM do ano de 2024, em conformidade com as especificações desta chamada unificada de trabalhos.

Os cinco Encontros Regionais deste ano serão presenciais, com a possibilidade de apresentação on-line síncrona de trabalhos (comunicações orais e simpósios) em sessões específicas para esse tipo de apresentação.

O **XIII Encontro Regional Norte da ABEM**, em parceria com a UFRR, acontecerá em Boa Vista/RR, de 02 a 04 de dezembro. O **XVII Encontro Regional Nordeste da ABEM**, em parceria com a UFC-Sobral, acontecerá em Sobral/CE, de 30 de outubro a 01 de novembro; o **XVIII Encontro Regional Centro-Oeste da ABEM**, em parceria com o IFG, acontecerá em Goiânia/GO, de 27 a 29 de novembro; o **XV Encontro Regional Sudeste da ABEM**, em parceria com a UFES e a FAMES, acontecerá em Vitória/ES, de 11 a 14 de novembro; e o **XXI Encontro Regional Sul da ABEM**, em parceria com a UEM e o Sesc, acontecerá em Maringá/PR, de 21 a 23 de novembro.

Com o tema **Educação Musical, mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática**, as conferências e mesas-redondas dos Encontros serão presenciais, com transmissão pelo canal da ABEM no Youtube.

Informações adicionais sobre a disposição das sessões de comunicação e debates serão divulgadas pelas comissões organizadoras locais, em até um mês antes do início de cada Encontro. Não serão solicitadas, neste ano, gravações em vídeo das apresentações das comunicações e dos simpósios aprovados.

O processo de recebimento e avaliação dos textos ficará a cargo dos Comitês Científicos de cada uma das cinco regiões. Para o processo de avaliação, os Comitês serão assessorados por uma equipe de pareceristas da área de Educação Musical e áreas afins, vinculados/as a diferentes instituições de ensino do país.

SUMÁRIO

GRUPOS TEMÁTICOS ESPECIAIS 6
GTE 1 - A pedagogia do piano em perspectiva: dimensões reflexivas e práticas 6
GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical 7
GTE 3 - Avaliação em Música: concepções, práticas e perspectivas 7
GTE 4 - Educação Musical e Humanização 8
GTE 5 - Educação Musical e Pedagogia 8
GTE 6 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica 9
GTE 7 - Educação Musical e Relações Étnico-Raciais 10
GTE 8 - Educação Musical na Infância 10
GTE 9 - Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais 11
GTE 10 - Educação Musical, tecnologias e cultura participativa digital 11
GTE 11 - Ensino de música nas escolas de educação básica 12
GTE 12 - Ensino de música, inclusão e anticapacitismo 13
GTE 13 - Ensino Superior de Música 13
GTE 14 - Gênero e sexualidade na Educação Musical 14
GTE 15 - História da Educação Musical 15
GTE 16 - Sociologia da Educação Musical 15
FORMATO DOS TRABALHOS 17
1) Comunicação 17
2) Simpósio 17
MODALIDADE DOS TRABALHOS 18
1) Pesquisa em Andamento 18
2) Pesquisa Concluída 18
3) Relato de Experiência 19
NORMAS PARA ESTRUTURAÇÃO DOS TEXTOS 20

PARÂMETROS AVALIATIVOS 24

1) Importância do trabalho 24

2) Conteúdo e estrutura do trabalho 24

3) Referências 24

4) Adequação às modalidades e às normas estabelecidas na Chamada 25

REQUISITOS PARA APROVAÇÃO: 25

TEMPLATES E PLATAFORMA PARA SUBMISSÃO 26

RECOMENDAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS 27

DATAS E PRAZOS IMPORTANTES 28

NOTA AOS/ÀS AUTORES/AS 28

COMITÊS CIENTÍFICOS REGIONAIS 30

Comitê Científico da Região Norte 30

Comitê Científico da Região Nordeste 30

Comitê Científico da Região Centro-Oeste 30

Comitê Científico da Região Sudeste 30

Comitê Científico da Região Sul 30

GRUPOS TEMÁTICOS ESPECIAIS

Os trabalhos para os Encontros Regionais da ABEM de 2024 deverão ser encaminhados aos Grupos Temáticos Especiais (GTEs) aprovados em 2023. Cada região contará com uma lista específica de GTEs. Sendo assim, alguns Grupos poderão não estar presentes em determinadas regiões. Cada autor/a, no ato de submissão do seu texto, deverá escolher um dos GTEs disponíveis em sua região para encaminhar o seu trabalho ou indicar a opção "Outro grupo". Ao final do processo de avaliação dos textos, os comitês científicos, a depender de demandas que justifiquem alterações, poderão recomendar a junção ou a subdivisão de trabalhos de GTEs ou a formação de simpósios para sessões de comunicação. Confira, a seguir, os GTEs disponíveis, suas coordenações e ementas:

GTE I - A pedagogia do piano em perspectiva: dimensões reflexivas e práticas

Coordenação: Fernando Vago Santana (coordenação regional Norte), Josélia Ramalho Vieira (coordenação regional Nordeste), Carla Silva Reis (coordenação regional Centro-Oeste), Izabela da Cunha Pavan Alvim (coordenação regional Sudeste), Alfeu Rodrigues de Araújo Filho (coordenação regional Sul)

Ementa: O GTE propõe um espaço interdisciplinar de debate e construção de conhecimento sobre temáticas ligadas ao processo de ensino-aprendizagem do instrumento. A fim de contemplar a heterogeneidade característica da área - considerando seus aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos - são bem-vindas propostas de trabalhos que abordem temáticas como: ensino individual e coletivo; metodologias para diferentes faixas etárias; análise de materiais didáticos; reflexões sobre experiências de ensino-aprendizagem do piano em contextos formais, não-formais e informais; repertórios didáticos; ensino da música popular ao piano; educação instrumental inclusiva; ensino da técnica pianística; práticas criativas ao piano; formação inicial e continuada de professores; saúde mental e física do instrumentista; Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) aplicadas às aulas presenciais e remotas. Encorajamos também produções que promovam o diálogo com outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a psicologia, a sociologia, a etnomusicologia e outras áreas correlatas.

GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical

Coordenação: Jorgete Lago (coordenação regional Norte), Eurides Santos (coordenação regional Nordeste), Uliana Ferlim (coordenação regional Centro-Oeste), Lucia Campos (coordenação regional Sudeste), Luciana Prass (coordenação regional Sul)

Ementa: Uma das principais contribuições da etnografia à Educação Musical é o exercício de desenvolver um olhar e uma escuta antropológicos (Arroyo, 2000) sobre experiências de aprendizagem e de ensino musical em diferentes contextos, problematizando nossas categorias de análise, nossas clivagens disciplinares, nossas organizações curriculares, nossas instituições e ampliando nossas noções de música e de educação musical em intenso contato com agentes de práticas culturais diversas. O desenvolvimento de uma escuta e de um olhar etnográficos norteará as discussões deste GTE, tendo em vista abordagens de pesquisa que contemplem diferentes contextos de ensino e/ou de aprendizagem, a partir de três eixos de discussão: 1. a observação do "como se aprende?" em práticas culturais tradicionais, comunitárias, afro-diaspóricas e indígenas, e não escolarizadas, a aprendizagem em contextos rituais, em festas, no espaço público e na vida cotidiana; 2. a observação de processos de ensino-aprendizagem em instituições de ensino, na sala de aula, desde a situação de uma aula particular até uma aula em escola regular, passando por escolas livres, igrejas, projetos, dentre vários outros contextos institucionalizados de ensino musical; 3. a observação e a problematização da transposição de práticas culturais tradicionais, de culturas afro-diaspóricas e indígenas, dentre outras, para o ensino institucional e/ou escolarizado em diferentes situações de sala de aula. A etnografia tem como "cerne" a experiência do/a pesquisador/a em campo: sua participação e relação com interlocutores/as são os principais meios de pesquisa. Quando observamos as práticas de perto, não há necessidade de categorizações, as hierarquias entre músicas ditas "eruditas", "populares" e "tradicionais" não têm lugar.

GTE 3 - Avaliação em Música: concepções, práticas e perspectivas

Coordenação: Caroline Caregnato (coordenação regional Norte), Fernanda Amorim (coordenação regional Nordeste), Leonardo Borne (coordenação regional Centro-Oeste), Tamar Genz Gaulke (coordenação regional Sudeste), Leonardo Borne (coordenação regional Sul)

Ementa: Este GTE é um lócus de discussão e geração de conhecimento sobre a Avaliação em Música, e tem como público-alvo pesquisadores em práticas educativas, performáticas e criativas para que o corpus sobre avaliação em música avance em todas as dimensões do fazer musical. Propõe-se que os trabalhos busquem compreensões

das concepções que a fundamentam, das práticas realizadas e das perspectivas que temos a futuro. Abaixo estão algumas perguntas que guiam, mas não limitam, as possíveis discussões neste GTE. 1. Criação de uma linguagem comum sobre avaliação em música: a literatura acadêmica traz diferentes termos, muitas vezes similares, e algumas vezes divergentes. Avaliação formativa, somativa, diagnóstica, prognóstica, mediadora, real, autêntica, rubricas, objetivos, escala tipo Likert, etc. Podemos criar uma linguagem comum? 2. Entre o controle e a melhora educativa e artística na e a partir da avaliação em música: ensinando para a avaliação ou avaliando para o ensino-aprendizagem? 3. Tendências e perspectivas da avaliação em música: o que tem sido feito na avaliação em música? De que maneira Brasil e América Latina estão avaliando? 4. Relações entre avaliação, currículo, sistema educativo e organismos nacionais internacionais: formas em que a avaliação em música está influenciada por outros interesses além da melhora da prática educativa. 5. Os atores da avaliação em música: relações e tensões entre artistas, performers, compositores, docentes, discentes, gestores. 6. Especificidades da avaliação em música: o que nos diferencia da avaliação em outros campos do saber (como os concertos, recitais e repertório musical)?

GTE 4 - Educação Musical e Humanização

Coordenação: Mariana Galon (coordenação regional Norte), Pedro Augusto Dutra de Oliveira (coordenação regional Nordeste), Denise Andrade de Freitas Martins (coordenação regional Centro-Oeste), Murilo Ferreira Velho de Arruda (coordenação regional Sudeste), Ilza Zenker Leme Joly (coordenação regional Sul)

Ementa: Este grupo temático tem como objetivo a produção de conhecimento sobre processos de humanização possíveis à educação musical. Busca-se discutir, debater e trocar experiências sobre pesquisas e ações que são desenvolvidas em torno de uma visão humanizadora da educação musical. Tendo como referência central a obra de Paulo Freire, acreditamos que uma educação musical humanizadora visa combater processos desumanizadores, refletidos na injustiça, opressão e violência que podem estar presentes no contexto educativo, inclusive na educação musical. Compreendemos também que possíveis mudanças não se dão fora do diálogo, da convivência, do respeito, da autonomia, da partilha, da criatividade, dos múltiplos saberes, enfim, de uma educação musical que vise o humano como sujeito capaz de intervir na realidade, transformando seu mundo. Sendo assim, o objetivo do grupo temático é agregar outros referenciais, pontos de vista e reflexões que tratem da temática, buscando uma construção dialógica em torno dela.

GTE 5 - Educação Musical e Pedagogia

Coordenação: Rosemara Staub coordenação regional Norte), Luciane Wilke Freitas Garbosa (coordenação regional região Nordeste), Sara Paraguassu Santos do Vale (coordenação regional Centro- Oeste), Luciana Requião (coordenação regional região Sudeste), Cláudia Ribeiro Bellochio (coordenação regional Sul)

Ementa: A ABEM tem tido atuação ímpar em pesquisas tematizadas na formação e nas práticas de professores referência que atuam nos primeiros anos de escolarização, ou seja, professores em formação ou egressos de cursos de Pedagogia que têm a unidocência como modus operandis de atuação profissional. No cenário da educação musical, na formação e nas práticas de professores unidocentes, problematiza-se a educação como um todo no processo formativo implicado na estruturação da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. Com isso, a proposição deste GTE é agregar e promover o debate organizado, não linear, de propostas e resultados de pesquisas envolvendo formação musical e pedagógico-musical no contexto dos cursos de Pedagogia e dos profissionais em serviço, além de pesquisas acerca de práticas escolares desenvolvidas no espaço da unidocência. Com vistas no exposto, a proposição deste GTE vem se somar às discussões empreendidas pela ABEM ao longo dos anos, fortalecendo a produção de conhecimentos e as práticas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental a partir do trabalho de professores unidocentes. No Congresso de 2021, através de chamada do GTE, o grupo discutiu 14 trabalhos com a abrangência de 4 estados e três regiões brasileiras. Trabalhos como esses dimensionam a relevância da temática e sua potencialidade em reunir pesquisadores, estudantes e demais interessados, de todas as regiões do Brasil, nesse necessário debate para a educação musical. Vamos ampliar essa rede e fortalecer a educação musical de pedagogos(a)s que são professores referência e têm na unidocência sua atuação profissional?

GTE 6 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica

Coordenação: Jéssica de Almeida (coordenação regional Norte), Ziliane Lima de Oliveira Teixeira (coordenação regional Nordeste), Delmary Vasconcelos de Abreu (coordenação regional Centro-Oeste), Inês de Almeida Rocha (coordenação regional Sudeste), Leda Maffioletti (coordenação regional Sul)

Ementa: O GTE constitui-se como um espaço de discussões sobre Educação Musical e suas interfaces na Pesquisa (Auto)biográfica, oportunizando a socialização de conhecimentos emergidos de processos intersubjetivos com a educação musical e seus sujeitos. A proposição deste GTE é agregar o Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical em rede, com o objetivo de investigar os processos de formação em

música: fontes, questões e dispositivos formativos como seminários de investigação-formação e construção de histórias de vidas de educadores e estudantes de música. No campo de pesquisa (auto)biográfica cabe-nos perguntar sobre que tipo de conhecimento é possível gerar com base nessas narrativas de si e qual é a sua relevância para o campo da Educação Musical no que concerne as especificidades epistemológicas do conhecimento que ela produz contribuindo para a construção de novas formas de se ocupar com estudos que tratam da relação da pessoa com a música e os meios de pesquisa sobre ela e com ela. São bem-vindos trabalhos que contemplem as seguintes temáticas: Dimensões epistemológicas e metodológicas, potencialidades e desafios das diversas abordagens para a pesquisa (auto)biográfica em educação musical; Espaços formativos, memórias, experiências e narrativas de adultos, jovens e crianças; Narrativas musicais, visuais, digitais e outras formas narrativas em educação musical; Histórias de vidas, biografias, autobiografias e seus entrelaçamentos com a educação musical, incluindo o uso deste tipo de narrativa como disparador do processo de pesquisa qualitativa em Educação Musical; Práticas musicais e suas metodologias como dispositivo formativo da pesquisa (auto)biográfica.

GTE 7 - Educação Musical e Relações Étnico-Raciais

Coordenação: Rafael Branquinho Abdala (coordenação regional Norte), Djenane Vieira Dos Santos Silva (coordenação regional Nordeste), Aurélio Nogueira de Sousa (coordenação regional Centro-Oeste), Beatriz Bessa coordenação regional Sudeste), Eduardo Guedes Pacheco (coordenação regional Sul)

Ementa: Este GTE tem como objetivo se constituir como espaço de aglutinação, circulação, divulgação e promoção da produção científica e artística de pessoas negras e não-negras, indígenas e não indígenas pesquisadoras/es e estudiosas/os das temáticas étnico-raciais, musicalidades indígenas e afrodiaspóricas de todo território nacional, e no/do ensino de Música no/do Brasil. Para tanto, a intenção é reunir trabalhos que possam problematizar a Educação Musical do/no Sul Global em seus diferentes contextos, numa perspectiva decolonial, contemplando manifestações não hegemônicas como práticas pedagógicas, formação docente, currículos, materiais didáticos e demais assuntos/temas que compõem a complexa trama que constitui essa área de conhecimento e que perpassa pelos espaços institucionais e não-institucionais que têm a Educação Musical como parte integrante das suas ações. Incentivamos trabalhos que estejam no bojo dessas discussões e que contribuam para a formação de uma nova epistemologia do/no/para o Sul Global.

GTE 8 - Educação Musical na Infância

Coordenação: Vivian Dell' Agnolo Barbosa Madalozzo (coordenação regional Norte), Angelita Maria Vander Broock Schultz (coordenador/a região Sudeste), Vinícius Eufrásio (coordenador/a região Nordeste), Tiago Madalozzo (coordenador/a região Centro-Oeste), Regiana Blank Wille (coordenador/a região Sul),

Ementa: O GTE "Educação Musical na Infância" é um fórum interdisciplinar em que pretendemos mobilizar a convergência de pesquisas ligadas às etapas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como aos cursos livres e a outros espaços não-escolares de iniciação musical ou de técnica de diferentes instrumentos musicais e da voz, de maneira individual ou em grupo. Partimos de uma definição abrangente de educação musical com destaque para as atividades de execução, criação e escuta musicais e em relação com as outras linguagens artísticas, em trabalhos que estejam afinados com um conceito plural de infância como categoria estrutural, social e geracional da sociedade, com uma definição complexa e contemporânea de criança como ser biopsicossocial, e reconhecendo o papel da música nas culturas infantis. O GTE recebe contribuições das áreas da Música, da Psicologia, da Antropologia, da Sociologia e dos Estudos da Criança, em temáticas como o desenvolvimento musical infantil, as metodologias ativas e criativas de ensino de música e os desafios metodológicos da pesquisa com (sobre/para) crianças e de formação de professores de música. Nosso principal objetivo é o de promover a produção e a disseminação de conhecimentos nesta destacada subárea da Educação Musical, com um espaço privilegiado de discussão em torno da temática.

GTE 9 - Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais

Coordenação: Maria Luiza Santos Barbosa (coordenação região Norte), Maria Luiza Santos Barbosa (coordenação região Nordeste), Danilo Ramos (coordenação região Sul), Mariana Stochero (coordenação região Centro-Oeste), Thenille Braun (coordenação região Sudeste),

Ementa: As Ciências Cognitivas, essencialmente interdisciplinares, englobam um amplo campo de estudo que investiga a relação mente/cérebro e os processos envolvidos na inteligência humana. O Grupo de Trabalho Especial Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais visa criar um espaço de diálogo entre pesquisadores e profissionais da área da Educação Musical para o aprofundamento das reflexões sobre as conexões entre educação musical e os temas das Ciências Cognitivas. Diante da sua diversidade temática, muitos tópicos podem impactar diferentes áreas da Educação Musical a partir de sua relação com as teorias da cognição, em especial através da Psicologia Cognitiva, tais como: desenvolvimento das

habilidades musicais; expressividade e emoção; processos envolvidos na composição, improvisação e execução musical; a percepção musical sob uma perspectiva cognitiva; a interação entre educação musical, linguagem, memória e cultura, dentre outros. No ano de 2021, o Grupo de Trabalho Especial recebeu contribuições sobre diversos temas, como motivação em música, engajamento musical, práticas musicais com idosos, representações mentais, memória, experiências de fluxo e as relações entre afetividade, cognição e aprendizagem musical. Convidamos você a enviar seu trabalho e compartilhar suas pesquisas e experiências no GTE deste ano para que possamos conhecer e discutir teorias e práticas capazes de promover a Educação Musical a partir de uma melhor compreensão dos processos cognitivos relacionados às habilidades musicais.

GTE 10 - Educação Musical, tecnologias e cultura participativa digital

Coordenação: Marcos da Rosa Garcia (coordenação regional Norte), Juciane Araldi Beltrame (coordenação regional Nordeste), Bruno Westermann (coordenação regional Sul), José Magnaldo de Moura Araújo (coordenação regional Centro-Oeste), Gutenberg de Lima Marques (coordenação regional Sudeste)

Ementa: Este GTE refletirá sobre as intersecções entre a educação musical, cultura participativa digital, tecnologias digitais e ambiências online. O GTE se constituirá enquanto espaço de discussão sobre práticas pedagógico-musicais que pertencem ao contexto específico da cultura participativa digital, compreendendo que estas práticas possuem características próprias oriundas do ambiente cultural em que foram produzidas, bem como de seus procedimentos de criação, interação e circulação. Alguns tópicos debatidos por estudos e pesquisas na área envolvem: práticas musicais digitais como remix, mashups, samples e tutoriais; cultura participativa digital e processos de ensino e aprendizagem musical; plataformas e jogos digitais musicais enquanto gêneros virtuais de construção de significados e aprendizagem; mudanças nas práticas de produzir, consumir e aprender música; elementos teórico-metodológicos específicos na pesquisa em educação musical envolvendo tecnologia e cultura participativa digital. Assim, este GTE aceitará trabalhos de diferentes contextos educativo-musicais, desde que pautados na interface com as tecnologias e práticas musicais digitais. Trabalhos que envolvam plataformas, mídias sociais, tecnologias digitais para a performance, criação, ensino e aprendizagem musical, pesquisas na/sobre internet, etc. A proposição deste grupo tem como justificativa o protagonismo que as tecnologias digitais possuem na mediação das nossas relações com música na contemporaneidade. Assim, é necessário ampliar e fortalecer o diálogo entre pesquisadores dedicados à temática no campo da Educação Musical. Diante do exposto: Como as práticas musicais inerentes à cultura participativa digital e seus

processos de criação, interação e circulação fomentam e reconfiguram práticas educativo-musicais, currículos e relações de ensino e aprendizagem?

GTE 11 - Ensino de música nas escolas de educação básica

Coordenação: Tainá Maria Magalhães Façanha (coordenação regional Norte), Mário André Wanderley Oliveira (coordenação regional Nordeste), Marcus Vinícius Medeiros Pereira (coordenação regional Sudeste), Thaís Lobosque Aquino (coordenação regional Centro-Oeste), Cristina Rolim Wolffenbuttel (coordenação regional Sul)

Ementa: A proposta deste GTE é congregar pesquisadores/as, professores/as e estudantes interessados/as em compartilhar experiências, estudos e reflexões sobre o ensino de música na escola de educação básica, abarcando as diferentes etapas e modalidades desse nível de ensino. São esperados, para este Grupo, trabalhos que se configurem como relatos de experiência, ensaios, estudos bibliográficos e pesquisas com diferentes enfoques, abordagens e orientações teóricas e teórico-metodológicas. Espera-se que o GTE: 1) intensifique a circulação do conhecimento e o debate sobre educação musical escolar, 2) fortaleça a rede formada por estudiosos/as do tema e 3) inspire/proponha a realização de novos trabalhos individuais e, sobretudo, coletivos.

GTE 12 - Ensino de música, inclusão e anticapacitismo

Coordenação: Lucian José de Souza Costa e Costa (coordenação regional Norte), Flávia Fagundes (coordenação regional Nordeste), Lisbeth Soares (coordenação regional Centro-Oeste), Valeria Peres Asnis (coordenação regional Sudeste), Camile Tatiane de Oliveira Pinto (coordenação regional Sul).

Ementa: Dando continuidade às discussões realizadas no XXV Congresso Nacional da ABEM, neste GTE o objetivo é discutir e aprofundar o estudo sobre as relações entre Educação Musical e o Anticapacitismo, em uma perspectiva inclusiva. Nesse sentido, podem ser submetidos trabalhos teóricos, relatos de experiências ou resultados de pesquisas (parciais ou finais) que abordem questões como: inclusão e anticapacitismo nos cursos de Ensino Superior de Música, nas escolas especializadas de Música, nas aulas de Música em escolas regulares e/ou em contextos não formais; performance musical e práticas pedagógicas de/com pessoas com deficiências, altas habilidades/superdotação, transtornos globais do desenvolvimento/do Espectro Autista (público da Educação Especial no Brasil, de acordo com a legislação em vigor); performance musical e práticas pedagógicas de/com pessoas com transtornos mentais e/ou de aprendizagem; capacitismo na Educação Musical; formação de professores de música diante das novas demandas inclusivas e anticapacitistas; processos pedagógicos

inclusivos; capacitismo, sociedade e inclusão musical; representações sociais na Educação musical inclusiva, construção de uma cultura inclusiva e anticapacitista, elaboração e uso de materiais e recursos na ótica anticapacitista e inclusiva, dentre outros. Não serão aceitos trabalhos que abordem questões relacionadas ao uso da música como ferramenta terapêutica ou como forma de socialização em contextos inclusivos, pois o foco é a Educação Musical. A intenção é fortalecer a discussão para o empoderamento e emancipação da pessoa com deficiência e/ou com transtornos no contexto do ensino-aprendizagem musical, validando o fazer musical inclusivo.

GTE 13 - Ensino Superior de Música

Coordenação: Luiz Fernando Barbosa Weber (coordenação regional Norte), Carla Pereira dos Santos (coordenação regional Nordeste), Jéssica de Almeida (coordenação regional Centro-Oeste), Fernando Stanzione Galizia (coordenação regional Sudeste), Cristina Mie Ito Cereser (coordenação regional Sul)

Ementa: O GTE "Ensino Superior de Música" compreende as pesquisas que possuem como foco a produção e aplicação dos conhecimentos em Educação Musical no âmbito da Educação Superior. As temáticas pertinentes incluem quatro dimensões: (1) Estado (inclui relação do poder público do Estado com o Ensino Superior de Música; políticas públicas em e para a Educação Superior, Cultura, Arte e Música, incluindo tensões e contradições nos marcos legais que regulamentam a formação de professores de Música para o Ensino Superior, etc.); (2) Sala de Aula (inclui ensino, aprendizagem, avaliação e currículo de Música na Educação Superior, metodologias de ensino em música, uso de TICs, EaD, práticas pedagógicas e inovações pedagógicas, tanto em cursos de graduação como de pós-graduação; etc.); (3) Atores sociais (inclui formação do professor universitário de música do/no ensino superior; identidade profissional docente; socialização profissional e trabalho acadêmico do professor universitário de música, etc.; inclusão social discente na universidade - bolsas, cotas, ações afirmativas etc.; desempenho acadêmico, vida social na universidade, condição de permanência, perfil discente, etc. e; (4) Instituição (inclui reformulação de PPCs em Música; organização acadêmica dos cursos de Música (bacharelado e licenciatura) das IES; o docente de música em cargos de gestão Universitária etc.). Todos vivemos o Ensino Superior de Música, seja como professor ou como aluno universitário. Trata-se de um nível complexo e importante, onde os profissionais que aí atuam possuem funções específicas. Assim, participe do nosso GTE e ajude a pavimentar caminhos concretos de transformação do Ensino Superior de Música.

GTE 14 - Gênero e sexualidade na Educação Musical

Coordenação: Wenderson Oliveira (coordenação regional Norte), Yanaêh Vasconcelos Mota (coordenação regional Nordeste), Hugo Romano Mariano (coordenação regional Centro-Oeste), Helena Lopes da Silva (coordenadora da região Sudeste), Gabriela Garbini Wenning (coordenadora da região Sul)

Ementa: Os debates e pesquisas sobre gênero e sexualidade na Educação têm se difundido no Brasil, sobretudo nas duas últimas décadas. Na Educação Musical, especificamente, é perceptível, também, o crescimento do número de estudos e iniciativas sobre o tema nos últimos anos. Diante deste cenário, este GTE tem como objetivos promover visibilidade para os estudos de gênero e de sexualidade na Educação Musical brasileira em diferentes perspectivas e proporcionar um espaço de discussão dessas temáticas e suas repercussões na Educação Musical em diferentes níveis e contextos. Estão convidadas a participar deste GTE pessoas interessadas na colaboração e constituição de um espaço de intercâmbio acadêmico-científico sobre gênero e sexualidade na Educação Musical. Busca-se ampliar perspectivas sobre a temática, a partir das seguintes linhas: feminismo[s] e Educação Musical; mulheres/mulheridades ou masculinidades no ensino-aprendizagem de música; transgeneridades e educação musical; estudos de gênero e educação musical; estudos de sexualidade e educação musical; estudos queer/transviados e educação musical; gênero e/ou sexualidade em perspectivas interseccionais (etnia[s], raça[s], deficiência[s], classes sociais etc); formação docente, currículos em música e a diversidade de gênero/sexual; e demais perspectivas que se relacionam com essas discussões.

GTE 15 - História da Educação Musical

Coordenação: Ana Paula Silva da Silva Amaral (coordenação regional Norte), Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti coordenação regional Nordeste), Flavia Maria Cruvinel (coordenação regional Centro-oeste), Inês de Almeida Rocha (coordenação regional Sudeste), Ivan Carlos Schwan (coordenação regional Sul)

Ementa: O GTE "História da Educação Musical" tem como meta reunir e fomentar investigações e ações acadêmicas, problematizando relações sobre práticas musicais-formativas, por meio de abordagens históricas. Considera-se a expressão educação musical como experiências, saberes, fazeres e formas de se relacionar com música, inseridas em processos sociais, culturais, espaciais e políticos amplos, que abarcam concepções, modalidades, formatos e temporalidades diversificadas, tratadas

por variadas correntes historiográficas contemporâneas. Evidenciando o campo de produção musical brasileiro e latinoamericano, em diálogo com demais continentes, ressalta-se diferentes noções sobre memória, temporalidade, cultura, grupo social, espaço geo-ciber territorial, o fazer e a fruição musical. Quanto ao fazer historiográfico, enfatiza-se a importância sobre múltiplas tipologias de fontes de informação; a necessidade de evidenciar novos marcos factuais; as relações com processos formativos em música e a perspectiva de elaborar novas narrativas interpretativas do passado, visando uma construção crítica do tempo presente, ampliando possibilidades para/sobre o futuro. O GTE tem expectativa de gerar conhecimentos de caráter inter/multidisciplinar, de forma a constituir epistemologias, considerando como ponto fundante o conhecimento fomentado a partir de processos de ensino, aprendizagem de/para/com música. Nesse escopo, acolhe-se um amplo leque de temáticas, dentre elas: processos de ensino-aprendizagem; biografias de educadores e de estudantes; institucionalização da forma escolar em níveis e modalidades variadas; profissionalização docente; formação do músico; métodos e materiais pedagógicos; marcas e efeitos das colonialidades e diásporas; gênero, raça, classe, interseccionalidade, sexualidade, violência, movimentos LGBTQIAPN+, movimentos étnicos, mulherismo africana e temáticas emergentes, analisadas pelo viés histórico

GTE 16 - Sociologia da Educação Musical

Coordenação: Celson Henrique Sousa Gomes (coordenação regional Norte), Antônio Chagas Neto (coordenação regional Nordeste), Jusamara Souza (coordenação regional Centro-Oeste), Lilia Neves Gonçalves (coordenação regional Sudeste), Lúcia Helena Pereira Teixeira (coordenação regional Sul)

Ementa: As discussões sobre potencialidades da pesquisa em sociologia da educação musical no Brasil surgiram durante o V Encontro Nacional da ABEM (Londrina, 1996), a partir da proposição do tema "A pesquisa em educação musical". A criação do GTE justifica-se tendo em vista pesquisas desenvolvidas ao longo dos anos e do potencial discursivo e reflexivo dessa temática, oportunizando reunir pesquisadores, professores, estudantes e demais interessados na compreensão de fenômenos pedagógico-musicais discutidos no campo da sociologia da educação musical. Este GTE tem como principais objetivos: a) Consolidar eixos/campos temáticos que vêm sendo desenvolvidos; b) Ampliar as visões no campo da sociologia da educação musical e suas interfaces com as ciências humanas e sociais; c) Propor estratégias para a elaboração e publicação de materiais necessários à formação dirigida à sociologia da educação musical; d) Incentivar a participação dos membros do GTE em redes nacionais e internacionais de pesquisa na área da sociologia da educação musical. Os eixos temáticos poderão abordar categorias das diferenças sociais (raça, classe, gênero, sexualidade, etnicidade,

geração, religiosidade, nacionalidade), identidades, processos de socialização, inclusão, exclusão, violência simbólica, interações na educação musical, entre outras, com fundamentos teóricos e metodológicos da educação musical em interface com as sociologias da infância, da juventude, do currículo, das profissões, da tecnologia, entre outros campos do conhecimento. Como proponentes do GTE 16 convidamos a@s participantes dos Encontros Regionais da ABEM para submeterem estudos, pesquisas e atividades de ensino para pensarmos a relação indissociável entre pessoas e música(s) no campo da educação musical

GTE 17 - Outros

Coordenação: Tainá Maria Magalhães Façanha (coordenação regional Norte), Matheus Henrique da Fonsêca Barros (coordenação regional Nordeste), Francine Kemmer Cernev (coordenação regional Centro-Oeste), José Alberto Salgado e Silva (coordenação regional Sudeste), Cássia Virgínia Coelho de Souza (coordenação regional região Sul)

FORMATO DOS TRABALHOS

Serão aceitas submissões de trabalhos em formato de comunicação ou simpósio, de acordo com as seguintes especificações:

1) Comunicação

O texto aprovado nesse formato deverá ser apresentado durante o evento, com o apoio de slides e/ou outros recursos disponíveis. A apresentação deverá ter duração máxima de 15 minutos; e o debate subsequente, no máximo, 10 minutos.

2) Simpósio

O simpósio, configurando-se como um conjunto de textos (mínimo três e máximo seis) aprovados, deverá ser apresentado durante o evento, com o apoio de slides e/ou outros recursos disponíveis. A apresentação de cada texto do simpósio deverá ter duração máxima de 15 minutos; e o debate subsequente, no máximo, 10 minutos.

Importante: os textos de um mesmo simpósio — dos quais espera-se que compartilhem algum aspecto (campo temático, campo empírico, orientação teórica e/ou teórico-metodológica etc.) — devem ser reunidos e submetidos em um mesmo arquivo.

MODALIDADE DOS TRABALHOS

As propostas enviadas como comunicação ou simpósio devem contemplar uma das seguintes modalidades:

1) Pesquisa em Andamento

Os trabalhos inscritos nessa modalidade deverão abordar uma questão de pesquisa em Educação Musical, explicitando os objetivos da investigação, os pressupostos teóricos, os procedimentos metodológicos previstos e/ou utilizados, bem como resultados parciais. A proposta deverá destacar, ainda, a contribuição que a pesquisa oferecerá para a área de Educação Musical e para a produção científica em geral. Os/As autores/as que submeterem trabalhos nessa modalidade deverão indicar, no processo de submissão, em qual das categorias abaixo o texto se enquadra:

a) Trabalho resultante de pesquisa realizada por estudante de graduação
b) Trabalho resultante de pesquisa realizada por estudante de mestrado
c) Trabalho resultante de pesquisa realizada por estudante de doutorado
d) Trabalho resultante de pesquisa realizada por pesquisador/a profissional, sem apoio de agência de fomento
e) Trabalho resultante de pesquisa realizada por pesquisador/a profissional, com apoio de agência de fomento
f) Outros

2) Pesquisa Concluída

Nessa modalidade, as propostas deverão consistir em trabalhos originados de pesquisas concluídas, explicitando os objetivos da investigação, bem como os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos utilizados. Os trabalhos devem destacar os resultados e as conclusões obtidas a partir do processo investigativo. Os/As autores/as que submeterem trabalhos nessa modalidade deverão indicar, no processo de submissão, em qual das categorias abaixo o texto se enquadra:

a) Trabalho resultante de pesquisa realizada por estudante de graduação
b) Trabalho resultante de pesquisa realizada por estudante de mestrado
c) Trabalho resultante de pesquisa realizada por estudante de doutorado
d) Trabalho resultante de pesquisa realizada por pesquisador/a profissional, sem apoio de agência de fomento

e) Trabalho resultante de pesquisa realizada por pesquisador/a profissional, com apoio de agência de fomento
f) Outros

3) Relato de Experiência

Os trabalhos enviados para essa modalidade deverão descrever uma experiência em ensino e aprendizagem da música já realizada ou em desenvolvimento, explicitando os fundamentos teóricos e práticos que alicerçaram a proposta. Os/As autores/as que submeterem trabalhos nessa modalidade deverão indicar, no processo de submissão, em qual das categorias abaixo o texto se enquadra:

a) Relato de experiência resultante de atuação como professor/a (abrangendo todos os níveis de ensino)
b) Relato de experiência docente a partir de sua atuação como aluno/a de graduação e/ou pós-graduação
c) Outros

NORMAS PARA ESTRUTURAÇÃO DOS TEXTOS

Os textos devem ser redigidos em português e devem ser estruturados no formato Microsoft Word (preferencialmente), RTF, OpenOffice ou WordPerfect. Autores/as não brasileiros/as poderão submeter trabalhos em espanhol ou inglês. Os textos deverão ter, **no máximo**, a seguinte extensão:

Comunicação: 4.000 palavras

Simpósio: 4.000 palavras (cada texto)

Informações gerais para a formatação e o envio dos textos:

- Para o cálculo do número total de palavras, não serão computados: título geral, resumo, palavras-chave e referências.
- O texto, enviado para submissão e avaliação do comitê científico, não deve conter, em qualquer de suas partes, nome(s), filiação institucional, ou outro tipo de informação que permita a identificação do/a(s) autor/a(es/as).
- Cada autor/a pode enviar, no máximo, três trabalhos, incluindo textos em coautoria.
- Caso o texto seja aprovado, **TODOS/AS os/as autores/as** do trabalho deverão ser associados/as da ABEM, estar em dia com a anuidade e inscritos/as no evento (o pagamento da inscrição e da anuidade deverão ocorrer até dia 15 de outubro de 2024).

Os textos, ainda, devem seguir as seguintes normas de citações, rodapé e referências:

Citações

- As citações diretas (literais) curtas (com até três linhas) devem ser inseridas no texto e colocadas entre aspas, seguidas da referência entre parênteses, com sobrenome(s) do/a(s) autor(es)(as), ano e página(s).
- As citações diretas longas (com mais de três linhas) devem ser colocadas em parágrafo separado, justificado, alinhado a 4 cm da margem esquerda e sem recuo na margem direita, utilizando espaço simples, fonte tamanho 11, e não devem ser colocadas entre aspas. Estas citações devem estar separadas do parágrafo anterior de acordo com as especificações do modelo de formatação de trabalhos.

- As citações indiretas (não literais) devem ser inseridas no texto, mas não devem ser colocadas entre aspas, e são seguidas da referência entre parênteses, com sobrenome(s) do/a(s) autor(es)(as), ano e página(s). Vale ressaltar que, mesmo nas citações indiretas, as páginas devem ser mencionadas, a não ser que o trecho citado se refira à obra como um todo.
- No caso de citações de obras em língua estrangeira, estas devem ser traduzidas (caso se considere necessário, o trecho na língua original pode ser apresentado em nota de rodapé).
- As citações do/a próprio/a autor/a devem ser colocadas de forma imparcial no texto reportando-se à fonte bibliográfica.
- As citações entre parênteses, utilizadas nos textos, devem se estruturadas da seguinte forma:

    - Uma obra, com um/a autor/a: (Green, 2002, p. 25)
    - Uma obra, com dois/duas autores/as (ou três): (Ferreira; Guimarães, 2003, p. 22)
    - Uma obra, com mais de três autores/as: (Moura et al., 2002, p. 15-17)
    - Duas obras, com mesmo/a autor/a: (Turino, 1992, p. 51-52, 1999, p. 13)
    - Duas obras, com autores/as diferentes: (Carvalho, 1992, p. 114-115; Turino, 1999, p. 13)

Notas de rodapé

Para as notas de rodapé deve ser utilizada a fonte em tamanho 10.

Referências

Devem ser apresentadas ao final do trabalho, em ordem alfabética pelo sobrenome do/a autor/a, em espaço simples, alinhadas apenas à esquerda, separadas por uma linha de espaço simples, seguindo as normas da ABNT (NBR 6023, de 2018). Ver exemplos abaixo:

- **Livros**

ÚLTIMO SOBRENOME, Prenome e sobrenome do/a autor/a [se tiver mais de um/a autor/a, separá-los com ponto e vírgula]. *Título do trabalho*: subtítulo [se houver]. Tradução [se houver]. Edição [se não for a primeira]. Local de publicação: Editora, ano.

Exemplos:

ABELES, Harold F.; CUSTODERO, Lori A. (Ed.). *Critical issues in music education:* contemporary theory and practice. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

- **Parte de livros (capítulos, artigos em coletâneas, etc.)**

ÚLTIMO SOBRENOME, Prenome e sobrenome do/a autor/a da parte da obra [se tiver mais de um autor/a, separá-los/as com ponto e vírgula]. Título da parte. In: ÚLTIMO SOBRENOME, Prenome e sobrenome do/a autor/a da obra [se tiver mais de um/a autor/a, separá-los/as com ponto e vírgula]. *Título do trabalho*: subtítulo [se houver]. Edição [se não for a primeira]. Local de publicação: Editora, ano. página inicial-final da parte.

Exemplo:

GROSSI, Cristina. Questões emergentes na avaliação da percepção musical no contexto universitário. In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara (Org.). *Avaliação em música*: reflexões e práticas. São Paulo: Moderna, 2003. p. 124-139.

- **Artigos em periódicos**

ÚLTIMO SOBRENOME, Prenome e sobrenome do autor do artigo [se tiver mais de um autor, separá-los com ponto e vírgula]. Título do artigo. *Título do Periódico*, Local de publicação, número do volume e/ou numeração do ano, número do fascículo, página inicial-final do artigo [não se aplica no caso de artigos publicados em revistas online, que não possuem número de páginas], data.

Exemplo:

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 5, p. 13-20, 2000.

BRESLER, Liora. Ethnography, phenomenology and action research in music education. *Visions of Research in Music Education*, Princeton, v. 8, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www-usr.rider.edu/~vrme/v8n1/vision/Bresler_Article___VRME.pdf>. Acesso em: 23 fev 2014.

- **Trabalhos em anais de eventos científicos**

ÚLTIMO SOBRENOME, Prenome e sobrenome do/a autor/a do Trabalho [se tiver mais de um/a autor/a, separá-los/as com ponto e vírgula]. Título do trabalho. *In*: NOME DO EVENTO, numeração do evento [se houver]., ano de realização, local. *Anais* [...]. Local de publicação: Editora, ano de publicação. página inicial-final do trabalho.

Exemplo:

BEYER, Ester. O ensino de música na educação infantil. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 7, 1998, Recife. *Anais* [...] Recife: ABEM, 1998. p. 27-42.

- **Documentos na internet: matéria (artigo, monografia) em uma página**

ÚLTIMO SOBRENOME, Prenome e sobrenome do/a autor/a da matéria [se tiver mais de um autor, separá-los/as com ponto e vírgula]. *Título da página*: subtítulo [se houver], data da página ou site. Disponível em: <endereço da página>. Acesso em: data.

Exemplo:

LOUREIRO, Mônica. Cartografando sons do Oiapoque ao Chuí. *CliqueMusic*: a música brasileira está aqui, ago. 2001. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/br/acontecendo/acontecendo.asp?Nu_Matéria=2837>. Acesso em: 07 nov. 2002.

PARÂMETROS AVALIATIVOS

Cada trabalho será avaliado por, pelo menos, dois ou duas pareceristas, com base nos quatro parâmetros abaixo indicados. Cada parâmetro receberá, de cada parecerista, pontuação de 1 a 5, sendo que 1 = insatisfatório; 2 = razoável; 3 = satisfatório; 4 = muito bom; e 5 = excelente.

1) Importância do trabalho

Aspectos a serem considerados: atualidade do trabalho; relevância do assunto; contribuições trazidas pelo trabalho para o avanço do conhecimento (conceitual ou empírico) na área de educação musical; relação do trabalho com o tema do Encontro.

[1] insatisfatório
[2] razoável
[3] satisfatório
[4] muito bom
[5] excelente

2) Conteúdo e estrutura do trabalho

Aspectos a serem considerados: clareza do(s) objetivo(s); clareza na exposição das ideias; consistência da argumentação; consistência e rigor na abordagem teórico-metodológica; coerência entre os objetivos e os resultados e conclusões; fundamentação das conclusões; pertinência e qualidade técnica dos exemplos (se houver).

[1] insatisfatório
[2] razoável
[3] satisfatório
[4] muito bom
[5] excelente

3) Referências

Aspectos a serem considerados: interlocução com a produção da área/diálogo com outros autores/as; consistência, atualidade e/ou relevância dos trabalhos referenciados.

[1] insatisfatório
[2] razoável
[3] satisfatório
[4] muito bom
[5] excelente

4) Adequação às modalidades e às normas estabelecidas na Chamada

Aspectos a serem considerados: atendimento das características da modalidade, conforme estabelecidas na Chamada de Trabalhos (comunicação / Pesquisa em andamento, pesquisa concluída ou relato de experiência); clareza do título; adequação das palavras-chave como indicadores de conteúdo; capacidade de o resumo sintetizar o conteúdo do trabalho, com ênfase na apresentação do(s) objetivo(s); adequação do resumo ao conteúdo do texto; qualidade da tradução do resumo e das palavras-chave; adequação do número de palavras; adequação a todas as normas estabelecidas na Chamada de Trabalhos.

[1] insatisfatório
[2] razoável
[3] satisfatório
[4] muito bom
[5] excelente

REQUISITOS PARA APROVAÇÃO:

- Serão aprovados os trabalhos que obtiverem, de dois ou duas pareceristas, pontuação igual ou superior a **14 pontos**.
- Terão uma terceira avaliação aqueles trabalhos que receberem pontuação igual ou superior a **14 pontos** de um/a parecerista e, de outro/a, pontuação igual ou inferior a **13 pontos**.
- Serão recusados textos que obtiverem pontuação igual ou inferior a **13 pontos** de dois ou duas pareceristas.
- Todos os/as autores/as receberão pareceres acerca dos seus trabalhos. Os/As avaliadores/as indicarão aspectos positivos e/ou negativos dos textos avaliados.
- Autores/as cujos trabalhos apresentarem potencial para contribuir de forma significativa com a literatura da área poderão ser convidados/as pelo Comitê Científico para ampliar seus textos e publicá-los na Revista da ABEM.

TEMPLATES E PLATAFORMA PARA SUBMISSÃO

Os trabalhos devem ser formatados de acordo com os templates a seguir. Baixe o modelo de sua região.

- Baixe aqui o template do XIII Encontro Regional Norte da ABEM
- Baixe aqui o template do XVII Encontro Regional Nordeste da ABEM
- Baixe aqui o template do XVIII Encontro Regional Centro-Oeste da ABEM
- Baixe aqui o template do XV Encontro Regional Sudeste da ABEM
- Baixe aqui o template do XXI Encontro Regional Sul da ABEM

Após formatados, os textos devem ser enviados, pelo sistema OCS, ao comitê científico da sua região. Clique em um dos *links* abaixo para acessar a plataforma.

- Comitê Científico do XIII Encontro Regional Norte da ABEM
- Comitê Científico do XVII Encontro Regional Nordeste da ABEM
- Comitê Científico do XVIII Encontro Regional Centro-Oeste da ABEM
- Comitê Científico do XV Encontro Regional Sudeste da ABEM
- Comitê Científico do XXI Encontro Regional Sul da ABEM

O modelo de formatação possui, além das definições para padronização dos trabalhos, o timbre do evento. Assim, os textos devem ser obrigatoriamente formatados DENTRO do *template*.

IMPORTANTE:

Os trabalhos submetidos devem atender a todas as especificações desta chamada. Os textos que não estiverem completamente de acordo com essas definições serão, automaticamente, desconsiderados para o processo de avaliação.

RECOMENDAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS

As seguintes recomendações foram elaboradas pelo *Grupo Assessor da Comissão de Diversidade, Acessibilidade e Ações Afirmativas da ABEM* (CDAAF-ABEM). As orientações são resultado de discussões, debates e do trabalho colaborativo do CDAAF.

Buscando atender à diversidade de gênero existente, recomendamos a utilização de uma linguagem que contemple todas as pessoas.

Também, para simplificar o acesso dos textos para pessoas com deficiência, recomendamos:

- a utilização de títulos que informem diretamente o conteúdo do texto;
- o desenvolvimento de estratégias para comunicar de forma acessível;
- a disponibilização, quando necessário, de *links* ativos/ clicáveis
- a utilização do recurso de texto alternativo e descrição de figuras, gráficos, tabelas e quadros.

Para conhecer o recurso de texto alternativo e saber como utilizá-lo, clique aqui.

ENCONTROS REGIONAIS DA ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

abem
Associação Brasileira de Educação Musical

DATAS E PRAZOS IMPORTANTES

Atividades	Datas e prazos
Publicação da chamada	17/06/2024 08/07/2024
Abertura do sistema para envio dos trabalhos	~~**24/06/2024**~~ **15/07/2022**
Fechamento do sistema para envio de trabalhos	~~**29/07/2024**~~ **12/08/2024**
Avaliação dos trabalhos pelos Comitês Científicos	23/08/2024 a 30/09/2024
Divulgação dos resultados e envio dos pareceres	30/09/2024
Revisão dos trabalhos pelos/as autores/as	15/10/2024
Envio da versão final dos trabalhos pelos/as autores/as	15/10/2024
Prazo final para autores/as com trabalhos aprovados realizarem a **inscrição** no evento e o **pagamento da anuidade** na Associação	15/10/2024
Divulgação dos dias, horários e outras informações sobre as sessões de comunicação e debates	Uma semana antes do início de cada Encontro

Data limite para envio de trabalhos:

12 DE AGOSTO DE 2024

até às 23h59min (horário de Brasília)

NOTA AOS/ÀS AUTORES/AS

Os trabalhos aprovados e apresentados no evento serão publicados integralmente nos anais [on-line] do evento. Conforme decisão da Assembleia Ordinária da ABEM, em novembro de 2011, somente os textos apresentados serão publicados.

Os trabalhos aprovados poderão ser apresentados **somente pelos/as seus/suas autores/as**. No caso de textos com dois/duas ou mais autores/as, o trabalho poderá ser apresentado por, pelo menos, um/a dos/as autores/as. Portanto, não será permitida a apresentação de trabalhos por terceiros.

A exatidão das referências constantes na listagem ao final dos trabalhos bem como a correta citação ao longo do texto são da responsabilidade do/a(s) autor/a (es/as) do trabalho.

Não serão aceitos trabalhos que estiverem fora das normas estabelecidas nesta chamada e no modelo de formatação de trabalhos. O não cumprimento do prazo e/ou a inadequação da revisão poderão implicar a não aceitação do trabalho para a publicação.

Os títulos dos trabalhos, informados nos metadados do sistema, devem conter, em primeiro lugar, o tipo de apresentação: **[Simpósio] Título do trabalho; [Comunicação] Título do trabalho.**

Abaixo do título do texto, deve ser informado o GTE do trabalho, conforme indicado no template.

A versão final, submetida após o processo de avaliação, deverá conter os dados de identificação, ser salva em **.doc** e ter a primeira página com dados para avaliação excluída (portanto, iniciando o documento com o título do trabalho).

A programação dos trabalhos será elaborada pelos comitês científicos, considerando as diferentes categorias e temáticas contempladas nos GTEs.

COMISSÕES REGIONAIS

Região Norte

Coordenação regional: Wenderson Oliveira (UFRR)
Coordenação local: Wenderson Oliveira (UFRR)
Presidência do Comitê Científico: Tainá Magalhães Façanha (UEPA)/Rafael Branquinho Abdala Norberto (UFRR)
Presidência do Comitê Didático-Pedagógico: Paulo Murilo Guerreiro do Amaral (UEPA)
comite.norte@abemeducacaomusical.com.br

Região Nordeste

Coordenação regional: Fábio Henrique Ribeiro (UFPB)
Coordenação local: Simone Sousa (UFC)
Presidência do Comitê Científico: Matheus Henrique da Fonsêca Barros (UFPE)
Presidência do Comitê Didático-Pedagógico: Carla Pereira dos Santos (UFPB)
comite.nordeste@abemeducacaomusical.com.br

Região Centro-Oeste

Coordenação regional: Leonardo Borne (UFMT)
Coordenação local: Eliton Perpétuo Rosa Pereira (IFG)
Presidência do Comitê Científico: Francine Kemmer Cernev (UnB)
Presidência do Comitê Didático-Pedagógico: Anderson Toni (IFMT)
Presidente do Comitê Artístico: Ana Lúcia Gaborim (UFMS)
comite.centrooeste@abemeducacaomusical.com.br

Região Sudeste

Coordenação regional: Hellem Pimentel (UFES)
Coordenação local: Hellem Pimentel (UFES)
Presidência do Comitê Científico: José Alberto Salgado e Silva (UFRJ)
Presidência do Comitê Didático-Pedagógico: Ilza Zenker Leme Joly (UFSCar)
comite.sudeste@abemeducacaomusical.com.br

Região Sul

Coordenação regional: Adriana Bozzeto (Unipampa)
Coordenação local: Vania Malagutti Loth (UEM)
Presidência do Comitê Científico: Cássia Virgínia Coelho de Souza (UEM)
Presidência do Comitê Didático-Pedagógico: Solange Maranho Gomes (Unespar)
comitesul@abemeducacaomusical.com.br

Realização:

abem Associação Brasileira de Educação Musical

UFRR

UFC SOBRAL

INSTITUTO FEDERAL Goiás

UFES 70 anos

Faculdade de Música do Espírito Santo "MAURÍCIO DE OLIVEIRA"

UEM Universidade Estadual de Maringá

Sesc

Anexo III - Programação das sessões de debate dos GTs


XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc
Programação das sessões de debate dos GTEs
abem
Associação Brasileira
de Educação Musical
UEM
Universidade Estadual de Maringá
Sesc
www.abemeducacaomusical.com.br

XXI Encontro Regional Sul da ABEM

PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE DEBATE DOS GTEs

Importante: Não faça o *download* deste documento. Acesse sempre on-line.

A Comissão Científica do XXI Encontro Regional Sul da ABEM apresenta a programação final das comunicações científicas.

Recomendamos fortemente que os/as autores cheguem ao menos 10 minutos antes da sessão das comunicações, até 14h20min (tanto nas sessões presenciais quanto nas sessões on-line).

Para facilitar a busca da programação de sua apresentação, utilize os atalhos de busca padronizados (Ctrl + f no Windows ou ⌘ + f no Mac) e digite seu nome ou parte do título do seu trabalho.

Todos os autores/as devem observar as recomendações para elaboração de apresentações acessíveis para pessoas com deficiência (disponível aqui - Link). Opcionalmente, este *template* de apresentação (*link*) poderá ser utilizado na elaboração dos seus slides.

Se você optou por fazer a apresentação do seu trabalho na **modalidade presencial**, solicitamos que nos envie os seus slides, de preferência em pdf, por meio deste formulário (Acesse aqui - Link), até o dia anterior à data de sua sessão.

Para identificar o número da sua sessão, verifique a indicação na parte superior do quadro onde aparece o seu trabalho.

Esse procedimento garantirá que os seus slides estarão prontos e testados no computador da sua sala, bem antes do início da sua sessão, evitando atrasos e transtornos decorrentes de eventuais problemas técnicos.

Sumário

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS NA MODALIDADE PRESENCIAL **5**
Sexta-feira – 22 de novembro de 2024 5
Sessão Presencial 01 5
GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical 5
GTE 13 - Ensino Superior de Música 5
Sessão Presencial 02 6
GTE 7 - Educação Musical e Relações Étnico-Raciais 6
GTE 11 - Ensino de música nas escolas de educação básica 6
Sessão Presencial 03 7
GTE 8 - Educação Musical na Infância 7
GTE 4 - Educação Musical e Humanização 7
Sessão Presencial 04 8
GTE 16 - Sociologia da Educação Musical 8
Sessão Presencial 05 9
GTE 10 - Educação Musical, tecnologias e cultura participativa digital 9
GTE 16 - Sociologia da Educação Musical 9
Sessão Presencial 06 10
GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical 10
GTE 5 - Educação Musical e Pedagogia 10
GTE 9 - Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais 10
GTE 11 - Ensino de música nas escolas de educação básica 10
Sessão Presencial 07 11
GTE 6 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica 11
GTE 17 - Outros

11
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS NA MODALIDADE ONLINE **12**
Sexta-feira – 22 de novembro de 2024 12
Sessão Online 01 12
GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical 12
GTE 4 - Educação Musical e Humanização 12
GTE 6 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica 12
GTE 13 - Ensino Superior de Música 12
Sessão Online 01 - cont. 13
Sessão Online 02 14
GTE 8 - Educação Musical na Infância 14
GTE 11 - Ensino de música nas escolas de Educação Básica 14
GTE 13 - Ensino Superior de Música 14
GTE 14 - Gênero e sexualidade na Educação Musical 14
GTE 15 - História da Educação Musical 14
GTE 16 - Sociologia da Educação Musical 14
Sessão Online 02 - cont. 15

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS NA MODALIDADE PRESENCIAL

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Sessão Presencial 01

GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical

GTE 13 - Ensino Superior de Música

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Local: Sala A – Sesc, prédio principal.

Coordenadora/Mediadora: Dra. Cristina Mie Ito Cereser

Horário	Título	Autores(as)
8h-8h20	A Formação e a Prática Pedagógica dos Professores de Contrabaixo Elétrico em Maringá, PR: Um Estudo Exploratório	André Ricardo Sarmanho, Cássia Virgínia Coelho de Souza
8h20-8h40	Autorregulação na formação de Professores de Música: estratégias e desafios na Universidade de Brasília	Francine Kemmer Cernev
8h40-9h	Diálogos sobre o Sul do Mundo: A Disciplina Música, Diversidade Cultural e Decolonialidade no Curso de Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá	Aline Carla Calegari, Ícaro Pierre Monteleone Rodrigues, Hugo Araujo, Jordanna Andretto Braz Pinto, Simone Cit
9h-9h20	Representações do Ser Professor para candidatos ao ingresso no Curso de Licenciatura em Música da UEPG	Rafael Dalalibera Rauski
9h20-9h40	Xivi ha'eguí Tupã reguá - o duelo da Onça com Tupã: a produção de materiais etnomusicológicos a partir de processos colaborativos e a interculturalidade crítica	Marília Raquel Albornoz Stein, Isaías Luz da Silva

Sessão Presencial 02

GTE 7 - Educação Musical e Relações Étnico-Raciais

GTE 11 - Ensino de música nas escolas de educação básica

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Local: Sala B – Sesc, prédio principal.

Coordenador(a)/Mediador(a): Dr. Eduardo Guedes Pacheco e Dra. Cristina R. Wolffenbüttel

Horário	Título	Autores(as)
8h-8h20	Análise do conteúdo de Música em Livros Didáticos escolares: um protocolo para livros de Arte	Andréia Schach Fey, Guilherme Gabriel Ballande Romanelli
8h20-8h40	Manuais de orientação para ensinar música na Escola Básica	Jennifer Gonzaga, Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia
8h40-9h	Práticas pedagógicas musicais: curricularização da extensão universitária realizada na Escola Básica	Mariana Ferraz Simões Hammerer, Paola Pudmovcki da Silva
9h-9h20	Origens e Heranças dos Povos Pampeanos na Cultura Gaúcha	Luiza Hermes, Luciane da Costa Cuervo
9h20-9h40	Lojas Africanas: um sul que é negro na formação de professoras da escola pública	Dulcimarta Lemos Lino

Sessão Presencial 03		
GTE 8 - Educação Musical na Infância **GTE 4 - Educação Musical e Humanização**		
Sexta-feira – 22 de novembro de 2024 **Local: Sala C – Sesc, prédio principal.** **Coordenador/ Mediador:** Dr. Edson Ponick		
Horário	**Título**	**Autores(as)**
8h-8h20	O fazer musical na infância: compondo uma sociedade democrática	Edson Ponick
8h20-8h40	Aprendizagem musical de pais e filhos: uma cena de campo	Larissa Fernanda da Silva Dias, Vania Malagutti
8h40-9h	Infância e aprendizagem de violão: questões éticas e metodológicas de uma pesquisa participativa com crianças	Douglas da Costa Rufatto, Sandra Mara da Cunha
9h-9h20	Educação Musical Humanizadora Para Uma Vida Criativa	Henrique Plautz Lisboa
9h20-9h40	Explorando sons com balões: uma experiência lúdica no ensino fundamental	Cristina Rolim Wolffenbüttel

Sessão Presencial 04

GTE 16 - Sociologia da Educação Musical

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Local: Sesc, Centro de Difusão Musical (CDM), Sala 09.

Coordenadora/ Mediadora: Dra. Lúcia Helena P. Teixeira

Horário	Título	Autores(as)
8h-8h20	Ouvindo as vozes que cantam juntas: impactos das práticas musicais em cantores do Baque do Pampa	Ana Verusca Lauer dos Santos, Lúcia Helena Pereira Teixeira
8h20-8h40	Perfil de egressos de Bacharelado em Música: um recorte de um estudo em andamento	Nayane Nazaré Silva de Macedo
8h40-9h	Da Teoria da Ação às ações músico-pedagógicas: uma pesquisa a partir da sociologia de Alfred Schütz	Maria Amélia Benincá de Farias, Taise Cristina Garcia, Bernardo Moacir Springer
9h-9h20	"Eu quero ser músico profissional": um estudo sobre o olhar que os jovens integrantes do Guri têm sobre profissionalização em música	Nicole Reis
9h20-9h40	O coro como um espaço de ensaios, apresentações e criação de arranjos: Relato de uma experiência a partir do Estágio Supervisionado em Música	Jusamara Souza, Marco Aurélio de Carvalho Aurich

Sessão Presencial 05

GTE 10 - Educação Musical, tecnologias e cultura participativa digital

GTE 16 - Sociologia da Educação Musical

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Local: Sala A – Sesc, prédio principal.

Coordenadora/ Mediadora: Dra. Lúcia Helena P. Teixeira

Horário	Título	Autores(as)
16h30-16h50	Construção de conhecimentos pedagógico-musicais na produção de conteúdo musical para as plataformas Instagram e YouTube: mulheres instrumentistas de contrabaixo elétrico na internet	Thaís Cardoso Lemos
16h50-17h10	Girando sons e formando futuros professores: uma análise das práticas músico-vocais e pedagógicas realizadas nos corais do Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé.	Maria Paula da Rosa Gonçalves
17h10-17h30	Compondo e gravando com um grupo de práticas vocais coletivas em contexto escolar	Lúcia Helena Pereira Teixeira, Lygia Aguirre Azambuja, Nicolas da Silva Braga, Willian da Fonseca Ferreira
17h30-17h50	Trilhas sonoras de jogos eletrônicos: impactos do uso do videogame nas aprendizagens musicais de jogadoras	Júlia Sória Martin, Adriana Bozzetto
17h50-18h10	Ensino de composição musical com DAWs para celulares smartphones	Bruno da Silva Borges
18h10-18h30	O Uso de Play Along no Ensino de Instrumentos de Metal em Projetos Sociais: Relato de Experiência	Rogerio Schilahta de Magalhães

Sessão Presencial 06

GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical

GTE 5 - Educação Musical e Pedagogia

GTE 9 - Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais

GTE 11 - Ensino de música nas escolas de educação básica

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Local: Sala B – Sesc, prédio principal.

Coordenadoras/ Mediadoras: Dra. Cristina R. Wolffenbüttel e Dra. Camile Tatiane de Oliveira Pinto

Horário	Título	Autores(as)
16h30-16h50	Os Cotidiáfonos na Educação Infantil	Alysson Siqueira
16h50-17h10	A Música nos Territórios Brincantes: Contribuições de um professor de música da rede municipal de Florianópolis	Vinícius Nicolodelli, Regina Finck Schambeck
17h10-17h30	O estágio supervisionado na educação infantil: práticas e reflexões	Camile Tatiane de Oliveira Pinto, Fabio Samuel Preu, Klaiton Thailor da Cruz
17h30-17h50	A Produção de subjetividades e performance musical: possíveis aproximações	Rafael Menotti Mazini, Vânia Beatriz Müller
17h50-18h10	O trabalho pedagógico do(a) professor(a) de música como fator de motivação para a aprendizagem musical escolar	Daniele Isabel Ertel, Cristina Rolim Wolffenbüttel

Sessão Presencial 07

GTE 6 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica

GTE 17 - Outros

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Local: Sala C – Sesc, prédio principal.

Coordenadoras/ Mediadoras: Dra. Leda A. Maffioletti e Dra. Cássia Virgínia C. de Souza

Horário	Título	Autores(as)
16h30-16h50	"É TUDO NOSSO!": Um Relato de Experiência sobre a Formação Docente em Música no Programa Musicar	Nalyn Moriah Lichs Cezar, Luis Bourscheidt
16h50-17h10	Projeto Social na Escola: Relatos sobre uma Banda de Música	Daniel Santos da Silva, Ana Lúcia Louro, Beatris Schmidt Faraco Mengarda, Patrícia Wilke, Pablo Reis
17h10-17h30	Rememorando na Rádio que ouvia: significados construídos em um trabalho com música para pessoas idosas	Islainy da Silva Prates, Nicole Penteado
17h30-17h50	Música em Projetos Sociais: Revisão de Literatura	Rogerio Schilahta de Magalhães, Vania Malagutti Fialho
17h50-18h10	Atuação profissional em música: um estudo a partir das narrativas de dois músicos-professores	Eliel Neris Joaquim, Vania Malagutti Fialho

APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS NA MODALIDADE ONLINE

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Sessão Online 01		
GTE 2 - Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem e de ensino musical **GTE 4 - Educação Musical e Humanização** **GTE 6 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica** **GTE 11 - Ensino de música nas escolas de educação básica** **GTE 13 - Ensino Superior de Música**		
Sexta-feira – 22 de novembro de 2024 **Local: Sala online** Link: https://meet.google.com/rgi-rktx-jaj **Coordenadora/ Mediadora:** Dra. Luciana Prass		
16h30-16h50	Afetar-se: a Pedagogia Afetiva na docência em Música	Thaynara Lima Lessing

Sessão Online 01 - cont.		
16h50-17h10	Aprendizagem e Formação em Educação Musical: Perspectivas dos Diários de Banda Militar	Hélio Xavier Guimarães Valentim, Ana Lúcia Louro
17h10-17h30	A relação da vida acadêmica dos discentes do Curso de Música da UNIPAMPA com a perspectiva da sociedade do desempenho do filósofo Byung Chul-Han	Julian Silva do Pinho, André Muller Reck
17h30-17h50	Diários, musicobiografização e intersubjetividade: caminhos possíveis para disciplinas de formação de professores de música após tragédia climática	Ana Lúcia Louro
17h50-18h10	A música como função de Expressão Emocional para pessoas com Paralisia Cerebral	Murilo Alves Ferraz, Vania Mallagutti Fialho
18h10-18h30	Folclore: problematizações do uso do termo no estudo de culturas de tradição oral	Aline Moraes Silva, Sandra Mara da Cunha

Sessão Online 02

GTE 8 - Educação Musical na Infância

GTE 11 - Ensino de música nas escolas de Educação Básica

GTE 13 - Ensino Superior de Música

GTE 14 - Gênero e sexualidade na Educação Musical

GTE 15 - História da Educação Musical

GTE 16 - Sociologia da Educação Musical

Sexta-feira – 22 de novembro de 2024

Local: Sala online

Link: https://meet.google.com/xmw-tbth-pnw

Coordenadores Mediadores: Dra. Gabriela Garbini Wenning, Dr. Danilo Ramos

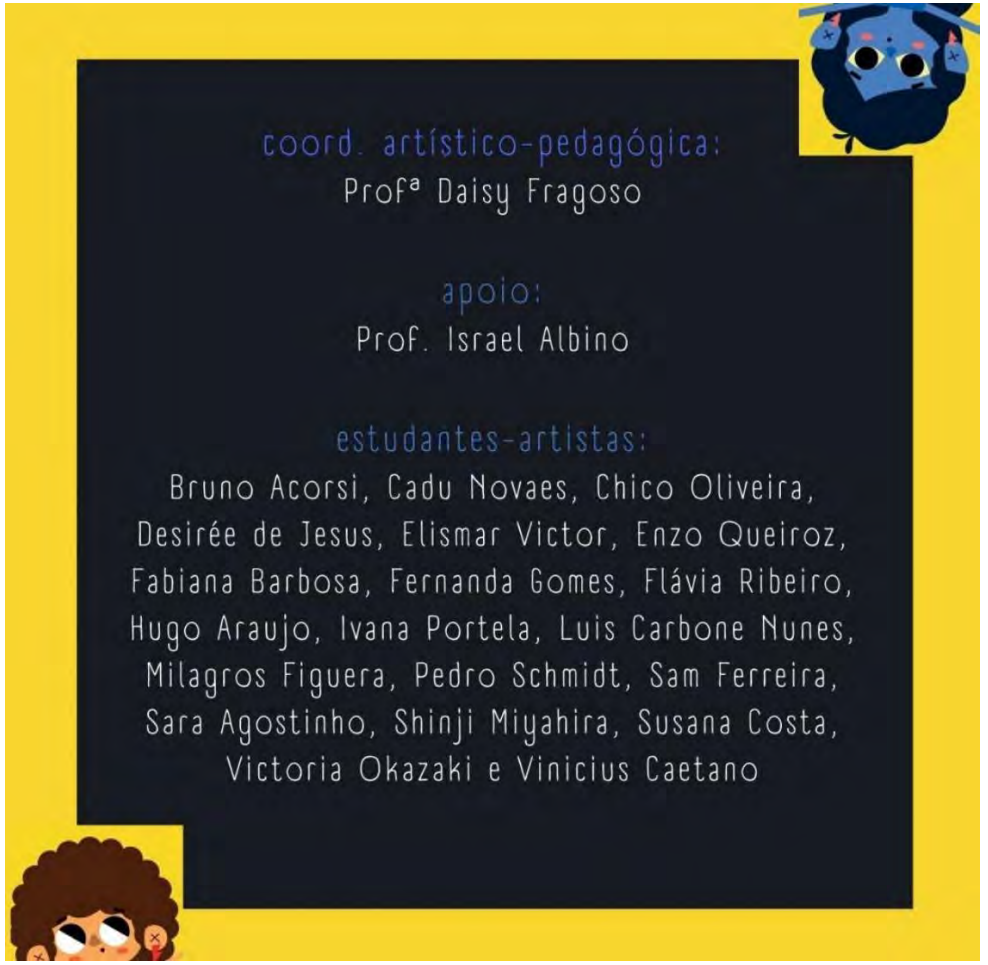
16h30-16h50	Práticas musicais e educação musical nas igrejas cristãs: uma pesquisa bibliográfica	Leonardo Giongo, Cristina Rolim Wolffenbüttel
16h50-17h10	Gênero e Interseccionalidade: formação para uma pedagogia musical crítica	Yasmim Frufrek Marques, Vânia Beatriz Müller
17h10-17h30	CriaMus (UFSM): Produção de materiais pedagógicos em música e formação docente	Luciane Wilke Freitas Garbosa, Thaynara Lima Lessing, Beatrís Schmidt Faraco Mengarda, Jade da Rosa Schneider, Daffny Cristina Molina Lemes, Douglas Duarte

Sessão Online 02 - cont.		
17h30-17h50	Composição e infância: um breve levantamento	Daniel Santiago Barroso, Sandra Mara da Cunha
17h50-18h10	CRIAMUS – práticas e experiências musicais: breve relato	Thaynara Lima Lessing, Beatrís Schmidt Faraco Mengarda, Daffny Cristina Molina Lemes
18h10-18h30	Projetos sociais em música e as demandas da contemporaneidade: um relato de experiência	Isac Costa Soares

Anexo IV - Programação Artística

E FOI ASSIM QUE EU E A ESCURIDÃO FICAMOS AMIGAS: UMA HISTÓRIA CANTADA (EMICIDA)





PRÁTICAS MUSICAIS COM ALUNAS DO PARFOR E DA GRADUAÇÃO



Programa:
Quinta-Feira 21/11/24 - 16h

História: Joãozinho e seu caminhão
Texto e composição: Paola Pudmovicki

Canário do Reino – Tim Maia

Direção: Profª Me. Mariana Hammerer

Alunas participantes (PARFOR):
Carla Patricia Lucio
Daniane Salustiano de Lucena Cruz
Elizia Gloziele da Costa
Isabel Cristina Guilherme
Juliana Keller Nogueira dos Santos
Liziane da Silva
Marcia Cristina Silvério
Maria Angélica Barbosa Ornelas
Rosineia Rosa

Acadêmica (graduação):
Paola Pudmovcki

GRUPO DE CORDAS DO MÓDULO EDUCAÇÃO MUSICAL DO CENTRO DE DIFUSÃO MUSICAL DO SESC MARINGÁ



Programa:
Quinta-Feira 21/11/24 - 19h

"Músicas brasileiras"

Asa Branca - Luiz Gonzaga

Anunciação - Alceu Valença

Ai que saudade d'oce - Vital Farias

Cirandeiro - canção folclórica do Recife

Águas de março - Tom Jobim

Professores: Larissa Dias, Eliel Joaquim e Marcelo Souza

FORROBODÓ (CHIQUINHA GONZAGA)



A História de "FORROBODÓ"
Quinta-Feira 21/11/24 - 19h

Foi no ano de 1911
Numa pensão da rua do Catete, onde residia Luiz Peixoto, vamos encontrar este e Carlos Bettencourt dispostos a escrever uma peça. Compram dois maços de cigarros, e às oito horas da noite, põem mãos à obra. O trabalho vai pela noite a dentro. Os cigarros acabam. Voltam a ser fumadas as pontas anteriormente desprezadas. As seis horas da manhã, quando o sol se levanta, o pano cai no final da peça. Estava escrita a burleta "Forrobodó". Mas tudo isso era apenas o começo de uma penosa jornada. Nenhuma empresa queria montar a obra dos dois novatos. Uma a uma fecharam-se as caras, e as portas também, diante dos dois autores. Mas eles insistem. Ambos fazem malabarismos incríveis para demonstrar o mérito da peça. Por fim, o popular empresário Paschoal Segreto, vencido pela infatigável insistência dos dois rapazes, chama Alvarenga Fonseca, que então dirigia o teatro São José, e ordena-lhe: "Vamos acabar de uma vez por todas com isto. Monte essa peça de qualquer maneira.". A peça ia ser representada apenas por isso: para que Paschoal Segreto se visse livre daqueles importunos. Montagem .... Qual nada! .... Não valia a pena perder tempo com aquilo .... Havia muita fantasia velha no depósito. E ordenou-se a busca. Mesmo assim se tornou imprescindível comprar uma farda de guarda noturno para o Alfredo Silva. Quanto custava isso .... Oitenta mil réis. E depois de alguma hesitação sempre se resolveu a Empresa a gastar com a montagem de "Forrobodó" oitenta mil réis. E "Forrobodó", com música de Francisca Gonzaga, a inolvidável protetora de todos os autores novos que revelassem qualidades, sobe à cena pela primeira vez para iniciar uma série de 1.500 representações consecutivas! ...

Disciplinas:
Laboratório de Canto I, II, III, IV

Projeto de Extensão "Técnica e Interpretação para o Canto Lírico"

Música de Chiquinha Gonzaga (1847- 1935)
Texto de Luiz Peixoto (1889-1973) e Carlos Bettencourt (1890 – 1941)

Ministrantes:
Prof. Dr. John Kennedy Pereira de Castro (Coordenador Geral e Direção Musical - DMC)
Profa. Dra. Cinthia Ruivo da Silva (Orientadora e Pianista Correpetidora - DMC)
Prof. Me. Pedro Carlos de Aquino Uchôa (Orientador e Direção Cênica - DCU)
Profa. Esp. Camila Patrícia Santiago Serafim (Orientadora DMC)

Personagens e Elenco

SEBASTIÃO (Vigia do Galinheiro): *Rodrigo Jorge Jacomini (Graduando em Música/Licenciatura em Educação Musical).
SIÁ ZEFERINA (Mulata): *Marilaine Corrêa Tenório (Graduada em Pedagogia e Graduanda em Música/Bacharelado em Canto).
GUARDA NOTURNO: *Mário Sérgio Raeski (Graduando em Música/Bacharelado em Canto).
ESCADANHAS (Secretário do Clube):*Flávio César Magalhães Lopes Rodrigues (Graduando em Artes Cênicas/Licenciatura em Teatro e Assistente de Direção Cênica e Coreografia).
PRAXEDES (Gerente do Clube): *Marco Aurélio da Silva Tavares (Graduando em Música/Bacharelado em Canto, Licenciado em Música e Mestre em Educação).
BARRADAS (Português, Presidente do Clube): *Paulo Roberto Carneiro (Participante do Projeto de Extensão/Canto e Graduado em Música/Canto).
MADAMA PETIT-POIS (Francesa): *Mirtha Ester Quiroz Jara (Graduanda em Música/Bacharelado em Canto).
LULU: **Leonardo Luís Pinheiro (Projeto de Extensão/Canto e Graduado em Biomedicina).
BICO DOCE (Jornalista): *Hágata Nathielly Almancio Moreira (Graduanda em Música/Bacharelado em Canto)
MAESTRO: *Carlos Eduardo da Fonseca Batista (Graduando em Música/Bacharelado em Canto).
RITA: *Pollyana Pereira de Morais (Graduanda em Música/Bacharelado em Canto).
SIÁ ROSA (Funcionária do Clube): *Isadora Soares Pontes (Graduanda em Música/Bacharelado em Canto e Graduada em Letras)

VOZES DO POVO:
Içara Vaz Dalla Costa (Graduanda em Música/Bacharelado em Composição Musical).
Luana Brancalhão de Souza (Graduanda em Música/Bacharelado em Canto e Graduada em Pedagogia);
Edilaine Júlia Anversi Coqui (Graduanda em Música/Bacharelado em Canto e Graduada em Pedagogia);
Josiane Cristina Fernandes Colombo (Graduanda em Música/Bacharelado em Canto);
Isabella Franchi Silva (Participante do Projeto de Extensão/Canto e Graduada em Psicologia);
Giovani Bonassoli Fernandes (Graduando em Medicina);
Samuel Henrique Palácio Cordeiro (Graduando em Música/Bacharelado em Canto);
Vera Lucia Modolo (Participante do Projeto de Extensão/Canto).

Participação Especial:
Aline Carla Calegari: Instrumentista Percussionista e Sonoplastia (Graduanda em Música/Licenciatura em Educação Musical).
Ícaro Pierre Monteleone Rodrigues: Instrumentista Percussionista e Sonoplastia (Graduando em Música/Licenciatura em Educação Musical).

ORQUESTRA LATINO-AMERICANA – OLA





ORQUESTRA DE CÂMARA DA UEM



PROGRAMA:
Sábado - 23/11/24

Ernst Mahle - Divertimento Hexatonal

Francisca Aquino - Gosto de Brasil
Solista: Prof. Dr. José Roberto Imperatore Vianna

Ernani Aguiar - Quatro Momentos Nº 3

Astor Piazzola - La Muerte del Angel
Arr. Jose Bragato

Violinos I: Prof. Dr. Paulo Egídio Lückman, Miriel Pagani, Lauanna Cunha e Silva, Jamille Bastos, Maria Clara Silva Dias.
Violinos II: Vinicius Pauluk Giaretta, Pablo Henrique dos Santos, Maria Beatriz Silva, Viviane Prestes, Cauã Lopes Silva.
Violas: Mariana Namie Inoue, Maria Júlia Martins, Gabrielly Lyandra dos Santos.
Violoncelos: Prof. Dr. Pedro Ludwig, Saulo Demchuski, Clésio Guarda Júnior.
Contrabaixo: Prof. Dr. José Roberto Imperatore Vianna

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação geral:
Adriana Bozzetto (UNIPAMPA)
Vania Malagutti Fialho (UEM)

Presidência do Comitê Científico:
Cássia Virgínia Coelho de Souza (UEM)

Presidência do Comitê Didático-pedagógico:
Solange Maranho (UNESPAR)

Coordenação Artística:
Simone Cit (UEM)

Coordenação do Fórum dos Coordenadores das Licenciaturas:
Sandra Mara da Cunha (UDESC)

Coordenação do Fórum de Estudantes:
Eduardo Pacheco (UERGS)
Matheus Leite (UNIPAMPA)

Suporte técnico e Infraestrutura:
Daisy Fragoso (UEM)
Larissa Dias (UEM / SESC)
Mariana Ferraz Simões Hammerer (UEM)
Nicole Penteado (UEM)
Natali Pardo (UEM)

Membros da equipe organizadora - Monitores/as
Bruno Nogueira
Bruno Shinji
Desirée de Jesus
Eliane Lança dos Santos Cabral
Enzo Gabriel da Silva André

Enzo Pereira de Queiroz
Fabiana da Luz Barbosa
Flavia Ribeiro dos Santos Felix
Gabriela Avila Nunes
Gabrielly Lyandra dos Santos
Hugo Souza Araujo
Isabel Oliveira
Ivana Portela Avila
João Paulo dos Santos da Silva
Lucas Simões Machado
Luiz Carlos Carbone Nunes
Maria Victória Pereira Okazaki
Milagros Isabel Figuera Rodriguez
Nathália Kodama Martins
Paola Pudmovcki da Silva
Pedro Augusto Schmidt
Rodrigo Jorge Jacomini
Sara Cristine Pereira Agostinho
Sara Davanso Marchi
Susana Costa
Suzana Pereira da Silva
Vinicius Bergamaschi
Vinícius Caetano de Souza

Anexo V - Divulgação das ações


UEM
Sesc
XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | UEM / SESC
Conferência de abertura
Educação Musical e
o Mundo do Trabalho:
entre a precariedade e
a transformação digital
Profa. Dra. Jusamara Souza (UFRGS)
abem
Associação Brasileira
de Educação Musical
www.abemeducacaomusical.com.br

XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc

Minicurso

Revisão de literatura: caminhos organizativos e práticos

(Profas. Klesia Garcia Andrade, Valdiene Carneiro Pereira e Anaide Maria Alves da Paz)



abem
Associação Brasileira
de Educação Musical

www.abemeducacaomusical.com.br


XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc
Minicurso
A humanização dos sentidos na educação musical
(Profa. Regina Stori)
www.abemeducacaomusical.com.br
abem
Associação Brasileira de Educação Musical


XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc
Minicurso
Batucatudo:
prática de percussão de
baixo custo em grupo
(Prof. Marcos Vieira)
www.abemeducacaomusical.com.br
abem
Associação Brasileira
de Educação Musical


XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc
Minicurso
Orquestra de pandeiros
(Prof. Eduardo Pacheco,
Profa. Maria Carolina Thomé)
www.abemeducacaomusical.com.br
abem
Associação Brasileira
de Educação Musical


XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc
Minicurso
Educação musical criativa: práticas e desafios contemporâneos
(Prof. Carlos Kater)
www.abemeducacaomusical.com.br
abem
Associação Brasileira de Educação Musical


XXI ENCONTRO REGIONAL
SUL DA
ABEM
EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc
Minicurso
Metodologia de aulas e
negócios para Educação Musical
(Profa. Cintya Soares)
www.abemeducacaomusical.com.br
abem
Associação Brasileira
de Educação Musical



abem
Associação Brasileira
de Educação Musical

UEM Universidade
Estadual de
Maringá

Sesc

CAPES

CCH Centro de
Ciências Humanas,
Letras e Artes

PMU Programa de
Pós-Graduação em
Música

DMC
Departamento de Música e Artes Cênicas

Música
UEM 21
anos

ESCOLA DE
MÚSICA
UEM

PEN

PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA

MARINGÁ
PREFEITURA
EDUCAÇÃO

BLESS
INTERNET

GIRASSOL
ecossistema educacional